

Blue Bloods 02: Masquerade

Melissa de La Cruz

Schuyler Van Alen quer uma explicação para as mortes misteriosas de jovens vampiros. Com seu melhor amigo, Oliver, Schuyler viaja para a Itália na esperança de encontrar o único homem que pode ajudá-la seu avô. Enquanto isso, em Nova York, os preparativos estão em curso febrilmente para o Hundred Four Ball, um baile de gala exclusivo organizado pelo rico Comitê. Mas além da festa, um baile de máscaras adicionado por Mimi Force, que o real perigo espreita. Escondido atrás de máscaras há uma revelação que irá mudar para sempre o curso do destino de um jovem vampiro. A saga Blue Bloods continua...

UM

Os pombos haviam retomado a St. Mark's Square.

Centenas deles: Gordos, cinzas, acorados e silenciosos, bicando nas vidraças pedaços de Sfogliatelle* (São tortinhas com um recheio cremoso) e migalhas de pão uva que turistas descuidados tinham deixado para trás. Era meio-dia, mas o sol estava escondido atrás das nuvens, e uma sombria mortalha tinha caído sobre a cidade. As gôndolas foram alinhadas nas docas, vazias, seus gondoleiros de camisas listradas inclinados sobre seus remos, à espera de clientes que não tinham chegado. As águas estavam na maré baixa, às manchas escuras dos níveis mais elevados, visíveis na fachada dos edifícios.

Schuyler Van Alen repousava seus cotovelos sobre a frágil mesa da cafeteria e pôs a cabeça nas mãos, de modo que a parte inferior de seu queixo ficasse escondida debaixo da sua gola olímpica tamanho desproporcional. Ela era um vampiro Blue Blood, a última dos Van Alen-uma antiga família proeminente de New York, cuja influência e liberalidade tinha sido fundamental na atual Manhattan. Uma vez, o nome Van Alen tinha sido sinônimo de poder, privilégio e patrocínio. Mas isso foi há muito tempo e a fortuna da família foi diminuindo ao longo de muitos anos: Schuyler estava mais familiarizada com economizar dinheiro do que com jornada de compras. Suas roupas-A gola olímpica preta que pendia fora de seu quadril, um casaco com crítica ao exército, e surradas botas de motoqueiro eram das econômicas lojas de roupas usadas.

Em qualquer outra garota, o conjunto pode parecer grosseiro, como se tivesse sido jogado junto por um mendigo sem teto, mas em Schuyler isto se tornou

trajes igual a da realeza, e fez suas feições em formato de coração ainda mais

surpreendente. Com a sua pálida pele marfim, profundos olhos azuis, e a massa dos escuros cabelos pretos azulado, ela era impressionante, uma criatura impossivelmente adorável. Sua beleza era ainda mais benevolente quando ela sorria, apesar de haver poucas chances disso está manhã.

—Se anime Oliver Hazard-Perry disse, levantando uma pequena xícara de café expresso para os lábios. —Aconteça o que acontecer, ou não acontecer, pelo menos tivemos um pouco de



descanso. E a cidade não parece linda? Vamos, você tem que admitir que estar em Veneza é muito melhor do que estar presa em Chem Lab.

Oliver tinha sido o melhor amigo de Schuyler desde uma desengonçada infância,

floppy-haired*, adolescente bonito, com um ligeiro sorriso sarcástico e gentil, olhos cor de amêndoa. Ele era seu confidente e parceiro no crime e, como ela tinha aprendido não há muito tempo, seu canal humano-tradicionalmente um assistente de vampiro e homem de esquerda, uma posição de servidão exaltada. Oliver tinha sido instrumental em pegar eles de New York a Veneza em um curto período de tempo. Ele tinha sido capaz de convencer seu pai a deixá-los acompanhar ele em uma viagem de negócios para a Europa.

*não achei nenhuma tradução pra isso, mas é um tipo de corte de cabelo.

Apesar das alegres palavras de Oliver, Schuyler estava triste. Era seu último dia

em Veneza e eles não tinham encontrado nada. Amanha eles voariam de volta

para New York de mãos vazias, sua viagem um completo fracasso.

Ela começou a rasgar de lado o rótulo sobre sua garrafa Pellegrino*; a rasgando cuidadosamente então abriu uma longa e fina tira de papel verde. Ela apenas

não queria desistir tão cedo.

Quase dois meses antes, a avó de Schuyler, Cordelia Van Alen, tinha sido atacado por um Silver Blood, o inimigo mortal dos vampiros Blue Blood. Schuyler tinha aprendido de Cordelia que, como os Blue Bloods, os Silver Bloods eram anjos caídos, condenados a viver sua vida eterna na terra. No entanto ao contrário dos Blue Bloods, vampiros Silver Blood tinham que jurar lealdade ao príncipe exilado do paraíso, o próprio Lúcifer, e tinham se recusado a cumprir com o código dos vampiros, uma rigorosa regra de ética que os Blue Bloods esperavam que ajudasse a trazer seu eventual retorno ao paraíso.

Cordelia tinha sido a responsável legal de Schuyler. Schuyler nunca tinha conhecido seus pais: seu pai morreu antes dela nascer, e sua mãe tinha caído em um coma logo após seu parto. Na maior parte da infância de Schuyler, Cordelia tinha sido distante e afastada. Mas ela era a única família que Schuyler tinha no mundo, e para melhor ou pior, ela tinha amado sua avó.

—Ela tinha certeza de que ele estaria aqui, disse Schuyler inconsolavelmente jogando migalhas de pão aos pombos que tinham se reunido debaixo da sua mesa. Isso era algo que ela vinha dizendo desde que eles chegaram em Veneza.

O ataque do Silver Blood tinha deixado Cordelia enfraquecida, mas antes sua avó tinha sucumbido ao estado passivo (Vampiros Blue Blood são continuamente reencarnados em seres imortais), ela tinha pressionado Schuyler sobre a necessidade de encontrar seu desaparecido avô, Lawrence Van Alen, a quem acreditava ter a chave para derrotar os Silver Bloods.

* uma marca de água mineral.

Com seu último suspiro, a avó de Schuyler tinha instruído ela a viajar até Veneza, para pentear as tortas ruas da cidade e sinuosos canais por qualquer sinal dele.

—Mas nós já olhamos em todos os lugares. Ninguém jamais sequer ouviu falar de um Lawrence Van Alen, ou um Dr. John Carver, Oliver suspirou, apontando que eles tinham feito dezenas de inquéritos na universidade, no Harry's Bar, no Cipriani, e em todos os hotéis, villas e pensões nos intervalos. John Carver tinha sido um nome, Lawrence tinha pegado durante a colonização de Plymouth.

—Eu sei. Estou começando a achar que ele nunca existiu, respondeu Schuyler.

—Talvez ela estivesse errada-muito fraca e desorientada e confusa sobre onde te enviar, Oliver sugeriu. —Isso poderia acabar sendo apenas uma perseguição a ganso selvagem.

Schuyler ponderou a possibilidade. Talvez Cordelia tivesse sido enganada, e talvez Charles Force, o líder dos Blue Bloods, estivesse certo depois de tudo. Mas a perda da sua avó tinha afetado ela terrivelmente, e Schuyler foi mantendo uma ardente determinação para realizar o antigo desejo final da mulher.

—Eu não posso pensar assim Ollie. Se eu pensar, então eu terei cedido. Eu tenho que encontrar ele. Tenho que encontrar meu avô, dói muito pensar sobre o que Charles Force disse... .

—O que ele disse? Oliver perguntou. Schuyler tinha mencionado uma conversa que ela teve com Charles antes deles saírem, mas tinha guardado os detalhes vago.

—Ele disse... , Schuyler fechou seus olhos e lembrou o encontro cheio de tensão. Ela tinha ido ver sua mãe no hospital. Allegra Van Alen estava linda e distante

como sempre, uma mulher que hesitou entre a vida e a morte. Ela tinha escorregado em um estado catatônico logo depois de Schuyler nascer. Schuyler não tinha sido surpreendida ao encontrar um amigo visitante na cabeceira da sua mãe.

Charles Force estava joelhado perto da cama, mas ele se levantou logo e limpou seus olhos quando viu Schuyler. Schuyler sentiu uma pontada de pena pelo homem. Apenas um mês atrás, ela tinha acreditado que ele era a personificação do mal. Tinha até acusado ele de ser um Silver Blood. Como desligar a marca que tinha existido.

Charles Force era Michel, puro de coração, um dos arcanjos que tinha voluntariamente escolhido o exílio do paraíso para ajudar seus irmãos que tinham sido expulsos durante a revolta de Lúcifer e amaldiçoados a viver suas vidas na terra como os Blue Bloods. Ele era um vampiro apenas por escolha, não por pecado. Sua mãe, Allegra Van Alen, era apenas outro vampiro que

compartilhou essa distinção. Allegra era Gabrielle, a incorrupta, a virtuosa. Michel e Gabrielle tinham uma longa e confusa história. Eles eram gêmeos vampiros, ligados por sangue um ao outro, e tinham sido nascidos irmão e irmã, neste

ciclo.

A ligação era um voto imortal entre Blue Bloods, mas Gabrielle tinha abandonado o voto quando ela conheceu o Red Blood pai de Schuyler, seu familiar humano,

em vez de marido.

—Você sabe por que sua mãe está em coma? Ou escolheu ficar em coma? Charles tinha perguntado.

Schuyler acenou. —Ela jurou nunca ter outro familiar humano depois que meu pai morreu. Cordélia disse que era porque ela queria morrer sozinha. —Mas ela não pode. Ela é um vampiro. Então ela vive. Charles disse amargamente. —Se é isto que você chama de vida.

—É a escolha dela, Schuyler disse, sua voz plana. Ela não tinha gostado do julgamento inato nas palavras de Charles.

—Escolha, Charles amaldiçoou. —Uma percepção romântica, mas nada mais. Ele se virou para Schuyler. —Eu ouvi dizer que você está indo pra Veneza.

Schuyler acenou. —Nós partimos amanhã. Para encontrar meu avô, ela declarou. Diz-se que a filha de Gabrielle nos trará a salvação que procuramos. Sua avó tinha contado a ela. Apenas seu avô sabe como derrotar os Silver Bloods. Ele ajudaria você.

Cordelia tinha explicado que durante a história do mundo, Silver Bloods tinham saqueado os Blue Bloods, consumindo seus sangue e suas memórias. Os últimos

ataques conhecidos tinham acontecido em Plymouth, quando os vampiros

tinham atravessado para o novo mundo. Quatrocentos anos mais tarde, na cidade de New York, quando Schuyler tinha começado seu segundo ano na elite

Duchesne School, os ataques tinham começado novamente. A primeira vítima foi

uma colega estudante-Aggie Carondolet. Logo depois da morte de Aggie, a contagem dos corpos tinha aumentado. Mais perturbador para Schuyler, todos os

mortos tinham sido adolescentes Blue Bloods, pegos durante seu mais vulnerável

período entre os quinze e vinte e um anos, antes de estarem totalmente no controle de seus poderes.

—Lawrence Van Alen é um banido, um exilado, Charles Force disse. —Você irá

encontrar nada mais que confusão e tristeza se você viajar para Veneza, O olhar feito de aço do magnata declarou.

—Eu não me importo, Schuyler murmurou, seus olhos abatidos. Ela agarrou a

borda do seu suéter com força, o torcendo em nós. —Você ainda se recusa a reconhecer que os Silver Bloods voltaram. E já houve vários de nós que foram pegos.

A última morte tinha acontecido logo após o funeral da sua avó. Verão em Amory, último ano de Déb, ela tinha sido encontrada drenada na sua cobertura em Trump Tower. A pior parte sobre os Silver Bloods era que eles não trazem

nenhuma morte—eles trazem um destino pior que a morte. O código dos vampiros proibia expressamente eles de executarem a Caerimonia Osculo, o

sagrado beijo, a alimentação de sangue—sobre o seu próprio tipo. A Caerimonia era um ritual regulamentado com regras rigorosas sem os humanos serem maltratados, ou totalmente drenados.

Mas Lúcifer e suas legiões descobriram que se eles executassem o beijo em outros vampiros em vez de humanos, isto faria deles mais poderosos. O Red

Blood guardava o poder da vida de apenas um ser, enquanto o Blue Blood era mais potente, incluindo nisto um imortal baluarte de conhecimento. Os Silver Bloods consumiam o sangue e a memória dos vampiros, sugando eles para

completar a dissipação, fazendo o Blue Blood um escravo para uma insana consciência. Os Silver Bloods foram os muitos seres aprisionados em uma casca,

pra sempre. Abominação.

Charles Force aprofundou a carranca. —Os Silver Bloods tem sido banidos. Isto é impossível. Existe outra explicação para o que aconteceu. O comitê está

investigando.

—O comitê não está fazendo nada! O comitê vai continuar a não fazer nada! Schuyler argumentou. Ela sabia a história que Charles Force se uniu para que os

Blue Bloods tivessem vencido a batalha final na antiga Roma, quando ele tinha derrotado o próprio Lúcifer, então conhecido como o maníaco Silver Blood imperador Calígula, e enviou-o dentro do profundo fogo do inferno pela ponta da

sua espada dourada.

—Como quiser, Charles suspirou. —Eu não posso te impedir de ir pra Veneza, mas eu devo avisar a você que Lawrence não é metade do homem que Cordelia

desejou que fosse.

Ele levantou o queixo de Schuyler, ela o fitou com desconfiança. —Você deveria tomar cuidado filha de Allegra, Ele disse em um tom carinhoso.

Schuyler estremeceu na memória do seu toque. As duas últimas semanas não tinham feito nada, mas provar que Charles Force poderia saber sobre o que ele estava falando. Talvez Schuyler devesse apenas parar de fazer perguntas, voltar

pra New York, e ser uma boa garota, uma boa Blue Blood. Uma que não questionaria os motivos ou razões do comitê. Uma cujo único problema era o

que vestir para o baile quatrocentos no St. Regis.

Ela soprou fora sua franja e olhou suplicantemente através da mesa em seu melhor amigo. Oliver tinha sido um fiel defensor. Ele tinha estado do lado dela

durante toda a tentativa, e durante todos os dias caóticos logo após o funeral da sua avó.

—Eu sei que ele está aqui, eu posso senti-lo, Schuyler disse. —Eu desejo que não

tenhamos que sair tão cedo. Ela colocou a garrafa, completamente sem seu rótulo, de volta na mesa. O garçom chegou com o cheque, e Oliver escorregou rapidamente seu cartão de crédito no bloco de papel de couro antes que Schuyler pudesse protestar.

Eles decidiram pegar carona em uma gôndola para um ultimo tour na antiga cidade. Oliver ajudou Shuyler a entrar no barco e os dois se inclinaram para trás

sobre a almofada de pelúcia ao mesmo tempo, de forma que seus cotovelos se pressionaram um contra o outro. Schuyler tirou devagar uma pequena parte, se

sentindo um pouco envergonhada na sua proximidade física. Isto era novo. Ela tinha sempre se sentido confortável com Oliver no passado. Eles cresceram juntos nadando nus no lago atrás da casa da sua avó em Nantucket, gastando pernoites enrolados um ao lado do outro no mesmo duplo espaçoso saco de dormir. Eles estavam tão próximos como irmãos, mas ultimamente ela tinha descoberto que estava reagindo à sua presença como uma recém descoberta auto-consciente que ela não poderia explicar. Era como se ela tivesse acordado em um dia e descoberto que seu melhor amigo era também um garoto e um muito bonito.

O gondoleiro empurrou para fora da doca, e eles começaram sua lenta viagem. Oliver tirou fotos, e Schuyler tentou desfrutar da vista. Mas tão bela como a

cidade era, ela não pode ajudar, mas sentiu uma onda de angustia e desamparo.

Se ela não encontrasse seu avô, o que ela faria então? Além de Oliver, ela estava sozinha do mundo. Indefesa. O que aconteceria com ela? O Silver Blood-se

tivesse sido um Silver Blood-já tinha quase a pego duas vezes.

Ela pressionou a mão em seu pescoço como se para defender a si própria do ataque passado. Quem sabia se ou quando ela iria voltar? E pararia o massacre,

como o comitê espera ou será que continuaria, como ela suspeitou, até que

todos eles fossem pegos?

Schuyler tremeu, embora não houvesse frio no ar, olhou através do canal, e viu uma mulher andando pra fora de um edifício.

Uma mulher que parecia assustadoramente familiar.

Não pode ser, Schuyler pensou. Isto é impossível. Sua mãe estava em coma num quarto de hospital em New York. Não havia jeito de ela poder estar na Itália. Ou ela pode? Havia algo sobre Allegra que Schuyler não sabia?

Quase como se tivesse ouvido ela, a mulher olhou direto para dentro dos olhos de Schuyler.

Era sua mãe. Ela tinha certeza disso. A mulher tinha o fino cabelo loiro de

Allegra, o mesmo nariz aristocrático, a mesma lâmina de faca no osso da bochecha, a mesma figura ligeira, os mesmos brilhantes olhos verdes. —Oliver - isto é - ó meu Deus! Schuyler exclamou, puxando seu amigo pelo casaco. Ela apontou freneticamente por todo canal. Oliver virou.

—Huh?

—Essa mulher... eu acho que é a minha... minha mãe! Lá! Schuyler disse, apontando pra uma figura correndo rapidamente, desaparecendo em uma multidão de pessoas que abandonavam o Ducal Palace.

—Que diabos você está falando? Oliver pediu, mapeando a calçada onde Schuyler estava apontando. —Essa mulher? É sério? Céus, você está fora da sua mente? Sua mãe está num hospital em New York. E ela está catatônica, Oliver

disse furiosamente.

—Eu sei, eu sei, mas... Schuyler disse. —Olhe, lá está ela novamente—é ela, eu juro por Deus, é ela.

—Onde você pensa que está indo? Oliver exigiu, quando Schuyler mexeu seus pés.

—O que deu em você? Agüente! Céus, se sente! Ele abaixou sua respiração e murmurou.

—Isto é um enorme desperdício de tempo.

Ela se virou e olhou furiosa para ele. —Você não tem que vir comigo, você sabe. Oliver suspirou. —Certo, como se você tivesse ido pra Veneza por conta própria? Você nem sequer esteve no Brooklyn.

Ela exalou alto, mantendo seus olhos focados na mulher loira, se coçando para estar fora do barco que se movia lentamente. Ele estava certo. Ela lhe devia um grande tempo por acompanhá-la até Veneza, e isto irritou ela que era tão

dependente dele. Ela contou assim.

—Você é suposta a ser independente de mim, Oliver explicou pacientemente. —Eu sou o seu canal humano. Eu sou suposto a te ajudar a navegar no mundo

humano. Eu não percebi que significaria ser seu agente de viagem, Mas hey!

—Então me ajude, Schuyler mordeu. —Eu preciso ir... Ela disse freneticamente. Ela decidiu e pulou da gôndola até a calçada num gracioso salto que nenhum

humano teria sido capaz de executar, desde que eles estavam uns bons trinta metros do pertíssimo marciapiede*(calçada em Italiano)

—Espere! Schuyler! Oliver gritou, se mexendo para acompanhar. —Andiamo! Segua quella ragazza! Disse, encorajando o gondoleiro a seguir Schuyler, mas não totalmente certo que o poder do barco do homem seria o melhor caminho

para caçar um vampiro se movimentando rápido.

Schuyler sentiu seu foco de visão e seus sentidos aumentarem. Ela sabia que estava se movimentando rápido-tão rapidamente que sentia como se todos os

outros ao seu redor estivesse de pé imóveis. No entanto, a mulher estava se movendo tão rápido, se não mais rápido, decolando através dos estreitos canais que se arrastavam dentro da cidade, evitando lanchas e voando em direção ao

outro lado do rio. Mas Schuyler era certa em seus saltos, as duas eram dois borrões de movimento através da vista da cidade. Schuyler se encontrou inesperadamente alegre pela perseguição, como se ela estivesse esticando

músculos que nem sabia que ela tinha.

—Mãe! Ela finalmente se sentiu desesperada o suficiente para gritar quando ela assistiu a mulher saltar graciosamente de um balcão para uma passagem

secreta.

Mas a mulher não voltou atrás, e rapidamente desapareceu dentro da porta de um palazzo próximo.

Schuyler pulou para a mesma aterrissagem, pegou seu fôlego, e seguiu a mulher

para dentro, mais atenta do que nunca para descobrir a verdadeira identidade do estranho misterioso.

DOIS

Mimi Force inspecionou a industriosa cena dentro do aposento de Jefferson na Duchesne School e suspirou alegremente. Era tarde de uma segunda-feira, a escola tinha acabado, e a reunião semanal do comitê estava bem encaminhada. Os dirigentes Blue Bloods estavam reunidos em pequenos grupos ao redor da

mesa, discutindo os detalhes de última hora para a festa do ano: o Baile anual

Four Hundred.

Loira, de olhos verdes Mimi e seu irmão gêmeo, Jack, estavam entre os jovens vampiros que iriam estar se apresentando no baile desse ano. Uma tradição que alcançou séculos. A introdução no comitê, um segredo e imensamente poderoso grupo de vampiros que correu New York, tinha sido apenas o primeiro passo. A apresentação pública de jovens membros do

comitê para toda a sociedade Blue Blood era o maior deles. Era um reconhecimento da história de um passado e responsabilidades futuras. Porque os Blue Bloods retornaram em físicas cascas, sob novos nomes em cada ciclo - que os vampiros chamaram de o comprimento de uma vida humana - sua apresentação ou —aparição— era muito importante no processo de reconhecimento.

Mimi Force não precisa de um mensageiro com um trompete para lhe dizer quem ela era, ou quem ela tinha sido. Ela era Mimi Force a mais linda garota na

história da cidade de New York e a única filha de Charles Force, o Regis, também

conhecido como o cabeça do coven e superior mau-humorado, conhecido no mundo como um cruel magnata cujo a mídia Force News Network atravessou o globo de Singapura até Addis Ababa*. Mimi Force a garota com cabelo cor de tecido de linho, pele como creme de manteiga fresca, lábios cheios que competiam com os da Angelina Jolie. Ela era a jovem gostosa com uma reputação por cortar uma fileira despreocupada pelos herdeiros jovens mais elegíveis da cidade: namorados quentes Red Bloods, caso contrário, conhecidos

como seus amigos íntimos humano.

Mas o coração dela tinha sempre estado, e sempre estaria, muito, muito perto

de casa, Mimi pensou à medida que ela olhava através do quarto para seu irmão, Jack.

*(Adis Abeba ou Addis Ababa é a capital e a maior cidade da Etiópia).

Até agora, Mimi estava satisfeita. Tudo estava evoluindo para ser a perfeita - pintura para noite no St. Regis Hotel. Era a maior festa do ano. Ao contrario daquele pequeno circo brega que eles chamavam os Oscars. Com suas atrizes choronas e xelim* incorporados, o baile Four Hundred era um negócio estritamente antiquado - sobre classe, status, beleza, poder, dinheiro e sangue. Linhagem de sangue, que é, mais especificamente, linhagem Blue Blood. Era um baile de apenas vampiros: o mais exclusivo evento em New York, se não no mundo.

Absolutamente nenhum Red Blood permitido.

Todas as flores haviam sido encomendadas. Lindas rosas Americana brancas. Vinte mil delas, viajadas da América do sul especialmente para a ocasião.

Haveria dez mil rosas na guirlanda sozinhas na entrada, o resto dispersa entre as

decorações das mesas. O mais caro evento planejado na cidade, que tinha transformado

o museu Metropolitan em um país das maravilhas Russo franqueza

do Dr. Zhivago para exibir as fantasias do instituto Russo, era também o

planejamento para criar — á - mão dez mil rosas de seda para os anéis de guardanapo. E para superar isso tudo, todo o salão do baile seria perfumado por galões de perfume de água-de-rosas bombeadas através da ventilação.

Ao redor de Mimi, o comitê conferia assuntos de último minuto. Embora os membros juniores, garotos da escola como ela, estavam ocupados com

atividades de arquivamento dos cartões RSVP*, checando a lista de convidados, confirmando a logística para as cinquenta e duas – peças da orquestra, as condições do palco e iluminação do coven sênior, liderado por Priscilla DuPont,

uma famosa socialite de Manhattan, cujo o semblante real enfeita as colunas sociais semanais, estava envolvida com questões mais delicadas. Sra. DuPont era

cercada por um grupo de semelhantemente finas, pólidas, e bem enfeitadas mulheres, cujo trabalho incansável em nome do comitê tinha conduzido para a preservação de alguns dos mais importantes marcos de New York, e financiou a

existência das mais prestigiadas instituições culturais da cidade. Mimi com sua extra – sensível audição pegou na conversa.

* O xelim (shilling em inglês) é uma unidade monetária que está ou esteve em uso em muitos países (particularmente ex-colônias britânicas). Especula-se que a palavra provenha da base skell-, "tilintar/ressoar", e do sufixo diminutivo -ing.

* RSVP é a abreviação de Répondez S'il Vous Plaît, uma expressão francesa, que traduzida para o português significa "Responda, por favor". Abreviação muito utilizada em convites de grandes eventos para a confirmação da presença dos convidados para um melhor planejamento.

—Agora chegamos a questão de Sloane e Cushing Carondolet , Priscilla disse gravemente, pegando um dos cartões marfim feitos de linho dispersos na sua frente. Os cartões foram estampados com o nome de cada convidado, e seriam colocados na frente da recepção com o número da mesa designada.

Houve um número de desaprovação entre o público bem sucedido.

A crescente revolta dos Corondolet era difícil de ignorar. Depois de terem

perdido sua filha, Aggie, á alguns meses atrás, a família tinha mostrado sinais de estar nitidamente anti-comitê. Rumores de que eles tinham um plano ameaçador

para chamar uma contestação do pai de Mimi.

—Sloane não pode estar conosco hoje , Priscilla continuou, —Mas ela tem enviado sua doação anualmente. Não é tão grande quanto foi no passado, mas ainda é

substancial – ao contrário de outras famílias que eu não quero mencionar . Doações para o baile Four Hundred beneficiou o comitê New York Blood Bank, o nome público do comitê, que aparentemente era organizado para levantar

dinheiro para pesquisas de sangue. O dinheiro arrecadado era também usado em parte, na luta contra a AIDS e a hemofilia.

Cada família era esperada fazer uma magnânima doação para os cofres. As ofertas combinadas abasteciam o comitê em multimilionários orçamentos para o ano inteiro. Alguns, como os Forces, davam acima e além do imposto, enquanto outros, os Van Alens, um patético clã uma vez poderoso, tinha lutado por anos para surgir com a necessária quantia para seus dízimos. Agora que Cordelia se foi, Mimi não estava certa se Schuyler sabia o que era esperado dela.

—A questão é, Trinity Burden Force, mãe de Mimi, disse em sua melódica voz, —

é apropriado para eles, sentarem na mesa como usualmente fazem, sabendo o que eles tem dito sobre Charles? Trinity colocou a questão de uma forma que

deixou o resto do comitê saber que ela e Charles prefeririam jantar nas cinzas

que jantar com os Corondolets.

—Eu digo para flechar eles nas mesas de trás com todas as outras famílias das extremidades! BobiAnne Llewellyn declarou com seu poderoso zurro Texano. Ela fez um engraçado golpe através de seu pescoço, somente para mostrar os trinta quilates de diamante no anel em seu dedo. BobiAnne Llewellyn era a segunda e mais jovem esposa de Forsyth Llewellyn, que serviu atualmente como senador júnior para New York.

Várias senhoras sentadas em torno de Priscilla DuPont estremeceram ligeiramente à sugestão, mesmo se elas secretamente concorssem com isso. O

modo grosseiro de BobiAnne colocar isso não era distintamente o modo Blue

Blood de fazer as coisas.

Mimi notou sua amiga Bliss Llewellyn olhar para cima ao som estridente da voz da sua madrasta. Bliss era um dos novos membros do comitê, e sua face tinha

se tornado tão vermelha quanto seus cachos quando ela escutou o estrondoso

riso gutural de BobiAnne pelo aposento.

—Talvez nós possamos chegar a um acordo, Priscilla notou em sua forma graciosa. —Vamos explicar para Sloane que eles não devem se sentar nas mesas da frente este ano, visto que eles ainda estão de luto e nós respeitamos sua dor. Vamos colocar a garota Van Allen em sua mesa também. Eles não podem argumentar com isso, vendo que eles eram ótimos amigos de Cordelia, e, quanto a sua neta, ela também sofreu uma perda.

Falando em Schuyler – onde estava a pequena infeliz? Não que isso fosse problema de Mimi, mas a aborreceu que Schuyler nem mesmo teve o incomodo de aparecer na reunião do comitê hoje de hoje. Ela ouviu alguém dizer que Schuyler e seu auxiliar humano, Oliver, tinham ido para Veneza, de todos os lugares. Veneza? Que diabos eles estavam fazendo em Veneza? Mimi enrugou seu nariz. Se tinham que fugir para a Itália, não era melhor fazer compras em Roma e

Milão? Veneza era apenas molhada e fedorenta, na opinião de Mimi. E como eles foram capazes de conseguir permissão da escola para isso?

Duchesne não parece bondosa em férias de escola auto-programada, até mesmo os Forces tinham sido repreendidos quando eles levaram os gêmeos para fora da escola no último mês de fevereiro de férias para esquiar. A escola já tinha estabelecido uma oficial —semana de esqui em Março no calendário que todas as famílias eram supostas a seguir. Mas contar que para os Forces, que mantinham

o pulverizador ligado nas montanhas Aspen em março era profundamente inferior às nevascas de fevereiro.

Mimi jogou uma rosa de seda através da mesa em seu irmão, Jack, que estava

envolvido em uma animada discussão com seu subcomitê sobre as questões da segurança, os esquemas do salão de dança do St. Regis aberto na frente deles. A rosa caiu em seu colo, e ele olhou para cima, assustado. Mimi sorriu.

Jack corou um pouco, mas retornou com seu próprio sorriso deslumbrante. O sol brilhou através das janelas de vidro coloridas, moldando seu belo rosto com um brilho dourado.

Mimi pensou que nunca se cansaria de olhar para ele: era quase tão gratificante como olhar para seu próprio reflexo. Ela estava satisfeita depois da verdade

sobre a herança — mestiça de Schuyler! Praticamente uma abominação! — tinha sido revelada, as coisas entre os dois tinham voltado ao normal. O se que passou

por normal entre os gêmeos Force de qualquer forma.

Ei, bonito, Mimi enviou.

E aí?, Jack respondeu, sem falar.

Só pensando em você

O sorriso de Jack se aprofundou, e ele atirou a rosa para trás em sua irmã, então ela pousou em seu colo. Mimi enfiou a rosa atrás da sua orelha e agitou seus

cílios apreciativamente.

Ela verificou os cartões RSVP novamente. Uma vez que o baile era um negócio comunitário, seria uma festa dominada pelos anciões e o público guardião mais

velho. Mimi pressionou seus lábios com força. Claro, seria uma festa divertida —

o mais glamuroso evento sempre — mas de repente ela teve uma idéia. Que tal uma pós festa?

Para apenas os Blue Blood adolescentes? Onde eles pudessem realmente se soltar sem se preocupar sobre os pensamentos dos seus parentes, guardiões, ou líderes do comitê?

Algo mais tenso e arriscado...algo em que apenas os de melhores qualidade poderiam comparecer. Um frio e brilhante sorriso brincou em seus lábios enquanto ela imaginava todos seus amigos tolos da Duchesne implorando por

um convite para a festa. Tudo em vão, Mimi pensou. Porque não haverá convites. Apenas uma mensagem de texto enviada para as pessoas certas na

noite do baile Four Hundred irá revelar a localização da pós festa. O baile vampiro Alterna.

Mimi deu uma espiada em Jack, que estava segurando uma folha de papel na

frente de seu rosto, cobrindo sua linda aparência. E de repente ela se lembrou de uma cena do passado na vida deles: os dois, se curvando para a corte em Versalhes, suas faces ocultas atrás de mascaras adornadas de grãos de contas* e coberto de plumas.

Claro!

Um baile de mascaras.

A pós festa irá exigir a elaboração de mascaras.

Não estaria claro quem era quem, quem tinha sido convidado e quem não tinha

– criando a mais excelente ansiedade social.

Ela gostou muito dessa idéia. A qualquer momento ela poderia excluir outras pessoas da sua diversão, Mimi estava sempre preparada.

*Contas são aquelas bolinhas que tem em terço/rosário.

TRÊS

Não é como se ela não tivesse tido este sonho antes. Sendo frio e úmido, e de não ser capaz de respirar. Todos os outros sonhos tinham sido assim, exceto este um que parecia real. Ela estava congelada, tremendo, e quando abriu seus olhos para a tenebrosa escuridão, ela sentiu outra presença nas sombras. Uma mão, agarrando seu braço, a levantando, pra cima, pra cima em direção a luz, e rompendo a superfície.

Splash!

Bliss fez um barulho, tossindo a respiração, e olhando ao redor loucamente. Não era um sonho. Era real. Ela estava submersa no meio de um lago.

—Fique quieta, você está muito fraca. Nós nadaremos para a margem. A voz

baixa na sua orelha era tranquilizante e calma. Ela tentou se virar para olhar em seu rosto, mas a voz interrompeu. —Não se mova, não olhe para trás, apenas se concentre na margem.

Ela concordou, a água do riacho escorrendo do seu cabelo até seus olhos. Ela ainda estava tossindo, e sentiu uma enorme necessidade de vomitar. Seus braços e pernas estavam fracos, embora não houvesse corrente. O lago era

calmo e quieto. Era dificilmente um lago plano. Quando Bliss ajustou seus olhos para a escuridão, ela viu que estava no Central Park, no meio do lago artificial, onde no verão passado, antes dela se matricular em Duchesne, seus pais tinham

levado ela e sua irmã para o restaurante boathouse* para jantar.

Os barcos estavam muito longe de ser encontrados desta vez. Era quase final de

Novembro, e o lago estava deserto. Havia gelo no chão, e pela primeira vez nesta noite, Bliss sentiu um frio penetrando suas veias. Ela começou a tremer.

—Isso vai passar. Seu sangue irá se aquecer, não se preocupe. Vampiros não pegam hipotermia. Aquela voz novamente.

Bliss Llewellyn era do Texas. Essa foi à primeira coisa que Bliss disse para o novo conhecido.

—Eu sou do Texas , como se identificando o estado da sua casa fosse

um longo caminho para explicar todas as coisas de si mesma: o sotaque, o grande cabelo encaracolado, a pedra de diamante de cinco quilates em cada orelha. Era também uma forma de Bliss se agarrar em sua querida cidade natal,

e uma vida que parecia cada vez mais distante de sua atual realidade como apenas mais uma garota bonita em New York.

*boathouse no caso aqui, acho que seria o nome do restaurante, mas a tradução a o pé da letra seria casa de bóias, aqueles lugares onde se aluga bóias em lago, ou mar.

No Texas, Bliss se sobressaia. Ela tinha cinco pés de altura (com o comprimento do cabelo, tinha facilmente seis pés), feroz, e sem medo – a única líder de

torcida que poderia executar um salto do topo de uma pirâmide de cinquenta pessoas – e cair com segurança em terra, primeiro com os pés, no suave gramado do campo de futebol. Antes de ela descobrir que era um vampiro e ser capaz de tal capacidade física, Bliss tinha escrito com giz sua coordenação para ter sorte e praticar.

Ela tinha morado com sua família em uma expansão, uma mansão fechada em um exclusivo subúrbio de Houston, ela tinha dirigido para a escola no Cadillac vintage

conversível* do seu avô – um com verdadeiros chifres de búfalo sobre o capô. Mas seu pai tinha crescido em Manhattan, e depois de uma corrida fértil como líder político em Houston, tinha abruptamente se desgarrado da família quando correu e ganhou – a vazia sede do senado de New York.

Se ajustar para o frezei da Big Apple* depois da vida em Houston era difícil para Bliss. Ela se sentia desconfortável em todos os glamourosos clubes

noturnos e festas exclusivas que Mimi Force, sua auto-nomeada nova melhor amiga, a arrastava. Bliss deu uma caneca do Boone's, a alguns namorados, e um DVD do The Notebook*, e ela estava feliz. Ela não gosta de ficar em clubes, se

sentindo como uma wallflower*, enquanto assiste Mimi ter toda a diversão.

*http://www.cadillactim.com/db2/00198/cadillactim.com/_uimages/conv002.jpg

* A Grande Maçã (em inglês: Big Apple) é um apelido da cidade americana de Nova Iorque, que se popularizou na década de 1970.

* The Notebook (No Brasil: Diário de uma Paixão, em Portugal: O Diário da Nossa Paixão) é um filme de 2004 do gênero romântico.

*wallflower seria uma gíria para aquelas gurias que não são convidadas pra dançar em um festa, mas eu não consegui encaixar a tradução no contexto da frase, então resolvi deixar assim mesmo

Mas sua vida tinha repentinamente se erguido quando ela conheceu Dylan Ward, o garoto do rosto triste, olhos pretos com a sexy fumaceira que tinha encaminhado o primeiro cigarro de Bliss, atrás de um beco no Lower East Side, a alguns meses atrás. Dylan tinha sido um desajustado na Duchesne, também –

um insociável, alienado rebelde, com um grupo de amigos perdedores, incluindo

Oliver Hazard-Perry e Schuyler Van Alen, as duas mais impopulares crianças em seu ano. Dylan tinha sido mais que um amigo, era um aliado, sem mencionar um

possível namorado. Ela corou ao lembrar, seus profundos, penetrantes beijos –

oh, se eles apenas não tivessem sido interrompidos na noite da sua festa, se apenas...

Se apenas Dylan estivesse vivo. Mas ele tinha sido pego por um Silver Blood, se

transformado em um deles, e depois matado, quando ele tinha retornado para visita-la – para prevenir ela...Bliss piscou voltando a chorar, lembrando como ela

tinha achado sua jaqueta amarrotada no chão do seu banheiro, coberta de

sangue.

Bliss pensou que essa tinha sido a ultima vez, ela nunca veria Dylan de novo, e ainda...esse garoto que tinha resgatado ela...sua voz baixa em seu ouvido –

tinha sido tão familiar. Ela não ousou ter esperança; ela não queria acreditar em algo que não poderia ser verdade, que não poderia ser real. Ela se agarrou a ele enquanto ele a puxava para a margem.

Essa não era a primeira vez que Bliss tinha acordado em um lugar inesperado, apenas para se encontrar próxima do perigo. Só na ultima semana ela tinha

aberto seus olhos e se descobriu empoleirada na sacada superior do Museu Cloisters, encima do Fort Tryon Park. Seu pé esquerdo tinha sido suspenso fora da sacada, e ela se agarrou apenas na hora de puxar seu pé de volta e salvar a

si própria de uma perigosa queda. Bliss percebeu que ela provavelmente teria sobrevivido à queda de qualquer maneira, apenas com alguns arranhões, e se

perguntou preguiçosamente, se ela quisesse cometer suicídio, quais opções seriam eficazes para um imortal, afinal?

E então, hoje ela tinha se encontrado no meio do lago.

Os apagões – os pesadelos de alguém perseguindo ela, e de estar aqui, mas não aqui – estava ficando pior. Eles tinham começado no ano anterior: dores de cabeça e enxaqueca excruciante, acompanhadas por terríveis visões de olhos vermelhos com pupilas prata, e afiados e brilhantes dentes...e correndo entre corredores sem fim, enquanto a criatura á perseguia, sua respiração nojenta e nauseante com a intensidade...á alcançando, derrubando ela no chão, onde iria devorar sua alma.

Pare isto, ela ordenou a si mesma. Por que pensar nisso agora? As visões e pesadelo se foram, a criatura – não importa o que isso seja, estava apenas

morando na sua imaginação. Não era isso que seu pai tinha dito? Que os pesadelos eram simplesmente parte da transformação? Bliss tinha quinze anos, a idade em que as memórias de vampiros ressurgiam, a idade em que os Blue

Bloods começam a entender suas verdadeiras identidades como seres imortais. Bliss tentou recordar tudo o que tinha acontecido mais cedo naquele dia, se houvesse qualquer indício de como ela poderia vir a se encontrar meio afogada

no lago do Central Park. Ela tinha ido para a escola como de costume, e depois teve que estar presente em outra entediante reunião do comitê. O comitê era

suposto a ensinar ela e todos os novos recrutas como controlar e utilizar seus sentidos de vampiro, mas durante os últimos dois meses, a organização tinha investido mais no planejamento de uma exagerada festa do que qualquer outra

coisa. Sua madrasta, BobiAnne, esteve presente na reunião, embaraçando Bliss com sua estridente voz e seu pegajoso uniforme - da cabeça aos pés com o logo da Vuitton – de training*. Bliss não tinha percebido que eles faziam uso casual

do mesmo tecido de lona marrom como os das malas. Ela pensou que sua madrasta parecia como uma grande dourada e marrom comitiva de trem.

*roupa de treino.

Mais tarde, porque seu pai foi para casa para uma mudança, a família tinha jantado no novo Le Cirque que recentemente mudou de endereço para o suntuoso edifício one Beacon Court. O famoso salão de jantar de New York

forneceu aos poderosos e ricos, e o senador Llewellyn tinha gasto a noite apertando mãos com os outros bem afortunados clientes – o prefeito, o locutor, a atriz, o outro senador de New York. Bliss tinha ordenado seu fígado de ganso mal passado, e aproveitado passando uma

grande quantidade de geléia de groselha no grosso, rico, cremoso fígado de ganso em seu prato.

Quando o jantar terminou, eles tinham assistido a uma ópera, no camarote da família. Uma nova produção de Orfeu e Eurídice. Bliss sempre tinha amado a trágica história de como Orfeu desceu ao inferno para resgatar Eurídice, apenas para perdê-la no final. Mas o estentóreo murmúrio e o canto triste tinham embalado o sono de Bliss, conduzindo ela para o sonho do úmido abismo de Hades.

Foi quando sua memória terminou. Sua família ainda estava no teatro? Seu pai sentado como um severo, sério ídolo, colocou suas mãos embaixo do queixo,

assistindo atentamente ao show, enquanto sua madrasta fazia careta e bocejava, e sua

meia irmã, Jordan, silenciosamente balbuciava todas as palavras. Jordan tinha onze anos e uma ópera esquisita – esquisita sendo a palavra definitiva, na

opinião de Bliss.

Eles estavam perto da doca agora, sua mão firmemente suspensa na escada próxima ao cais.

Bliss escorregou no escorregadio peitoral, mas descobriu que ela

podia caminhar. Quem quer que fosse ele, estava certo: seu sangue de vampiro estava aquecendo ela, e em poucos minutos ela nem sequer notou que estava quarenta graus* lá fora. Se ela fosse humana, teria sido morta, afogada para ser

mais exata.

*os graus no caso, seriam Fahrenheit, então em Celsius, ficaria em torno dos 6

°C mais ou menos.

Ela olhou pra baixo em sua roupa molhada. Ainda estava usando a mesma roupa que tinha usado no jantar e na ópera. Um vestido da Temperley* de cetim preto complexamente bordado, agora arruinado. Então muito para apenas lavar a

seco. Apenas um das suas cinco polegadas da plataforma de couro Balenciaga* ficou. A outra provavelmente estava no fundo do lago. Ela olhou de soslaio para o programa da ópera que ainda estava segurando firmemente na sua mão, e largou ele, deixando-o sacudir até o chão.

—Obrigado... ela disse, olhando pra trás para finalmente ver o rosto do seu salvador.

Mas não havia nada atrás dela, apenas a água calma e azul do lago artificial. O

garoto tinha ido embora.

* Alice Temperley é uma famosa designer Britânica.

* Balenciaga é uma grife francesa de moda criada pelo estilista espanhol

Cristobal Balenciaga.

New York Herald

Arquivos

1 de Outubro, de 1870.

O MISTERIOSO DESAPARECIMENTO DE MAGGIE STANFORD

Filha do homem do petróleo desaparece na noite do baile da sociedade. Ela estava drogada?

A polícia de New York está confusa sobre o misterioso desaparecimento de Maggie Stanford, dezesseis anos de idade, que saiu de casa do almirante e da senhora Thomas Vanderbilt há três semanas atrás durante o anual baile aristocrático realizada em sua casa na 800 Fifth Avenue e não foi vista desde então por sua família ou parentes. Maggie Stanford é a filha do Sr. e Sra. Tiberius Stanford de Newport. Os detetives têm trabalhado habilmente no estranho caso, mas não foram capazes de encontrar qualquer indicação.

O desaparecimento da senhorita Stanford foi informado na jurisdição da décima delegacia de polícia tendo como ocorrido na sexta-feira, de 22 de agosto. Nessa noite, de acordo com sua mãe, Dorothea Stanford, que é conhecida na sociedade, Maggie estava presente no baile aristocrático e guiou a quadrilha*. Maggie é de uma tranqüila e recatada ordem. Ela pesa quarenta e três quilos, é frágil, bonita e delicada, e suas relações em casa são de um caráter

agradável. Ela tem cabelos vermelho escuro, olhos verdes, e está ganhando formas. Seu noivado foi anunciado á Alfred, Lord Burlington, conde de Devonshire, na noite do baile.

Sra. Stanford contou a polícia que ela pensou que sua filha tinha sido seduzida ou seqüestrada por alguma pessoa de má influencia. A família Stanford ofereceu uma sólida recompensa por qualquer informação que traga ela de volta. Tiberius Stanford fundou a Stanford petróleo, a organização mais lucrativa nos Estados Unidos.

QUATRO

Mas ela estava aqui. Schuyler estava certa. A mulher que ela estava perseguindo tinha desaparecido através da porta do mesmo palazzo que Schuyler estava agora de pé, e ainda assim a mulher não se encontrava em nenhum lugar. Schuyler olhou ao redor. Ela estava dentro de um pequeno saguão, uma hospedaria local. Muito dos magníficos palácios flutuantes da antiga Veneza tinham sido transformados para os turistas – amigáveis pensões, pequenos

hotéis desgastados, onde os clientes não notam o esfrelamento da baulastrada*

e pintura descascando porque suas lustrosas revistas tinham prometido que eles estavam provando uma fatia —autentica— da Itália.

E uma velha mulher com um lenço preto ao redor da cabeça ergueu os olhos curiosamente para a mesa de registro. "Posso li aiuto? Posso ajudar você? Schuyler estava confusa. Não havia nenhum sinal da mulher loira em qualquer lugar do aposento. Como ela poderia ter se escondido tão rapidamente? Schuyler tinha estado em seu calcanhar. A sala estava vazia de armários ou portas.

* Balaustrada é a denominação dada ao conjunto arquitetônico, construído sobre pilotis ou mesmo num andar superior de uma construção.

—Ci era una donna qui, sì?" Schuyler disse. Uma mulher acaba de chegar aqui, sim? Ela estava grata que a escola Duchesne faz seus alunos não ter uma, mas duas línguas estrangeiras, e que Oliver tinha encorajado ela a pegar Italiano, —então nós podemos mandar melhor nos restaurantes do Mario Batali.*

A velha amarrou a cara "Una donna?" Ela balançou sua cabeça. A conversa continuou num rápido Italiano. —Não há ninguém aqui, além de mim. Ninguém entrou, além de você.

—Tem certeza? Schuyler exigiu.

Ela ainda estava questionando a mulher quando Oliver chegou. Ele parou até a lateral do edifício em uma lustrosa lancha. Ele tinha descoberto que um táxi

aquático era mais adequado para suas necessidades que o poderoso homem gôndola.

—Encontrou ela? Ele perguntou.

—Ela estava apenas aqui. Eu juro. Mas essa senhora diz que ninguém entrou aqui.

—Nenhuma mulher, a velha senhora disse, agitando sua cabeça. —Só o professor vive aqui.

—O professor? Schuyler perguntou, seus ouvidos afiados. Seu avô tinha sido um professor de lingüística, de acordo com o repositório de história, o arquivo

Blue Blood que continham todos os conhecimentos e segredos da sua raça.

*Mario Batali é um conhecido Cheff de cozinha de New York. —Onde ele está?

—Ele foi embora há muitos meses já. —Quando ele vai voltar?

—Dois dias, dois meses, dois anos – pode ser a qualquer hora. Amanhã ou

nunca, a proprietária suspirou. —Ninguém sabe com o professor. Mas eu tenho sorte, ele sempre paga suas contas a tempo.

—Nós podemos – podemos ver seu quarto? Schuyler perguntou. A proprietária

deu de ombros e apontou para as escadas. Seu coração batendo em seu peito, Schuyler subiu as escadas, Oliver apertou atrás.

—Espere, disse Oliver, enquanto eles alcançavam uma pequena porta de madeira

na frente do patamar. Ele sacudiu a maçaneta. —Está trancada. Ele tentou novamente.

—Nenhum dado.

—Merda, Schuyler disse. —Tem certeza? Ela chegou ao lado dele para tentar. Virou a maçaneta, ela fez um click e abriu. —Como você fez isso? Oliver maravilhou-se.

—Eu não fiz nada.

—Estava totalmente trancada, ele disse.

Schuyler deu de ombros e empurrou a porta gentilmente. Ela levou para um limpo e pequeno quarto com uma cama de solteiro, uma mesa de madeira gasta e prateleiras de livros empilhados até o teto.

Schuyler puxou um livro da prateleira mais baixa. —Morte e vida na colônia de

Plymouth por Lawrence Winslow Van Alen. Ela abriu a primeira página. Era escrito em uma elegante caligrafia. —Para minha querida Cordelia.

—É isso, Schuyler sussurrou. —Ele está aqui. Ela olhou em vários livros nas

prateleiras e descobriu que muito deles usavam lombadas que declavam L. W. Van Alen como seu autor.

—Não agora, ele não está, a proprietária disse do portal, fazendo Schuyler e

Oliver saltar. —Mas a bienal termina hoje, e o professore não perdeu uma ainda. A bienal, a exposição de arte bianual de Veneza, era uma das maiores

definitivas, influentes e exaustivas apresentações de arte e arquitetura no

mundo. Durante vários meses todos os outros anos, a cidade inteira foi tomada por um conjunto internacional de artistas, comerciantes de arte, turistas e

estudantes ansiosos para participar do histórico festival de arte. Foi um evento

que Schuyler e Oliver tinham perdido durante a semana, devido a sua infrutífera busca por seu avô.

—Se isso está terminando hoje, Schuyler disse, —Nós temos pressa.

A senhora concordou e deixou o quarto.

Schuyler perguntou novamente sobre a mulher que tinha parecido tão assustadoramente com sua mãe. Sua mãe tinha guiado ela para seu avô? Ela estava ajudando Schuyler de alguma maneira? Era apenas seu espírito que Schuyler tinha visto?

Eles se apressaram em descer as escadas e encontraram a senhora misturando papeis na mesa da recepção.

—Obrigado por toda sua ajuda, Schuyler disse, saudando a velha mulher.

—Eh? Me desculpe. Posso li aiuto? A velha mulher retrucou. —O professore, a bienal, nós estamos indo tentar e encontrar ele agora.

—Professore? Não, não. Sem professore... A velha mulher fez o sinal da cruz e começou a abanar sua cabeça.

Schuyler amarrou a cara. —Sem professore? O que você acha que ela entende por isso? Perguntou a Oliver.

—Ele partiu...dois anos atrás, A senhora disse em um hesitante inglês. —Ele não vive aqui mais.

—Mas você apenas disse... Schuyler argumentou. —Nós estávamos só conversando, lá acima. Vimos o quarto dele.

—Eu nunca vi você na minha vida, seu quarto está trancado, a senhora disse parecendo abalada, aderindo com determinação a seu inglês forçado, apesar de ter sido evidente que Schuyler era fluente em italiano.

"Eravamo giusti qui," Schuyler argumentou. Mas nós estávamos apenas aqui. A senhora sacudiu com ódio sua cabeça e murmurou para si mesma.

—Há algo diferente com ela, Schuyler sussurrou para Oliver enquanto eles saíam da pousada.

—Sim, ela está até mais estranha agora. Oliver conversou.

Schuyler voltou atrás para olhar através da velha novamente, e notou que ela tinha uma verruga embaixo do seu queixo do qual alguns pêlos perdidos tinham

brotado. E contudo, a velha mulher que tinha falado com eles mais cedo não

tinha sido atormentada com tal verruga. Schuyler estava certa disso.

CINCO

Mimi olhou para o seu celular vibrar, como ela saiu da AP francês classe.

Eu estou na lista?

Outra mensagem de texto. Foi a sétima hoje. Poderiam todos, por favor, acalmar-se?

De alguma forma, em menos de vinte e quatro horas, as notícias de que Mimi estava planejando uma pós festa do baile Four Hundred tinha ido parar em toda a Nova Iorque para a elite de vampiros adolescente.

Claro, tinha dito Mimi a Piper Crandall, a maior fofoqueira da escola, e Piper teria a certeza que todos saberiam exatamente o que estava indo para baixo. Havia um local secreto. Os gêmeos Force estavam organizando.

Mas ninguém saberia se seria convidado até a noite do evento. Era uma tortura social!

Basta dizer S ou N!

Ela apagou o texto sem responder.

Mimi caminhou de volta para a escada na Duchesne que levava

para o refeitório na bave. Quando ela passou por várias adolescentes Blue

Bloods eles tentaram captar a sua atenção.

"Mimi ... ouvi sobre a pós-festa ... Grande ideia, precisa de ajuda? Meu pai pode conseguir Kanye para DJ, "ofereceu Blair McMillan, cujo pai chefiava a maior

gravadora do mundo.

"Hey, Mimi, eu sou convidado, né? Posso trazer meu namorado? Ele é um RB ... legal? "Soos Kemble wheedled.

"Ei, doçura, basta ter certeza que tens o meu RSVP ..." Lucy Forbes , Mimi

soprou um exagerado beijo.

Mimi sorriu graciosamente para todos e colocou os dedos nos lábios dela. "Eu não posso dizer nada sobre nada. Mas vocês vão encontrar todas as repostas em breve.

Lá embaixo, no refeitório, por baixo do ouro do espelho barroco que pendurou em frente à lareira, Bliss Llewellyn escolhi com indiferença no seu rolo de sushi,

como se fosse um

particularmente desagradável espécime. Mimi deveria encontra-la para almoçar e ela estava atrasada, como de costume. Bliss estava feliz do

atraso, uma vez que lhe deu a chance de perder-se em um acontecimento da

noite anterior.

Dylan. Tinha que ser ele. O estranho no parque, que tinha salvo ela do afogamento. Bliss tinha para crer que ele tinha sobrevivido ao ataque do Silver blood. Talvez ele estava na clandestinidade, e talvez ele estaria em perigo se ele revelasse sua identidade. Como um herói, ela pensava sonhadoramente. Quem mais teria sentido a angústia dela?

Quem mais poderia ter nadado através das águas frias do lago para chegar até ela? Quem mais poderia ter sido tão forte? Quem mais poderia ter feito ela se sentir tão segura?

Bliss abraçou essa informação para si própria como um cobertor quente. Dylan estava vivo. Ele tinha que estar.

—Sem fome? Mimi perguntou, deslizando próxima a ela.

Em resposta Bliss afastou sua bandeja e fez uma cara. Ela empurrou todos os pensamentos de Dylan pra fora da sua mente.

—O que é isso tudo sobre uma pós festa onde todos estão me assediando pra

saber? Ninguém acredita em mim quando eu digo que eu não tenho nenhuma idéia do que está acontecendo. Você e Jack estão lançando algum tipo de festança depois do baile?

Mimi olhou ao redor para certificar-se de que ninguém pudesse ouvir por acaso, e só quando teve certeza de que elas estavam longe do alcance das vozes ela falou. —Sim, eu ia te falar sobre isso hoje.

Ela encheu Bliss de detalhes. Ela tinha garantido o local perfeito - uma sinagoga no centro. Não havia nada que Mimi apreciava mais do que defender uma noite festejando em um lugar sagrado. O Angel Orensanz Center era um edifício

neogótico* no meio do Lower East Side. Tinha sido projetado como uma sinagoga em 1849 por um arquiteto de Berlin que modelou depois a catedral de

Cologne. Mimi não era a única de New York que gostava de jogar extravagâncias acima do topo no espaço: o center já tinha sido anfitrião para vários eventos de moda durante a fashion week, que foi como ela conseguiu a idéia em primeiro lugar. Mimi não se importava sobre os pontos por originalidade, ela se importava apenas sobre onde estava ocorrendo a ação, e agora, a sinagoga profanada era

quente.

* Neogótico ou revivalismo gótico é um estilo arquitetônico originado em meados do século XVIII na Inglaterra.

—O interior está uma bagunça, Mimi disse alegremente. —Há como, colunas apodrecendo e vigas expostas... é como uma linda ruína. Ela sussurrou. —Nós vamos iluminar o lugar todo com chá de velas claras, sem luz elétrica, de nenhuma maneira! E é isto, nenhuma outra decoração, o lugar tem bastante

atmosfera. Não precisa de nada.

Mimi rasgou uma folha de papel do seu caderno de anotações e passou para

Bliss.

—Isso é o que eu estou pensando para a festa. Eu anotei durante meu exame de francês. Mimi estava matriculada na AP French*, mas a classe era uma piada.

Uma vez que suas memórias de vampiro ressurgiam, ela tinha descoberto que já era fluente no idioma.

Bliss olhou para baixo, em todos os nomes. Froggy Kernochan. Jaime Kip. Blair

McMillan. Soos Kemble. Rufus King. Booze Langdon.

—Estes são todos membros do comitê. Mas não todos os membros do comitê. Bliss observou.

—Exatamente.

—Você não está convidando Lucy Forbes? Bliss perguntou, horrorizada. Lucy

Forbes era uma Blue Blood sênior, e a principal garota da escola.

Mimi enrugou seu nariz. —Lucy Forbes é uma gota. Uma moralista. Mimi tinha uma vingança contra a garota desde que Lucy tinha informado que Mimi tinha

abusado de seus familiares humanos por alimentar-se deles sem aderir às quarenta e oito horas de repouso no período ordenado.

* é um curso a estudantes de escola secundária nos Estados Unidos como uma oportunidade para ganhar crédito de colocação para um curso de francês na faculdade

Elas foram para baixo da lista, Bliss propondo um nome e Mimi rejeitando ele. —E sobre Stella Van Renssler?

—Calouro! Sem calouro nessa festa.

—Mas ela vai ser nomeada na próxima primavera. Quero dizer, ela é um Blue Blood. Bliss argumentou. Todos os nomes de possíveis vampiros Blue Blood estavam disponíveis para os membros do comitê para que eles pudessem cuidar dos seus irmãos mais jovens, a forma como Mimi tinha tomado Bliss sob suas asas no começo deste ano.

—Ugh. Não. Mimi disse.

—Carter Tuckerman? Bliss propôs, pensando no amigável, magro garoto que gastou reuniões do comitê falando copiosas notas como secretário.

—Aquele nerd? De jeito nenhum.

Bliss suspirou, ela não tinha visto o nome de Schuyler na lista também, o que aborreceu ela.

—E sobre... Você sabe... _acompanhantes, os familiares? Bliss perguntou. Os Blue Bloods utilizam o termo _humano familiar para descrever a relação entre a raça mortal e imortal. Humanos familiares eram amantes, amigos, recipientes

dos quais os vampiros tiram suas maiores forças.

—Sem Red Bloods nessa festa. Isso é como um baile Four Hundred, mas é ainda mais exclusivo. Apenas vampiros.

—As pessoas vão ficar realmente chateadas com isso, advertiu Bliss. Mimi sorriu seu sorriso gato-que-comeu-o-canário. —Exatamente.

SEIS

A Bienal de Veneza foi localizada em diversas sobreposições de pavilhões, para que os visitantes através de um complexo de longa série de salas escuras, com instalações de vídeos possam assistir a vida em cantos inesperados. Faces projetadas sobre bolas de vinil expandido e contratados. Flores floresceram no jardim de inverno. Uma corrida de velocidade de tráfego por Tóquio, claustrofóbico e ameaçador.

Quando Schuyler e Oliver tinha chegado primeiro em Veneza, Schuyler tinha sido recebida com um selvagem, quase febril, energia. Ela foi incansável na sua

procura, obstinada e determinada. Mas seu entusiasmo havia diminuído, quando

se tornou evidente que encontrar seu avô em Veneza não seria tão fácil como ela havia pensado. Ela veio com nada mais que um nome, ela não sabia com o

que ele se parecia. Velho? Jovem? Sua avó falou para ela que Laurence tinha

sido exilado pela comunidade dos Blue Bloods. E se todos esses anos de isolamento levou a loucura e insanidade? Ou pior, e se ele já não está vivo? E se

ele tinha sido tomado por

uma Silver Blood? Mas agora, depois de ver o quarto do professor ela foi tomada pela mesma força de quando chegou em Veneza. Ele está aqui. Ele está vivo. Eu posso sentir isso.

Schuyler encaminhou-se para a próxima sala, tocando os locais escuros para um sinal, um indício de que levaria ao seu avô. Ela pensou mais, a arte era intrigante, algo muito trabalhado, com apenas uma pitada de vaidade. Isso

significa que uma mulher manteve-se regando sua plantas mais e mais? Tal como ela olhou para a tela, percebeu que a mulher era a mesma encuralada em uma outra tarefa.

Oliver já havia pulado adiante várias instalações. Ele teve a mesma quantidade de tempo para estudar cada peça, aproximadamente dez segundos. Oliver afirmou que isto é tudo o que ele precisava entender de arte. Previa-se que

cada chamada

não encontrariam nada, mas Oliver tinha salientado que nenhum deles sabia o que realmente Lawrence Van Alen parecia. Oliver não estava tão convencido

como Schuyler de que uma visita à Bienal seria bastante, mas ele tinha o seu tato. Ela parou na entrada de um quarto banhado em um carmesim chicanear.

Uma única luz atravessava todo o espaço, projetando um brilhante luz laranja equador através da extensão de luz vermelha. Schuyler andou dentro e parou por um instante.

15 de março de 1871. ADMISSÃO RECUSADA

Lord Burlington e Maggie Stanford não se casarão.

Maggie Stanford continua desaparecida.

A contratação de MAGGIE Stanford, a filha

do Sr. e Sra. Tibério e Dorothea Stanford de Newport, e

Alfred, Lord Burlington Devonshire e de Londres, foi recusada. O casamento era para

ter ocorrido hoje.

Maggie Stanford desapareceu misteriosamente na noite do baile de Patrician seis meses atrás. O superintendente Campbell tem continuado a investigar.

A família Stanford suspeita de jogada suja, apesar de não ter pedido de resgate ou sinal de seqüestro, ainda não foi descoberta. Uma substancial recompensa foi oferecida por qualquer informação relativa ao paradeiro de Maggie Stanford.

SETE

Era uma caixa de uma jóia em uma sala, no último andar, uma das mais altas Skyscrapers em Manhattan, um edifício feito de vidro e cromo, bem como Mimi olhou para fora sobre o magnífico arranha-céu de Nova York, ela capturou seu reflexo na janela de vidro e sorriu.

Ela estava usando um vestido. Mas não apenas qualquer vestido. Esta foi uma costura, confecção de milhares de chiffon rosas cosido à mão

em conjunto para criar um etéreo, e muita elegância. Sem alças, com fechaduras

brilhantes de ouro, derramado sobre ela tons cremosos na parte inferior das costas e ombros. Era um vestido seis dígitos, cada um de um tipo que apenas a loja John Galliano poderia criar. E foi dela, pelo menos por uma noite. Ela estava no departamento de vestir celebridades Christian Dior. Um exclusivo showroom que foi apenas por convite. Todos pertos das prateleiras que estavam rodeando Mimi vestidos vindos diretamente das pistas de Paris, amostras que apenas modelos e

socialites poderiam sonhar em usar. Aqui foi a Dior que Nicole Kidman usou para o Oscar, tinha a bata Charlize Theron usou para Globos de Ouro.

"Impressionante", a Dior publicitária falou com um rápido aceno de sua cabeça.

"Absolutamente, esse é o melhor."

Mimi ganhou uma taça de champanhe da partir da bandeja de prata que um

garçom trouxe. "Talvez", ela reconheceu, sabendo que, com o vestido longo, ela causaria uma comoção quando ela entrar na festa. Em seguida, apareceu na porta Bliss.

Mimi tinha convidado a amiga para participar dela, pensando que seria

divertido ter uma audiência para vê-la em vestidos. Mimi não gosta de nada mais do que ter um amigo bajulando, com inveja de sua boa aparência

e privilégios sociais. Ela não esperou a publicitária da Christian Dior sair de si e

incentivar a Bliss a comprar um vestido também.

Mas desde Bliss tinha sido contratada pelo Farnsworth Modeling Agency, e seu rosto e valor tinha sido brasonadas toda a cidade na "Stitched for Civilization" campanha de publicidade de jeans que ela tinha com estrelado com Schuyler Van Alen, o pequeno Texas tornou-se celebridade em Nova York. Fato que Mimi tinha ainda que perdoar. Bliss sequer tinha sido escolhida a " Garota do momento" Vogue, tinha web sites dedicados a cada movimento dela. Mimi teve de enfrentar a terrível verdade: a sua amiga era famosa.

"Pessoal o que vocês pensam disto? " Bliss perguntou. Mimi e o publicista se olharam. Mimi deu um sorriso desbotado. A publicitária atrpelou-a para ficar ao lado de Bliss Lwelleyn.

"Maravilhoso!" ela declarou. "eu só desejo que o John estivesse aqui para vê-lo em você."

Bliss estava usando um vestido de veludo, a pelúcia verde mais escura quase negro. Sua palidez, marfim compleição parecia quase translúcida contra os ricos profundos, do vestido. Ele tinha uma mergulhante, escandalosamente baixo decote, cortando da clavícula a barriga , revelando uma generosa quantidade de clivagem, mas parando curto nada de obsceno. O corpete foi bordado com mil cristais Swarovski que reluziam contra o tecido como estrelas no céu escuro.

"Eu gosto dele." Bliss declarou. Ela estava acima de Mimi em seu puffe*, e as duas se olharam no espelho.

Conta o espetacular e sexy vestido de Bliss, Mimi no seu rosa-pálido olhou inconsiantemente e deu um sorriso falso sob as brilhantes luzes de Bliss que dançava ao redor no quarto.

"Só parece pesado", disse Bliss, elevação na orla. "Mas é tão lindo.

*aqueles que eles usam pra subir, pra que a barra não arraste no chão e as costureiras podem arrumar melhor os defeitos.

"É feito de seda veneziana, alguns dos melhores do mundo ", explicou o Dior rep. "Dez freiras belga que são cegas fizeram-no ", ela brincou." Então, meninas, eu suponho que estamos todos prontos?

Mimi balançou a cabeça dela. Não havia nenhuma maneira no inferno, ela permitir Bliss roubar-lhe as atenções da noite dela. Ela tinha o seu coração, em

conjunto sendo a menina mais linda do quarto, e ela não seria capaz de fazer isso se Bliss

aparecesse nesse incrível vestido longo.

Visita departamento de vestir celebridades tinha sido idéia dela, mas agora teve de optar por Mimi Plano B. Ela não seria conteúdo com um vestido da pista, ela

tinha que ter um vestido costurado e concebido para si só, pelo comandante. Balenciaga.

Elas deixaram a loja e atravessaram a rua para pegar um rápido almoço no

Fred's, o restaurante no piso superior da Barneys. A recepcionista arrumou imediatamente uma confortável e de quatro pessoas cabine perto da janela,

onde poderá ser visto pelo multidão. Mimi notou Brannon Frost, o Blue Blood editor-chefe da

Chic, sentado em frente delas com sua filha de catorze anos de idade, Willow, uma caloura na Duchesne. O rosto de Bliss brilhava alegremente. Ela ainda estava falando sobre o vestido.

"Sim, totalmente, ela se parecia muito com você", disse Mimi, em uma voz apertada.

O sorriso de sua amiga oscilou e Bliss tomou um gole água para camuflar sua

decepção. O desinteresse de Mimi foi cruel de todas as suas discussões sobre o vestido de Bliss, mais já estava acabado. Bliss rapidamente desconversou. "Mas você ficou IN-CRI-VEL, rosa é totalmente a sua cor."

Mimi shrugged. "Não sei. Acho que vou olhar em outros lugares. Dior é tão exagerado, não acha? Retrô, como eles dizem. Um pouco mais do topo. Mas,

claro, se é isso que você está procurando é fabuloso. "Ela disse que ela desconsiderando couro página virada, olhando o menu.

"Então onde você pensa em ir?" Bliss perguntou, tentando não sentir o cheiro

das pequenas farpas de Mimi. Ela sabia que ela tinha era olho grande no seu vestido, e que foi apenas inveja, Mimi sempre foi assim. A última vez que elas foram às compras, tinham encontrado um lindo casaco bebê-cordeiro de peles misturando-se, uma moderna boutique. Mimi tinha permitido Bliss comprá-lo, mas só depois que ela foi mal de pessoas vestindo peles.

"Mas você pode ir em frente, querida. Eu sei algumas pessoas não se importam com o sofrimento dos pequenos animais. " No fim Bliss tinha comprado o

casaco, mais ainda não tinha usado-o por pressão de Mimi Force.

A cadela estava apenas com olhos verdes de inveja. Eu que bombei com o vestido, Bliss pensando e, em seguida, imediatamente sentiu vergonha de estar

a pensando

de sua amiga assim. Mimi estava realmente com ciúmes? O que fez o bela Mimi

Force ter que ser sobre a inveja, sempre? Sua vida sempre foi perfeita. Talvez Bliss estava lendo muito em sua reação. Talvez Mimi estava certa, talvez o vestido era muito. Talvez ela não deve

usá-lo depois de tudo. Se tivesse outro alguém no seu provador, alguém como Schuyler, a quem conhecia Bliss seria capaz de oferecer uma opinião honesta. Schuyler nem sequer percebia como ela era bonita, ela estava sempre se esconder nessas várias camadas de roupa.

"Eu não sei onde estou indo para encontrar um bom vestido," Mimi disse. "Mas eu tenho certeza que vou encontrar alguma coisa." Ela não estava prestes a

partilhar o seu manga até este momento. Deus ajude a ela, se tinha a mesma idéia de Bliss pedir à Balenciaga designer para fazer um belo vestido tão bom. O garçom chegou e tomou as suas ordens, dois bife au poivres. Raro.

"Sangrento". Mimi sorriu, mostrando apenas uma dica de seus dentes tão que o garçom fez uma dupla reverência.

"Raw", ironizou Bliss, devolvendo o menu, embora ela não estava brincando.

"De qualquer jeito," disse Mimi, tomando um gole de água e olhando ao redor do restaurante animado para ver se alguém estava olhando para ela. Sim. Várias

mulheres, turistas, pelo aspecto do seu pastel cardigans eram da Sibéria, foram sussurrar e falar sobre ela. "Aquele é Mimi Force. Sabe, Force News? Seu pai é aquele gazillionario? Houve uma história sobre ela na última semana de Estilos. Ela parece, a nova Paris Hilton."

"Como eu estava dizendo, não é realmente sobre o vestido. Trata-se de um encontro", disse Mimi.

"Um encontro?" Bliss amordaçado. "Eu não sabia que tínhamos que encontrar garotos para esta coisa."

Mimi riu. "Claro que precisamos de uma encontro, tonta. É um baile". "Então, com quem você vai?"

"Jack, claro", respondeu prontamente Mimi, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

"O teu irmão?" Bliss perguntou, chocada. "Um tipo, ew?"

"É uma coisa familiar," Mimi bufou. "Gêmeos sempre vão juntos e temos que ter um encontro. E, além disso, não é como ... "

"Não é como?" Bliss protestou.

Mimi havia sentido de dizer: Não é como ele é realmente meu irmão, mas esta não era nem a hora nem local para explicar as suas complicadas e imortais

histórias românticas e do vínculo entre eles. Bliss não iria entender. Ela não tem controle total de suas memórias ainda e não seria normal até o próximo ano. "Nada", disse Mimi, como as suas entradas foram estabelecidos antes. "Ooh. Penso que esta é ainda uma respiração." Ela sorriu com ela cortando seu bife, libertando um rio de sangue vermelho sobre a imaculada chapa branca.

Um encontro, Bliss pensou. Um encontro para o Baile Four Hundred. Bliss sabia que só tinha uma garoto com o qual ela queria ir ao baile.

"Então e quanto à você? Talvez você pode convidar Jaime Kip," Mimi sugeriu, "Ele é totalmente sexy e aceitável." Atualmente Jaime Kip tem uma namorada, mais como ela é uma Red Blood, na mente de Mimi isso não conta.

"Escuta, Mimi eu preciso falar uma coisa com você," Ela ainda não tinha conversado com Mimi, mais ela não podia esconder seus pensamentos e

esperanças dela por muito tempo. Especialmente com elas falando sobre garotos.

Mimi levantou uma sobrancelha "Vá em frente."

"Eu acho que o Dylan está vivo." Bliss disse, explicando em uma quase

incoerente corrida dela que havia se encontrado meio afogada Central Park lago, apenas para ser resgatado por um rapaz cujo rosto ela nunca viu, mas cuja voz

tinha sido muito familiar.

Mimi olhou cheia de compaixão pela sua amiga. Através de seu pai, Mimi tinha ouvido o que tinha acontecido. Dylan tinha sido atacado e morto por um Silver

Blood. Não havia esperança para sua sobrevivência. Nunca tinham encontrado o seu corpo, mas o testemunho de Bliss Comité sobre a trágica noite tinha afirmado, o seu destino alto e claro.

"Bliss, querida, eu acho que é realmente doce como você acha que esse cara, o

assim chamado "salvador", Dylan. Mas não há maneira. Você sabe tão bem como eu que ..."

"Sei o que?" Perguntou Bliss defensivamente. "Dylan está morto."

As palavras penduradas no ar entre elas.

"E ele nunca mais vai voltar, Bliss. Nunca". Mimi suspirou e abaixou o garfo e a faca. "Então vamos levar a sério. Você quer que eu escolha pra você? Eu acho Jaime Kip muito sexy."

OITO

Quando Schuyler acordou, ela estava deitada em uma enorme cama king-size no meio de um grande quarto mobiliado no que só pode ser descrito como realza Early Medieval. Uma imensa e agourenta tapeçaria retratando a morte de um unicórnio decorando uma parede distante, um enorme lustre de ouro

aceso com umas cem velas penduradas e pingando do teto, e a própria cama foi empilhada com todos o tipos de pele de animais e lã. O lugar todo conduzia a uma brutal, primitiva elegância.

Ela piscou seus olhos e suas mãos foram voando até seu pescoço. Mas não havia marcas de mordidas. Ela estava segura disso, pelo menos.

—Ah, você está acordada.

Schuyler virou para o som da voz. Uma empregada uniformizada em um vestido preto com um avental branco fez uma reverência. —Você por favor, me siga, senhorita Van Alen, Ela disse.

—Eu sou suposta levar você para o andar de baixo.

Como ela sabe meu nome?

—Onde estou? Schuyler perguntou, chutando fora a coberta e colocando seus pés para trás em suas botas de motociclista que ela encontrou no chão.

—O Ducal Palace, a empregada respondeu, levando Schuyler para fora do

quarto e na direção de uma sinuosa escada iluminada por tochas suspensas. O Palazzo Ducale, ou o Doge's Palace, foi a sede do governo Veneziano por séculos e hospedou suas forças administrativas e legislativas, bem como quartos do conselho e a residência privada do Doge. Turistas eram bem-vindos para visitar os grandes salões e galerias. Mesmo Schuyler já tinha visto o palácio em um passeio oficialmente permitido.

Ela percebeu que estava em uma das residências privadas, a sessão limitada do palácio que não era aberta para o público.

A empregada indicou para ela seguir, e Schuyler caminhou para baixo da escada

para um longo corredor. No final dele estava uma imensa entrada de carvalho, esculpida com hieróglifos* e símbolos pagãos.

—Você irá encontrá-lo aqui, a empregada disse, enquanto abria a porta.

Schuyler caminhou para dentro e encontrou uma espaçosa biblioteca do esplendor baronial. Cortinas vermelhas de veludo foram vestidas sobre as

janelas duplas janelas altas. Estantes de noz estavam forradas com livros de salto de couro. Tapetes de animais e cheios de troféus.

Um inclinado cavalheiro de cabelo grisalho em um tweed Harris, sentado em uma enorme cadeira de couro em frente de um barulhento fogo.

—Vamos em frente, ele ordenou.

Próximo a ele estava o bonito, jovem garoto italiano da Bienal. Ele acenou para

Schuyler e gesticulou para a cadeira na frente deles. —Você colocou um feitiço em mim, Schuyler acusou.

O garoto confirmou isso. —Era a única maneira de ter certeza da sua identidade e suas verdadeiras intenções. Não se preocupe, você não foi prejudicada.

—E? Você está satisfeito?

—Sim, o garoto disse gravemente. —Você é Schuyler Van Alen. Está hospedada no Hotel Danieli com Oliver Hazard-Perry pai e seu filho, Oliver. Está em algum

tipo de busca. Permita-me trazer para você algumas excelentes notícias. Sua busca acabou.

* Hieróglifo ou Hieroglifo é cada um dos sinais da escrita de antigas civilizações, tais como os egípcios, os hititas, e os maias.

—Como assim? Schuyler perguntou cautelosamente. —Este é o Professore, disse o garoto.

—Você vem procurando por mim, eu ouvi. Disse o professor jovialmente. —Eu

não sou tão popular nesses dias com estudantes americanos. Há muito tempo atrás, eu tinha muitos pequenos peregrinos que vinham para me ver dar aulas. Mas não mais. Diga-me, por que você veio?

—Cordelia Van Alen me enviou, disse Schuyler.

Ao mencionar o nome dela, o professor e o menino trocaram um olhar significativo. O calor da lareira trouxe um calor para as bochechas de Schuyler,

mas não foi apenas a chama que trouxe um vermelho corado pra sua pele pálida. Dizendo o nome de Cordelia tão corajosamente fez ela se sentir

vulnerável. Quem eram esses homens estranhos? Por que tinham pegado ela aqui? Ela tinha estado certa invocando o nome de Cordelia para chamar ajuda? —Diga-me mais, incentivou o professor, inclinando para frente e avaliando

Schuyler anciosamente.

—Cordelia era minha avó... Schuyler disse. Mesmo se eles fossem inimigos, não havia como voltar atrás agora. Ela examinou o aposento para pontos de saída:

notou uma porta escondida construída em uma das paredes da biblioteca. Talvez ela pudesse escapar por ali, ou então ela poderia impressionar tanto o velho como o garoto com seu próprio feitiço e voando através da janela.

—Era? O garoto perguntou.

—Ela terminou esse ciclo. Ela foi atacada. Schuyler inalou acentuadamente. —Por um Silver Blood. Croatan.

—Como você pode ter certeza? O rapaz exigiu.

—Os Silver Bloods não tem sido ouvidos desde o século XVII. Sua existência foi legislada fora da História Blue Blood.

—Ela mesma me disse.

—Mas ela não foi pega? O garoto perguntou em uma voz rouca.

—Não. Felizmente. O ataque não drenou todo seu sangue e memória. Ela irá viver para retornar no próximo ciclo.

O rapaz inclinou para trás em sua cadeira. Schuyler notou que ele estava com as chaves do carro com indiferença na mão esquerda, e seu joelho estava para cima e para baixo com impaciência para ouvir o resto da história.

—Continue, o professor encorajou.

—Cordelia disse que a chave para derrotar os Silver Blood era encontrar seu marido, Lawrence Van Alen, quem estava escondido. Ela pensou que se me

enviasse – se me enviasse para Veneza eu poderia encontrá-lo. Eu encontrei? O velho cintilou seus olhos. —Talvez você tenha encontrado.

—Avô, eu vim para pedir sua ajuda. Cordelia disse que isso era necessário que...

Houve um ruído – o garoto limpando a garganta. Schuyler virou-se para ele. —Eu sou Lawrence Van Alen, o garoto disse, inclinando para frente. As características do garoto dissolveram um tanto, mas anularam as fases –

mudou, de modo que ele pareceu um homem mais velho. Mas isso não era a inclinação – olhou por cima dos ombros, os cabelos brancos de avô como na imaginação de Schuyler. Este era um alto, magro homem com algum cabelo

leonino como os de garotos, exceto que era manchado com prata, e ainda havia o aristocrático nariz e o arrogante queixo.

Era como se o aposento contraísse em sua presença. Ele era uma figura que se

impõe, e a nitidez do seu olhar era intimidadora. Aqui estava um homem que seria um rival digno de Charles Force, Schuyler pensou.

—Você é um metamorfo, Schuyler disse admiravelmente. —Essa é sua verdadeira forma?

—Tanto quanto qualquer forma que possa ser real, Lawrence respondeu. —Anderson você pode nos desculpar.

O idoso cavalheiro piscou para Schuyler e saiu da sala, fechando a porta de madeira rangente com um silêncio.

Schuyler sentou em sua cadeira, notando o desbotado tapete Aubusson sobre o chão duro de pedra. Eles eram semelhantes aos da biblioteca de Cordelia na

101st Street.

—Seu canal?

Lawrence acenou. Ele se levantou e caminhou para o bar embutido através da lareira, abriu um gabinete inferior, e removeu uma garrafa de vinho do porto.

Ele derramou o líquido escarlate em dois copos de vidros e entregou um vidro a

Schuyler.

—Eu tive um sentimento, ela disse, aceitando a bebida. Ela bebericou lentamente. Era doce sem estar sendo pesado, saudável e delicioso. O álcool

não tinha efeito sobre os vampiros, mas a maioria deles ainda aproveitava o

sabor.

—Eu pensei que você pudesse, você quase virou para dirigir-se a mim, mas pegou você mesma. Como você sabia?

—O lord da mansão tipicamente senta à esquerda, onde você estava, enquanto

ele estava sentado a sua direita, Schuyler disse. Era uma lei medieval de etiqueta que ela tinha aprendido a partir das intermináveis lições da história

Blue Blood. O rei estava sempre sentado à esquerda, enquanto a rainha, ou

qualquer outro personagem menor, ficava sentado à direita. —Ah, bem observado. Esqueci-me. Estou ficando velho.

—Desculpe-me Cordelia não poder estar aqui. Schuyler disse suavemente.

Lawrence suspirou. —Está tudo bem. Fomos separados agora por mais de um século. A pessoa se acostuma à solidão. Talvez um dia seja seguro para nós estarmos juntos novamente.

Ele inclinou para trás em sua cadeira e removeu um charuto do seu bolso da

frente. —Então, você é a filha de Allegra, ele disse, quebrando para fora uma extremidade do charuto com um cortador de charuto prata. —Tenho estado te

observando. Eu sabia que você estava procurando por mim no minuto que chegou a Veneza. Senti algo no ar, eu achava que era sua mãe, mas era uma energia diferente. Você me viu.

—Você era a mulher que eu vi hoje na rua. Você tinha tomado a forma da Allegra. Schuyler entendeu em voz alta. Tudo fazia sentido agora. Lawrence confirmou.

—Eu faço às vezes, apenas porque eu tenho saudades dela por um tempo muito longo.

Ele pegou uma rápida soprada no charuto e exalou. —Eu estava desconfiado de

sair com você até que eu estivesse certo da sua identidade. Eu tenho muitos inimigos, Schuyler. Você poderia ser um deles.

Schuyler sentou repentinamente, quase derrubando sua bebida. —A dama da

pensão? Era você também. Pelo menos no início. Lawrence riu. —Sim. Claro.

—Então foi por isso que ela disse que nunca tinha te visto antes, quando nós descemos as escadas. Ela estava dizendo a verdade. Schuyler colocou seu copo vazio na pequena mesa enfrente a sua cadeira, tendo o cuidado de coloca-lo em

uma base de copo laminado de ouro.

—Marie é uma honesta senhora, eu darei isso a você. Lawrence sorriu. —Por que nos mostrar seu quarto?

—Eu não queria, mas você estava me perseguindo e eu tive que procurar abrigo em um dos meus lugares secretos escondidos por toda a cidade. Eu tenho muitos endereços, você sabe. Uma pessoa precisa deles se precisar se esconder

com êxito. Marie estava dizendo a verdade; o quarto estava trancado. Mas abriu para você. Eu levei isso como um bom sinal. Pensei em lhe dar uma dica e ver

se você poderia me encontrar na Bienal. Você fez bem. Você foi atraída ao

Olafur Eliasson como eu fui.

—Mas por que você fugiu de mim novamente? Eu estava te perseguindo.

—E você quase me pegou. Meu Deus, a sua velocidade — você é incrivelmente forte. Tomou todas as minhas energias só por ficar na sua frente. Eu ainda

estava inseguro sobre suas intenções ou sua identidade. Você me surpreendeu

por me encontrar enfrente ao edifício Colonial. Me desculpa, eu tive que usar esse feitiço do sono em você.

—Por que você escolheu confiar em mim agora? Schuyler perguntou.

—Porque só a filha de Allegra saberia o correto Advoco Adiuvio, a invocação que você usou. Cordelia e eu tínhamos concordado que se nós fôssemos procurar

um ao outro, nossos emissários usariam essas palavras do idioma sagrado. Sem

o Advoco, você nunca me encontraria em mil anos, independentemente de seus poderes. Mas eu tive que colocar você para dormir para atrasar por um tempo enquanto eu tinha a certeza de que você não tinha sido corrompida. Eu tinha de leva-la em um lugar seguro, onde nós estaríamos observando.

Schuyler concordou. Ela tinha adivinhado isso.

—Então, agora você me encontrou, o que é que você quer? Lawrence perguntou, olhando para Schuyler através de uma névoa de fumaça.

—Eu quero saber sobre os Silver Bloods. Quero saber tudo.

NOVE

O próximo dia era o começo da semana dos exames finais. Ao contrário das outras escolas, estudantes da exclusiva instituição esperavam ativamente ansiosos pelos exames desde que isso significasse um horário flexível e marcasse a vinda das próximas férias escolares. Bliss consultou seu gráfico quando ela se apressou através das portas duplas de ouro, bronze e vidro da escola. Nesse dia, ela tinha Inglês e AP História Americana. O próximo dia, ela tinha Alemão e Biologia. Ela tinha um teste de Justiça Social na quarta-feira, sem exames da quinta-feira e apenas uma recitação de Francês da sexta.

Quando ela correu rapidamente a grande escadaria para o terceiro andar, ela notou todos ao seu redor, garotas estavam vestidas com calças de yoga, camisetas e vestindo botas Ugg*, enquanto os garotos vestiam desbotadas blusas de moletom, jeans furado e tênis.

O que estava acontecendo? Ela mesma estava usando seu traje habitual:

apertado jeans enfiado dentro de botas pirate* presas até a altura dos joelhos, e um suéter Stella McCartney por cima de uma amarrotada blusa Derek Lam. Por

que parecia como se todo mundo tivesse tropeçado fora da cama e se vestido no escuro?

—Ei, Bliss! Mimi gritou, quando ela se apressou pra fora do segundo andar da biblioteca.

Bliss estava surpresa em encontrar Mimi em uma roupa que ela nunca seria pega

usando, a não ser morta. Mimi tinha puxado para trás seu longo cabelo loiro em uma espalhafatosa bandana vermelha e azul e estava usando quase nenhuma

maquiagem (de fato Bliss notou uma pequena espinha no queixo de Mimi). Uma camiseta de tamanho desproporcional da Duchesne lacrosse* pega emprestada do seu irmão, Jack, pendurada em sua magra estrutura, e para completar o look com grandes pijamas de flanela e confortáveis chinelos de lã de ovelha.

*esse tipo de bota mais ou menos:

http://images.quebarato.com.br/photos/big/1/9/35D419_1.jpg

*<http://mynextshoes.files.wordpress.com/2008/12/vivienne-westwood-shoes2.jpg>

* Lacrosse é um jogo de equipe popular principalmente nos Estados Unidos e no

Canadá, jogada por 10 jogadores (equipes masculinas) e 12 (equipes femininas), em que cada jogador usa um stick com uma rede (o crosse) onde através de passes e recepções de uma bola de borracha têm o objetivo de marcar gols rematando a bola para dentro da

baliza do adversário.

—Ei! Bliss chamou.

—Eu não posso falar – atrasada para minha final de química, Mimi explicou, se apressando para o andar de baixo, seus chinelos arrastando sobre o mármore.

—Você acabou de chegar aqui? Soos Kembler perguntou, seguindo Mimi. Ela estava vestindo um moletom Oxford enorme e leggings caída de jersey*, seu fino

cabelo loiro frisado. Essa era a garota que chegava na escola todos os dias com seu cabelo perfeitamente seco, vestindo roupas de grife que custavam na faixa de cinco dígitos.

—Sim, Bliss deu de ombros. —Por que?

—Todo mundo está aqui desde manhã. Soos bocejou. —Essa é a melhor maneira de pegar um melhor cubículo na biblioteca* durante as finais.

Interessante, Bliss pensou. Ela nunca entenderia completamente as regras não

ditas da Duchesne, mas aparentemente parecer um —estudioso ou um —nerd, era o topo da moda durante os exames. Você tinha que parecer como se você estivesse trabalhando duro e totalmente sério sobre os exames. Mesmo os Blue Bloods, com sua hiper-inteligência, ainda precisavam se preparar para os exames.

Amanhã, Bliss prometeu a si mesma, ela chegaria na escola em seu velho pijama. Ela odiava se destacar como uma diferente. Era apenas uma outra forma de transmitir o fato de que, ao contrário da sua turma, ela não tinha sido

aluna da Duchesne desde a pré escola. Ela sempre seria uma intrusa ignorante? Bliss perguntava se ela deveria estar incomodada que Mimi não tinha dito a ela sobre o traje casual, mas depois percebeu que Mimi provavelmente tinha coisas

melhores para se preocupar do que aconselhar Bliss sobre o que vestir para as finais.

*Tecido de malha bastante usado em lingerie.

*no original é lib, que seria uma extensão da biblioteca, como um lugar mais pra estudo e tal, mas não deu pra encaixar na frase, então fica biblioteca mesmo.

Quando Bliss chegou na sala de História, quase todos na sala de aula estavam sentados calmamente esperando seu professor para pegar os testes.

Bliss pegou um lugar ao fundo da sala, olhando ao redor para ver se Schuyler

ou Oliver estavam lá. Ela queria dizer a eles as notícias do regresso de Dylan. Certamente eles acreditariam nela, mesmo se Mimi não acreditasse.

Nenhuma sorte.

Então ela se lembrou que tinha sido dada permissão para os dois pegarem os exames mais cedo, então eles poderiam viajar para Veneza por duas semanas. Bastardos sortudos.

Bliss olhou para baixo em sua composição azul no caderno de anotações. A

primeira pergunta era relacionada à jornada de Mayflower*, peregrinos e os fundadores das treze colônias. Já que ela tinha vivido através disto, tudo que ela

tinha que fazer era fechar os olhos e ela poderia ver sua desolada colonização.

Ela estava certa para puxar as marcas do topo.

Bliss se sentiu confiante que ela tinha certado o exame quando ela se levantou e entregou o papel. Jack Force estava na sua classe, e ele lhe deu um sorriso amigável quando entregou seu papel depois dela. Ele segurou a porta aberta para que eles pudessem sair juntos.

—Como você está? Ele perguntou, uma vez que estavam no corredor ao lado da grande escadaria.

—Ótima, ela disse. —Eu me sinto como uma trapaceira, quero dizer...você sabe. Ele concordou. —Eu sei o que você quer dizer, tudo que temos que fazer é fechar

os olhos, certo?

—É como se nós tivéssemos um livro aberto, ou algo assim, Bliss disse. —Bem, não é como se nós tivéssemos que usa-lo, Jack murmurou.

—Me desculpe? Bliss perguntou.

—Nada. Jack deu de ombros. Ele tinha um olhar distante em seus olhos, e Bliss se perguntou o que estava acontecendo com ele. Ela não o conhecia muito bem, embora ela saísse com ele com bastante frequência, já que Mimi gostava de ter ele por perto.

—Boa sorte essa semana, Jack disse, dando palmadas em suas costas de uma forma fraternal.

* nome do navio que levou os primeiros imigrantes para a América do Norte no ano de 1620

—Você também, Bliss chamou. Ela olhou para seu relógio. Tinha varias horas antes do seu próximo exame. Talvez ela pudesse agarrar uma rápida mordida de um corner deli* e tentar ganhar um daqueles cubículos na biblioteca – se houvesse qualquer desistência.

Quando ela descia as escadas, uma garota caminhou com ela. Bliss levantou uma sombrancelha. —Sim?

Era Ava Breton, uma colega do segundo ano – uma Red Blue – e ainda assim muito popular. Quase todos os amigos de Ava eram Blue Bloods, embora ela não soubesse. Bliss notou que havia intrigantes marcas em seu pescoço, o que significava que Jaime Kip, seu namorado humano, tinha feito dela uma familiar. Interessante.

—Bliss, posso te perguntar uma coisa? Ava perguntou, aconchegando um cabelo atrás da sua orelha. Ava estava vestindo uma fina camiseta de mangas longas

da American Apparel sobre os shorts de basketball do seu namorado, e calcinha

térmica cinza. —Claro.

*um tipo de mercearia que tem em cada esquina do E.U.A

—Você sabe alguma coisa sobre essa festa que Mimi e Jack Force estão dando na próxima semana?

Bliss se deslocou desconfortavelmente. —Eu...

—Está bem. Quero dizer, Jaime está sendo realmente estranho sobre isso. Eu sei que ele está indo para aquele baile no St. Regis com seus pais, sério, quão mal é isso? Mas eu pensei que foi realmente estranho quando ele nem sequer me convidou para a pós festa.

—Me desculpe. Bliss falou, se sentindo desconfortável. Ela odiava quando as pessoas ficavam fora da diversão. Ela lembrava como tinha sido sua vida antes

de Mimi colocar ela embaixo das suas asas. Ela não tem isso em seu coração para excluir pessoas. Era tão superficial e esnobe, e tão Mimi. Certamente não era Bliss. Enfim, qual era o problema? Talvez o Baile Four Hundred fosse

exclusivo para Blue Bloods, mas a pós festa era para adolescentes. Na opinião de Bliss, o mais divertido. Se alguém quisesse entrar, qual era o prejuízo, realmente?

—Eu penas – isso é só – quero dizer, eu sei que todos irão receber um convite, Ava disse, mordendo seu lábio.

—E se eu não...

—É no centro da cidade no Angel Orensanz Center à meia noite. Bliss disse cuidadosamente.

—E é uma festa de máscara. Você precisará de uma máscara,

uma espécie de disfarce, para conseguir entrar. Um sorriso arrebatador apareceu no rosto de Ava. —Obrigada Bliss. MUITO obrigada.

Maldição.

Agora ela tinha feito isso. Ela tinha convidado uma Red Blood para a festa. Mimi ia ficar seriamente irritada.

DEZ

Sem esperança. Estava tudo sem esperança agora. Seu avô mostrou ser inútil: um velho homem assustado sem nada pra viver além dos seus livros, seus cigarros e seu vinho do porto. Pelo que ela tinha esperado? Um tutor, um guia, um patrono... pai. Alguém que tiraria o peso dos seus ombros por um tempo. Enquanto ela fazia as malas no hotel na manhã seguinte, Schuyler lembrou-se das palavras de despedida de Lawrence. "Sinto muito Schuyler. Cordelia estava errada ao mandar voce ate mim."

Entao ele começou a passear na frente do fogo. "A verdade é que eu há muito tempo nao tenho interesse nos negócios Blue Bloods. Lavei minhas mãos da

causa deles, desde Roanoke. Eles escolherem seguir Michael como eles sempre

fizeram," ele disse, referindo-se a liderança do coven que recolocou Michael como Regis quando a crise em Roanoke foi descoberta e parecia que os Silver Bloods tinham retornado. " E

se não me engano, eles ainda escolheram segui-lo hoje como Charles Force." Lawrence sacudiu a cabeça. " Quando ele virou as costas para a família e renunciou ao nome Van Alen, eu jurei que nunca voltaria para o coven.

"Uma pena, você veio a Veneza em vão. Sou um homem velho. Prefiro viver minha vida imortal em paz. Não tenho nada para te oferecer."

"Mas Cordelia disse..."

"Cordelia colocou muita fé em mim, como sempre. A chave para combater os Silver Bloods está em Charles e Allegra, não em mim. Somente o Incorrutível pode salvar Blue Bloods da abominação Silver Blood.

"Sinto muito mas não posso ser de grande ajuda. Eu abandonei os Blue Bloods para sempre quando vim para o exílio."

"Entao Charles Force estava certo sobre você" Schuyler disse, sua voz

tremendo.

"O que você quer dizer?" Lawrence perguntou sombriamente.

"Ele disse que você nao era metade do homem que Cordelia queria que fosse. Que eu só encontraria tristeza e confusão se viajasse a Veneza."

Lawrence deu um passo para trás como se tivesse recebido um golpe físico. Sua

face registrava uma mistura de emoções- vergonha, raiva, orgulho- mas ele permaneceu em silêncio. No final, ele abruptamente virou as costas para ela e deixou a sala, batendo a porta atrás de si.

Bem. Foi assim. Schuyler fechou o zíper da bolsa, pendurou-a sobre o ombro, e caminhou para o elevador, onde Oliver estava esperando. Ele nao disse olá ou bom dia. Ela sabia que se quisesse, poderia dar uma olhada na mente dele-

seus pensamentos transmitidos como que por via satélite. Mas ela sempre trocava o sinal. Ela nao sentia que era certo bisbilhotar. Além disso, ela nao precisava de nenhum poder especial para imaginar que ele ainda estava irritado

por ela nao ter ligado para ele na noite passada.

O motorista de Lawrence a trouxe de volta para o hotel tarde da noite, e

Schuyler encontrou várias mensagens frenéticas de seu amigo no celular e na

caixa do voz do hotel. Ela teria ligado para ele de volta, mas era tão tarde que

não quis acorda-lo.

"Achei que estivesse morta" Oliver acusou

"Se eu estivesse, você poderia ficar com meu iPod" "Ah, o seu é uma droga. Ele nem passa vídeo"

Schuyler reprimiu um sorriso. Ela sabia que Oliver não poderia ficar muito tempo

brabo com ela.

"De qualquer forma, você perdeu uma hilária entrega de prêmios européia na tv. David Hasselhoff** arrastou todas as categorias."

"Que saco pra mim"

Ele grunhiu. " Meu pai já foi, ele pegou um voo mais cedo. Teve que voltar para um encontro de acionistas."

** Um ator norte-americano que fez as séries SOS Malibu e A super máquina. Schuyler olhou de lado para seu amigo. A sombrancelha castanha cobria sua

testa, e seus aquecidos olhos cor de avelã, manchados de verde e topázio, se

encheram de preocupação. Schuyler restringiu a si mesma de tocar o percoço dele, que parecia tão vulnerável e convidativo. Ultimamente ela vinha sentindo

um novo desejo de se alimentar no seu sangue. A sede era a baixo zumbido,

como música atrás da sua cabeça que você não consegue notar, mas uma vez por um tempo ela aumentava sua voz, e não tinha como se enganar(a respeito

so som). Ela encontrou-se olhando para Oliver de um jeito novo, e enrubeceu

quando olhou para ele.

Ocorreu a Schuyler que seu pai humano foi o familiar da sua mãe vampira, e Allegra tomou ele como marido contra a lei vampírica. Pela primeira vez na história dos Blue Bloods, as linhas entre as raças tinham se turvado, e o resultado tinha sido Schuyler. Meio humana.meio vampira. Dimidium Cognatus. Schuyler tinha se tornado ciente dos seus ancestrais somente alguns meses atrás, mas agora entendia que seu sangue era seu destino, formado por um padrão complexo de veias embaixo de sua pele. Sangue chamando por sangue. O sangue de Oliver...

Ela nunca tinha notado como seu amigo era bonito. Quão macia sua pele parecia. Como ela queria alcançar com seus dedos e tocar aquela mancha sob do seu pomo de adão, e beijar-lo lá, e então, talvez, picar a pele com seus dentes, sugar com suas presas... se alimentar...

"A propósito, onde você estava?" Oliver perguntou, quebrando seu pensamento.

"É uma longa história", Schuyler disse. As portas do elevador se abriram e os dois entraram.

Como eles fizeram o caminho em um taxi pouco seguro pelas ruas de pedras

arredondadas até o minúsculo aeroporto regional, Schuyler contou a Oliver tudo o que tinha acontecido, e ele escutou atentamente.

"É a merda de uma vergonha," Oliver disse. " Mas talvez ele mude de idéia algum dia."

Schuyler encolher. Ela tinha pleiteado por sua causa. tinha feito o que sua avó

pediu, mas ainda tinha sido menosprezada. Ela realmente achava que nao tinha nada que pudesse fazer a respeito.

"Talvez, talvez não. Vamos parar de falar sobre isso," ela suspirou.

O voo deles para Roma estava atrasado, entao Schuyler e Oliver passaram o tempo olhando as lojas sem impostos(melhor tradução que achei) e de

lembranças. Oliver sorria enquanto mostrava a Schuyler uma revista italiana ousada. Schuyler segurava um monte de revistas, uma garrafa de água, e goma para facilitar a pressão em seus ouvidos durante a redolagem e aterrissagem.

Ela estava esperando na fila pela chamada de embarque quando notou uma pilha de mascaras venezianas. A cidade estava cheia de vendedores ambulantes

deles, mesmo que ainda não fosse carnaval. Ela não tinha dado nenhuma atenção as ninharias baratas, mas uma máscara em particular na exposição do aeroporto chamou sua atenção.

Era uma máscara que cobria todo o rosto com abertura nos olhos, e feita por uma fina porcelana, com uma moldura ouro-e-prata.

"Olhe", disse ela, segurando para mostrar a Oliver.

"Para que você quer aquela coisa pegajosa?" ele perguntou.

"Não sei. Eu não tenho nada que me lembre de Veneza. Vou comprar isso."

O voo deles para Roma foi turbulento, e o voo para Nova York foi pior ainda- tanta turbulência que Schuyler pensou que ficaria louca com seus dentes

batendo um contra o outro toda vez que o avião pulava. Mas quando ela olhou

pela janela e viu o horizonte de Nova York, ela sentiu um apressado amor pela cidade, tingido com tristeza de saber que nao havia ninguém esperando por ela

em casa exceto por dois servos leais que agora eram seus guardiões legais, pelo

desejo de Cordelia. Ao menos tinha Beauty, uma amiga de verdade e protetora. Beauty era outra parte da transformação, uma parte parte da alma de Cordelia

que tinha sido transferida para o mundo físico para proteger Schuyler até que

ela tivesse pleno controle de seus poderes. Ela tinha sentido falta do seu cachorro.

Eles tinham feito o caminho para apanhar suas malas, cansadas da viagem.

Depois de viajar por quase 15 horas direto, os dois pareciam que tinham atingido o ponto máximo, e tinha anoitecido quando chegaram a Nova York. Eles saíram e encontraram uma clara camada de neve. Era a primeira semana de Dezembro, e o inverno tinha finalmente chegado.

Oliver encontrou o carro de sua família no meio fio, e guiou Schuyler para o Mercedes Maybach preto. Eles sentaram no comodo interior de couro, Schuyler agradecendo aos deuses por dar Oliver a ela. A fortuna da família dele (intacta) era útil definitivamente em horas como essa.

Os dois estavam absorvidos em seus pensamentos enquanto rodavam a cidade. O tráfego estava limpo na rodovia, e fizeram o caminho até Manhattan em meia hora. O carro percorreu a ponte de George Washington e saiu na Rua 125ª, passando pela Riverside até a Mansão Van Alen na esquina da 121ª com a Riverside

Bem, eu fico aqui", Schuyler disse, "Obrigada de novo por tudo, Ollie. Queria que tivesse dado certo com meu avô"

"Ah, sem problema. 'Poteger e servir', esse é o meu lema". Oliver inclinou-se para beijá-la na bochecha como sempre fazia, mas no último minuto Schuyler virou a cabeça então seus narizes se encontraram.

"Ops" ela disse

Oliver parecia embaraçado, e eles somente se abraçaram ao invés disso. O que estava errado com ela? Ele era seu melhor amigo. Por que ela estava agindo tão

estranha? Ela estava prestes a abrir a porta do carro quando ele limpou a garganta. ele virou-se para ele. " Você disse algo?"

"Entao, uh, suponho que você vai fazer aquela coisa essa noite, huh?" ele perguntou passando a mão no queixo.

Schuyler piscou. " Coisa?"

"Aquela, uh, o baile Four Hundred," disse Oliver revirando os olhos e fazendo exagerados gestos com os dedos. " O grande shindig (não achei tradução) dos sugadores de sangue"

"Oh, certo" Ela tinha quase se esquecido disso. Sua presença seria requerida como parte do Comitê. Era muito nova pra ser oficialmente apresentada no Baile de Mimi e Jack Force.

Jack Force- por semanas ela tinha reprimido seus sentimentos por ele, mas o pensamento do baile dos Four Hundred trouxe as imagens dele a sua mente. Alto, dolorosamente lindo, o sol brilhando em seus cabelos e pele dourada,

sorrindo com seus perfurantes olhos verdes, mostrando seus regulares e deslumbrantemente dentes brancos.

Jack tinha sido o primeiro a suspeitar que havia mais na história da morte de

Aggie do que qualquer um do Comitê gostaria de acreditar. Ele era o único determinado a encontrar a verdade. Ela tinha acreditado nele depois que tinha sido atacada, e depois que ele a tinha confortado ele tinham se beijado. A memória do beijo dele ainda estava pressionada como uma impressão nos lábios dela. Se fechasse os olhos ainda poderia sentir o cheiro dele, limpo e fresco

como roupa de linha recentemente lavada, com uma loção pós barba amadeirada.

Jack Force...

O que tinha virado as costas para ela quando ela acusou seu pai erradamente de ser um Silver Blood. Ela se perguntava se Jack tinha um par para o baile, e se ele tinha, quem era. Ela sentiu uma chama brilhante de ciúmes ao pensamento de outra garota em seus braços.

"Você quer ir comigo?" Ela ainda não tinha nem pensado num vestido ou em um par até Oliver mencionar isso.

Oliver corou e pareceu aflito. "É, um... somente para vampiros. Tipo uma regra. Nem humanos familiares ou Conduites são permitidos."

"Oh, desculpe, eu não sabia", Schuyler disse, "Talvez eu não vá."

Oliver olhou para fora da janela, onde a neve tinha coberto os telhados e calçadas com uma camada de branco cristal.

"Você deveria ir," Oliver disse quietamente. "Cordelia iria querer que sim." Schuyler sabia que ele estava certo. Ela era o restante dos Van Alen em Nova York. Ela teria que representar a família. " Tudo bem, eu vou. Mas sairei cedo e talvez a gente possa se encontrar mais tarde?"

Oliver sorriu melancolicamente. "Claro".

ONZE

Os Forces tinham reservado quatro quartos de suite presidenciais no St. Regis. Quase todos os quartos do Hotel foram assumidos pelas famílias Blue Bloods. Era uma tradição, desde que isso significasse um passeio simples no elevador para o salão de bailes e garantisse menos amassados nos vestidos das senhoras.

Charles Force apertou demais a argola em seu punho. Ele era um alto, arrogante homem, com um bonito cabelo prateado. Ele estava vestindo uma

gravata e um fraque branco, bem como luvas brancas. O fraque foi lindamente cortado na forma tradicional, com dois botões fechando e uma tira de veludo embaixo ao lado da calça. Ele ficou no quarto com suas mãos entrelaçadas atrás

dele. Esperando pelas mulheres da família terminarem de se vestir.

Seu filho, Jack, estava vestido de forma semelhante, e parecia arrojado em seu fraque. Jack tinha escolhido um colarinho pontiagudo que repousou plano em

sua camisa social especialmente em comparação ao tradicional colarinho borboleta que dobrava contra o queixo.

Jack tinha estado calmo durante todo o dia, e de repente ele colocou suas

pernas fora do sofá e se levantou. Ele olhou seu pai nos olhos. —O que você disse a Schuyler antes dela partir?

—Ainda preocupado com a garota Van Alen? Charles perguntou. —Eu pensaria

que depois dela ter me acusado erradamente de abominação, você teria perdido o interesse por ela.

Jack deu de ombros. —Eu não estou interessado pai. Apenas curioso. Ele disse. Durante a balburdia que tinha rodeado o desaparecimento de Dylan, e a passagem de Cordelia, seu pai tinha tomado Jack em sua confiança, contando

a ele a verdade dos ancestrais de Schuyler. Naquela noite Jack também havia descoberto a verdade sobre o seu relacionamento com sua irmã. Mimi era sua outra metade, para melhor ou pior, sua melhor amiga e pior inimiga, sua gêmea

em mais formas do que qualquer um.

Mas embora, Jack, tivesse se conformado com a verdade da sua família, questões permaneceram: O que o comitê estava escondendo? Tinha um Silver

Blood verdadeiramente retornado? Seu pai agiu como se toda a situação estivesse completamente resolvida, desde que os assassinatos tinham parado repentinamente há vários meses atrás.

Charles suspirou. —Eu simplesmente disse a ela que sua viagem a Veneza seria inútil. Ela tinha colocado em sua cabeça que seu avô está de alguma forma indoprovenciar as respostas para suas perguntas tolas. Mas ele não vai. Eu conheço Lawrence muito bem; ele ficaria de fora disto como ele sempre fica. Ela embarcou em uma viagem infrutífera.

Jack tinha imaginado tanto. Eles estava consciente que seu pai não gostava de

Lawrence Van Alen, e suas flutuantes memórias recentes confirmavam isso. —Mais alguma pergunta para mim? Charles perguntou.

Jack olhou para baixo em seus sapatos de couro envernizada, brilhando

especialmente para a ocasião. Ele pode ver seu ressentido reflexo sobre a superfície brilhante.

—Não pai. Ele agitou sua cabeça. Como ele pode duvidar do seu pai? Charles

Force era Michael, puro de coração, o Regis. Um vampiro por escolha própria e não por pecado, um infalível.

—Bom, Charles disse, escovando fora o algodão do fraque preto de Jack, e

avisando seu filho para ficar imediatamente de pé. —Este é o Baile Four Hundred. Sua apresentação formal ao nosso povo. Estou orgulhoso de você.

"Trinity, minha querida? Você está pronta? Charles chamou da sala de jantar.

Jack viu sua mãe, Trinity Burden Force, sair do seu camarim e sorrir carinhosamente para seu marido. Ela estava vestida em um vestido de baile charmeuse* vermelho brilhante de seda com um decote sweetheart* e um decotado atrás. Os dois abririam o baile com suas entradas. Mas Jack sabia de seu pai que Trinity não tinha sido homenageada desta forma no passado. Na verdade, este seria apenas o décimo sexto ano em que Allegra Van Alen não pegou o seu lugar ao lado do seu irmão. O décimo sexto ano que Gabrielle não irá liderar o coven.

* Marca de fantasia de um cetim lustroso leve, de algodão, raiom ou seda, criado no século XX. (ou em francês ficaria fascinante/sedutor)

* decote sweetheart seria desse tipo mais ou menos(não consegui achar

tradução): http://m181.photobucket.com/image/sweetheart%20neckline/happyunderground7/Clothes/AAAAAKV7tLMAAAAAADZ_1g.jpg.html?src=www

Em uma suíte adjacente, Mimi Force estava vestida em um roupão Turco de pelúcia, sentada de costas em uma cadeira dourada, enquanto um bando de estilistas e manicures a rodeavam, supervisionando cada polegada dela. Seu cabelo estava sendo escovado para trás em um gracioso coque, enquanto um outro assistente segurava fortemente um secador de cabelo. Dois dos mais conhecidos maquiadores da cidade estavam trabalhando em seus retoques finais. Um estava passando o batom, o outro salpicando seu rosto com bronzeador.

Todo o tempo, Mimi segurou um celular em seu ouvido, enquanto ela assoprava suas unhas, pintado um —Socialite perolado.

—Oh meu Deus, está um hospício por aqui, desculpe – eu não posso te ouvir bem. Que horas você disse que vocês vão chegar lá?

—Nós estamos no Hotel. Sim, o penthouse. Desculpe, você se importa? Perdão, Alô, você está aí, ela disse severamente para o estilista de cavanhaque com o secador de cabelo. —Você quase queimou minha orelha fora, disse, dando a ele um olhar de desaprovação. —Desculpe Bliss, tenho que ir.

Mimi fechou seu celular, e as atividades ao seu redor cessaram. —Já terminamos? Ela perguntou.

—Veja. O estilista lhe entregou um espelho.

—Fotos! Mimi demandou.

Um dos assistentes de camisa preta tirou uma rápida foto.

Mimi checkou seu reflexo bem como a fotografia. Ela se estudou criticamente, em busca de qualquer falha detectável, não importa quantos minutos. Seu cabelo

estava escovado e moldado para um brilho pólido, e seu rosto emoldurado como uma coroa dourada. Sua pele brilhava, uma esfumaçada sombra salientava seus olhos verdes, e seus lábios pareciam corado como rosas recém colhidas.

—Sim, eu acho que será tudo, ela disse regamente, afastando sua comitiva com um aceno de mão e sem um traço de gratidão.

Mimi considerou trabalhar nela um privilégio para eles, e não ao contrário. Pouco depois, sua empregada entrou no quarto sustentando uma caixa branca de papelão do tamanho de um pequeno caixão infantil. Tinha sido enviado para o hotel no último minuto, e Mimi aplaudiu suas mãos quando viu.

—Está aqui! Sua empregada disse alegremente, tendo sido o receptor azarado dos acessos de raiva de Mimi pelo fato de que o baile começaria em algumas

horas e o seu vestido ainda não tinha chegado. —Eu vejo isso. Não sou idiota. Mimi rebateu.

Ela correu até a caixa, lançou ela sobre a colcha, e rasgou o embrulho de papel marrom como um Dervixe Rodopiante*

*Os dervixes rodopiantes obtiveram esse nome do grande poeta e místico sufi Celaladdin-i Rumi (1207-73), chamado Mevlana (nosso líder) pelos seus discípulos. Os sufis buscam comunhão mística com Deus através de várias formas. Para Mevlana, era através da Sema (cerimônia) envolvendo cantos, louvores, música e dança giratória. O GIRO induz ao estado de transe que torna mais fácil a mística união espiritual com Deus. (Viva o Google)

Mimi encolheu os ombros fora do seu roupão, arremessando ele para o chão. Ela ficou no meio do quarto, completamente nua quando sua empregada segurou o vestido para cima. Mimi andou até ele, sentindo a luz, o tecido fino flutuando sobre ela como uma neblina, assentando contra sua forma esguia. —Vá, ela disse de forma curta para sua empregada. A empregada assustada quase pisou em seu roupão na pressa de sair.

Ela amarrou o cordão em torno da sua cintura e avaliou a pele bronzeada que espreitava através do interruptor de luz. Quando ela ficava em frente à luz, sua

forma seria mostrada em uma completa silhueta escura; todas as curvas do seu corpo, cada linha do pescoço até o seio, da cintura para o quadril até suas

intermináveis pernas, ela estaria imediatamente coberta e ainda exposta, coberta e despida, vestida e ainda nua.

Nenhuma roupa íntima era necessário. Ela estava espetacular.

—Uau.

Ela sorriu. Isso não ia levar muito tempo. Ela virou o rosto ao redor do seu irmão.

Jack estava de pé na entrada para seu quarto, inclinando a mão sob a

maçaneta.

Charles tinha enviado ele para se juntar a sua irmã.

Seu fino, cabelo de platina foi escovado para trás da sua testa, e havia um olhar delicado em seu rosto.

Você parece... Ele mandou.

Eu sei...

Eles tinham voltado aos seus velhos hábitos de conversar sem falar, Jack permitindo sua irmã através de cada pensamento seu, cada memória sua.

Seus olhos vidrados. Ela podia ver o que ele via através de seus olhos, e ela

sabia que ele estava relembando aquela primeira noite também. Ela podia ver o claro céu Veneziano, seus passos leves e rápidos sobre a ponte. Ela podia ver

através dos seus próprios olhos, uma eternidade mais jovens – como os jovens que eles tinham sido na mesma hora do amanhecer do mundo, antes das guerras, antes da escuridão.

Como você encontrou...é o mesmo?

Não, infelizmente esse vestido está perdido no Rio Tibre...ceda não se mantem por mil anos, querido. Este é um novo, para um novo vínculo.

—Mas ainda não, Jack revelou.

Sua visão desapareceu, e Mimi estava irritada por ter sido arrancada de uma memória agradável.

—Não, ainda não, Mimi permitiu. Eles não estariam oficialmente ligados até seu vigésimo primeiro aniversário. De acordo com as leis dos vampiros, o vínculo – o

sagrado matrimônio entre vampiros era uma promessa imortal, mas a cerimônia não pode ser realizada até que eles fossem maiores de idade. Os dois foram obrigados a renovar seu vínculo em cada ciclo, mas esta tinha sido a primeira

vez que tinham nascidos gêmeos na mesma família, assuntos confusos devido às confusas leis humanas. Mas não importa. Eles eram gêmeos vampiros, que tinha um significado diferente entre a sua espécie. Significava que eles tinham

sua alma gêmea no paraíso, onde eles haviam jurado seu amor.

O vínculo não poderia ser realizado até que ambos tivessem entrado em suas memórias e controlado seus poderes. Vampiros gêmeos algumas vezes

gastavam ciclos procurando pelo outro, e casais vinculados tinham que ser bastante velhos para reconhecer a última reencarnação do seu parceiro em uma nova casca física.

Ela sabia, que em toda a história dos vampiros, só um jovem havia abandonado suas obrigações. Gabrielle, como Allegra Van Alen, tinha abandonado Michael,

Charles Van Alen Force, neste ciclo. Ela tinha casado – casado – em uma igreja, um santuário sagrado, tinha dito as palavras, tinha prometido sua fidelidade para um humano! Para seu humano familiar! E veja o que aconteceu... Gabrielle está presa em um coma para sempre, pega entre a vida e a não-morte. Condenada ao silêncio eterno.

—Mas por que esperar? Mimi perguntou. —Eu soube quem você era desde que eu pude te ver. E você sabe quem eu sou agora.

Mimi estava se referindo a noite no escritório do seu pai quando as memórias de

Jack permitiram que ele finalmente visse o que estava bem na sua frente todo o tempo. Eles eram dois em um. Ela era dele. Pela eternidade.

—Eu te amo, você sabe, Mimi disse. —Você me deixa louca, mas Deus me ajude, Jack, eu quero.

Jack curvou sua cabeça para que seu nariz ficasse enterrado no cabelo de Mimi.

Cheirava a Jasmim e Madressilva, ele inalou profundamente. —Eu também te amo, ele respondeu.

—Meu Deus. Trinity disse, com um forte consumo de ar.

Mimi e Jack se separaram lentamente do seu abraço e olharam para ver sua mãe de pé da entrada da porta.

—Mimi, você tem apenas dezesseis. E isto certamente não é, um vestido para alguém de dezesseis anos de idade. Trinity acusou, sua voz tremendo.

—Devo lembrar que tenho um século a mais que você _mãe_? Mimi inalou. Ela estava indo atingir a maioridade agora, as memórias fluindo de volta, e Mimi

não queria mais jogar a Red Blood, com a típica família dinâmica nuclear. —Charles, Trinity disse. —Controle seus filhos.

—Mimi, você está linda, Charles disse, beijando a filha na testa. —Vamos.

Trinity olhou de cara feia.

—Vem, querida, é hora da dança, Charles disse tranquilamente, pegando a mão da sua esposa e levando-a para fora do quarto.

—Vamos? Jack perguntou, segurando a sua mão. —Vamos. Mimi sorriu.

E juntos os gêmeos Force saíram, de braços dados, para a festa do ano.

DOZE

Algumas quadras a frente, numa cobertura totalmente diferente, o bizarro triplex dos Llewellyns apelidado de "A cobertura des Rêves"* devido a sua terrível, senão surreal, extravagância. Forsyth Llewlyn estava parado em frente de um compartimento secreto atrás do armário de sapatos. Ele rapidamente girou o botão da abóboda 2 voltas a direita, então 3 voltas a esquerda, e deu um passo atrás quando uma porta de aço inoxidável de 5 polegadas abriu. "Paaaaaaai, o que é isso tudo?" Bliss perguntou, em pé atrás dele. "Eu deveria encontrar Jaime na entrada às 8."

Ela estava segurando Miss Ellie, sua cadelinha Chihuahua, nos braços. Miss Ellie era seu cão familiar, chamada igual a seu personagem favorite, em Dallas**, claro.

* "des Revês" significa 'dos suecos' em francês.

** Miss Ellie era um personagem de uma série de TV Dallas da década de 70/80.

Como prometido, Mimi marcou um encontro de Bliss com Jaime Kip. Era um total amigo-encontro. Jaime não tinha absolutamente nenhum interesse em Bliss, e vice versa. De fato, foi Jaime que sugeriu que eles se encontrassem na entrada de St. Regis já que os dois estavam acompanhados de seus familiares. Bliss teve a clara impressão que Jaime tinha pedido para ser sua escolta com a única finalidade de tirar Mimi de sua cola. Mimi podia ser bem agressiva quando queria.

Bliss cruzou os braços e olhou ao redor para o enorme vestido de sua madrastra. Ela nunca falhava em impressionar os convidados durante o ritual de tour pela casa. O 'closet' tinha facilmente 2 mil pés quadrados. Tinha uma banheira romana forrada com mármore travertine e era equipada com chuveiros dançantes dos lados, assim você se banhava como se estivesse no meio de uma fonte. Tinha um corredor interminável de espelhos que mascarava uma série de compartimentos que abrigava 5 mil itens de roupas de estilistas, que tinham

sido catalogadas e arquivadas pela assistente pessoal de BobiAnne.

O que estava dentro era tão ruim, na opinião de Bliss quanto vulgar e insípido. BobiAnne nunca tinha encontrado um poncho com a impressão de um leopardo

que ela não tenha gostado.

BobiAnne estava absorvida com seu próprio banheiro, e Bliss podia ouvir o grave eco da risada de sua madrastra ao redor do quarto de se vestir quando ela

focava com seus 2 estilistas. Bliss olhou para si mesma na infinidade de

espelhos. Ela tinha decidido usar o vestido verde da Dior ao final das contas. Seu pai e sua madrastra estavam simplesmente ofegantes quando a viram.

"Minha querida, você está tão linda," BobiAnne cochicou, fechando sua entead

em seus braços ossudos feitos em fios por muito Pilates*. Era como ser abraçado por um esqueleto.

BobiAnne estava sempre elogiando a boa aparência de Bliss ao céus, e

menosprezando aparência simples da própria filha. Jordan, que aos 11 anos era muito jovem para o Baile, tinha dado uma olhada enquanto Bliss estava se vestindo e deu sua opinião. "Você parece uma puta".

* Um tipo de exercício.

Bliss lançou um travesseiro em sua irmã que se retirou. Após mostrar aos pais o vestido, seu pai a levou para dentro. Ele puxou várias gavetas forradas de camurças feitas sob medida de acordo com as especificações de BobiAnne. Bliss podia ver o brilho dos muitas tiaras de diamante, colares, anéis e braceletes de sua madastra. Era como o interior de Harry Winston*. De fato, havia o rumor de

que quando os texanos tinham se mudado para Manhattan, a esposa do senador tinha limpado as abóbadas do maior comerciante de diamantes com a intenção de celebrar a ascensão no reino social da cidade.

*uma joalheria de diamantes que revolucionou o design, criou invenções de conjuntos de platina flexíveis e artesanais que conseguiram uma leveza, dimensão e brilho inimagináveis. Os designs apresentados pela Harry Winston são excepcionais, executados com uma perfeição irrepreensível e absolutamente intemporais.

Ele tirou uma longa caixa preta do fundo da gaveta.

"Isso era da sua mãe," ele disse, mostrando a ela um pedra imensa de esmeraldo presa em um colar de platina. A esmeraldo tão grande quanto um punho.

"Sua verdadeira mãe, quero dizer. Não BobiAnne" Bliss estava em silêncio.

"Quero que você use isto essa noite. É um momento importante para nós, para nossa família. Você honrará a memória de sua mãe com essa jóia," Forsyth disse, fechando o colar ao redor do pescoço de sua filha.

Bliss sabia pouco sobre sua mãe, somente que ela tinha terminado o ciclo mas cedo por uma razão desconhecida. Seu pai nunca falava ao respeito dela, e Bliss tinha crescido entendendo que sua mãe era um assunto doloroso. Tinha pouco a se lembrar dela, e as poucas fotografias permanecidas eram deslavadas e murchadas, então as características de sua mãe eram quase indistintas. Quando Bliss perguntou so ela, seu pai somente disse para " canalizar suas

memórias", e que ela encontraria sua mãe novamente se o tempo permitisse.

A cadela nos braços de Bliss ficou furiosa, latia e rosnava para a pedra. "Miss Ellie! Pare!"

"Silêncio!" Forsyth ordenou, e a cadela pulou dos braços de Bliss e saiu porta afora.

"Você a assutou, pai"

Bliss olhou para a esmeralda, que tinha se protegido dentro de seu decote. Era tão pesada sobre sua pele. Ela não sabia se tinha gostado ou não. Era tão

grande. Sua mãe teria mesmo usado isso?

"A pedra é chamada de 'A rosa de Lucifer', ou 'Maldição de Lúcifer'", o senador explicou com um sorriso. "Você já ouviu a história?"

Bliss balançou a cabeça.

"Dizem que quando Lúcifer caiu do céu, uma esmeralda caiu de sua coroa. A

esmeralda era chamada de 'A rosa de Lúcifer', a estrela da manhã. Outras histórias até dizem que esse é o Santo Graal"

Bliss absorveu a informação quietamente, sem saber o que pensar. Sua mãe tinha possuído uma jóia ligada aos Silver Bloods?

"Claro", Forsyth disse, balançando a cabeça, "é somente uma história." Naquele momento, BobiAnne entrou no quarto vestindo um assustante vestido Versace que parecia como um spray de vinil metálico pintado no corpo.

"Como eu pareço?" Ela perguntou ao marido docemente. Bliss e seu pai trocaram olhares.

"Muito bonita, querida", seu pai disse com um congelado sorriso. "Podemos? O carro está esperando".

Em frente ao hotel um amontoado de fotógrafos estavam reunidos, uma legião

de curiosos estavam sendo segurados por um portão de seguranças com um amontoado do melhor de Nova York. Como cada carro preto da cidade tinha estacionado na entrada, lâmpadas de flash explodiram numa cacofonia de estouros. .

"Aqui vamos nós," BobiAnne exclamou alegremente quando parou fora do carro agarrada ao braço do marido.

Mas os paparazzis estavam somente interessados em Bliss.

"Bliss! Bem aqui! Bliss! Uma pra mim! Bliss!- por aqui!" "O que você está vestido?"

"Quem fez esse vestido?"

Alguns fotógrafos e repórteres eram educados o bastante para perguntar ao senador e sua esposa o que eles achavam da festa, mas era óbvio que Bliss era a atração principal.

Tinha somente 10 passos do meio fio até a entrada do hotel, mas parecia que

Bliss levava uma boa meia hora até lá.

"Está uma loucura," Bliss observou, olhando quando finalmente chegou ao lobby pink e dourado e encontrou seu par esperando impacientemente em frente a mesa de recepção.

O salão de baile do St. Regis tinha sido transformado em um cintilante país das maravilhas de inverno: os lustres de cristal foram pendurados com barbantes

suavemente enfeitados com contas de rhinestones, e belas e a gloriosas rosas americanas floresciam em toda parte, do ascender, de seis pés centrais(tão

pesado que as mesas tiveram que ser reforçadas) às guirlandas imensas em cada arco. Um carpete branco neve no chão de mármore se estendia pelo caminho da recepção no salão de baile.

"Senador e Senhor Forsyth Llewellyn," o precursor anunciou quando o político e sua esposa apareceram no topo das escadas. Um holofote os iluminou e o percussionista tocou um dramático drumroll.

"Sr. James Andrews Kip.e Senhorita Bliss Llewellyn." Os quatro entraram devagar na festa.

A duas orquestras de cinquenta componentes encaravam uma a outra

atravessando o salão, tocando uma serena valsa enquanto os Blue Bloods exibindo seus enfeites- os homens precipitando-se e suaves em suas caudas, as mulheres sobrenaturalmente magras e impossivelmente elegantes em seus vestidos de bailes. Era uma visão mágica.

O Comite tinha finalmente superado a si mesmo dessa vez. Todo o salão estava

cheio com deslustrado, brilhoso branco: os lustres antigos de cristal brilhavam, e os chãos de terraço cintilavam.

Jaime deixou Bliss na mesa, saudou-a, e prontamente desapareceu pelo resto da noite. Muito por nada.

Bliss encontrou Mimi de pé com os parentes dela em frente à recepção.

"Wow, olha isso!", Mimi disse, se ligando no colar imediatamente.

"Isso era da minha mãe," Bliss disse. Ela contou a Mimi a lenda da 'Maldição de Lúcifer'.

Mimi pegou o colar com as mãos, afagando seu frio glacial. Quando ela o tocou, foi transportada à batalha final, flashes do dia negro, trombetas soando à distância, Michael com sua espada flamejante, o banimento, e então o frio. O frio... acordando imortal na terra e morrendo de fome.

"Oh." Os olhos de Mimi piscaram, sua mão ainda na pedra. E então ela largou-a como se isso queimasse.

Bliss se assustou. Ela sabia que algo tinha acontecido a Mimi, o lampejo de introspecção, a ponta de memória quando ela tocou a pedra. E ainda quando

Bliss tinha tocado a pedra, nada tinha acontecido. Era só um pedaço morto de uma jóia. 'A maldição de Lúcifer'. Isso lhe deu calafrios.

"Esse é o 'coração do oceano', Mimi rachou, "Só me prometa que não jogará isso fora do deck do titanic"

Bliss tentou rir. Mas a pedra, de 55 quilates, pesava demais na sua pele.

Rosa de Lúcifer, A maldição de Lúcifer. O príncipe dos Silver Bloods, sua mais preciosa possessão, pendurado ao redor do seu pescoço como uma força. Ela

estremeceu. Parte dela queria arrancar aquilo fora da garganta e jogar fora tão

longe quanto podia.

TREZE

A mansão Van Alen na esquina da 101st e Riverside, tinha sido uma das maiores e mais majestosas casas de New York. Inúmeras gerações da família tinham entretido presidentes, chefes de estado, estrangeiros dignitários, vencedores do prêmio Nobel, como também a realeza de Hollywood e o ocasional paladar-dos artistas-boemios-do-mês, escritores, e seus gêneros. Mas agora isso era uma mera sombra do seu antigo ego: as cornijas* estavam lascadas, havia grafite na lateral do edifício, o teto gotejando, e as paredes estavam perfuradas com fendas, como a família tinha sido incapaz de manter sua manutenção durante os anos.

Schuyler puxou sua mala para cima dos degraus e tocou a campainha

Hattie, a fiel empregada da sua avó, respondeu e deixou ela entrar.

A sala estava tão escura e coberta como quando Schuyler tinha partido. Por anos

Schuyler e Cordelia tinha morado em apenas um quarto dos aposentos da enorme casa – cozinha, refeitório e seus dois quartos. Todo o resto estava

trancado e não utilizado, o qual Schuyler sempre tinha atribuído à miséria de

Cordelia. Sua avó manteve quase todos os móveis na casa sob lençóis de lona,

janelas estavam com a cortina fechada, e todas as alas da casa eram inacessíveis.

* Conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquitetura.

Então a mansão era similar a um antigo museu, repleto de artefatos antigos e objetos de arte caros que estavam escondidos e guardados a sete chaves. Schuyler fez seu caminho para seu quarto, quando Beauty a cumprimentou com um alegre e ressonante latido, só então Schuyler se sentiu como se ela estivesse verdadeiramente em casa.

Agora o único problema era o que vestir. O convite tinha declarado traje formal, que Schuyler deduziu como vestido longo e formal para as mulheres. Ela

vagamente se lembrou de Cordelia se preparando para o anual baile Four Hundred, vestindo uma série de vestidos formais Oscar de la Renta com luvas compridas até o cotovelo. Talvez ela seja capaz de encontrar algo no armário de

Cordelia.

Ela fez seu caminho para o quarto da avó. Ela não tinha estado dentro desde a fatídica noite do ataque. Ela temia estar lá dentro, lembrando com ela encontrou

sua avó deitada em uma piscina de sangue. Mas ela se confortou com o conhecimento de que Cordelia tinha conseguido sobreviver ao ataque, e ela tinha sido capaz de trazer o suficiente do sangue de Cordelia para o hospital.

Eles manteriam isso descasando até o próximo ciclo. Cordelia voltaria um dia. Ela não estava morta. Ela não tinha sido tomada pelo Silve Blood.

—Procurando alguma coisa, Senhorita Schuyler? Hattie perguntou, enfiando sua

cabeça para dentro e encontrando Schuyler de pé com suas mãos nos quadris de frente ao armário da sua avó.

—Eu preciso de um vestido Hattie. Para o baile esta noite.

—Sra. Cordelia tinha um monte de vestidos.

—Sim. Schuyler amarrou a cara, removendo vários cabides e avaliando os vestidos que

pendiam sobre eles. Eles eram muito antiquados, com enormes lãs

de ovelha nas mangas ou plumas. Vários deles eram muito Reagan* - anos

oitenta: ombros almofadados que competiam com aqueles originais de Alexis Carrington e Nolan Miller do Dynasty*. —Eu não acho que esses vão fazer sucesso.

—Senhorita Allegra tinha vestidos também, Hattie disse. —Minha mãe? Os vestidos da minha mãe ainda estão aqui?

—Em seu quarto, no terceiro andar.

* Reagan, sobrenome; Ronald Reagan (1911-2004), o quadragésimo presidente dos Estados Unidos (1981-1989) que foi estrela de cinema antes de começar

sua carreira política; cidade no Texas (E.U.A.); cidade no Tennessee (E.U.A.)

*Dynasty ou Dinastia foi uma série de televisão, um —soap opera ou seja, um

gênero de drama novelesco criada pelo casal Richard e Esther Shapiro, produzido por Aaron Spelling e protagonizados por artistas veteranos como John Forsythe, Linda Evans e Joan Collins

Sua mãe tinha crescido nessa mesma casa, e Schuyler desejou, não pela primeira vez, que sua mãe estivesse por perto para ajudá-la com seus atuais dilemas. Hattie a levou escada a cima para o próximo andar, abaixo do corredor, para um quarto de canto na parte de trás.

O coração de Schuyler batia em excitação nervosa.

—É uma pena sobre a Senhorita Allegra, Hattie disse, quando ela abriu a porta. —O quarto ainda está como era quando ela tinha dezoito anos. Antes dela fugir e

se casar com seu pai.

O quarto era puro. Schuyler ficou chocada ao ver que não havia nenhuma desorganização nos cantos, ou camadas de pó por todos os lugares. Ela tinha

esperado uma cripta, um mausoléu, mas era um brilhante e alegre quarto, com

roupa de cama Italiana enrolada sobre a cama e cortinas brancas onduladas sobre as janelas.

—Senhora Cordelia sempre insistiu que nós mantêssemos isso. Para qualquer hora que sua mãe acordar.

Schuyler caminhou em direção ao armário no meio do quarto e abriu suas portas.

Ela alcançou o interior e puxou fora uma camisa de um cabide. Valentino, cerca de 1989.

—Tem certeza que minha mãe tem vestidos de baile?

—Ela tinha um cotillion. Ela foi apresentada no baile Four Hundred no seu aniversário de dezesesseis anos. Hattie disse. —Chanel fez o vestido. Deve estar por aí.

Schuyler passou pacientemente por cada cabide.

Por ultimo, no mais distante de alcançar no armário, ela encontrou uma bolsa de vestidos bordada com um logotipo de um C duplo.

—Uau, Schuyler respirou, removendo cuidadosamente para preservar o vestido. Ela segurou ele até a luz. Era um vestido dourado com um corpete apertado sem alças e uma saia de princesa com pregas e dobras do tecido volumoso. Ela

segurou o vestido contra ela. Encaixaria, ela sabia que iria encaixar.

Quando Schuyler entrou no salão do St. Regis, o lugar todo ficou parado. Os convidados a encaram quando ela se levantou pela entrada, iluminada sob a luz

do refletor, incerta sobre onde ir depois. Alguns suspiros podiam ser ouvidos da multidão.

Jack Force, por exemplo, não podia tirar seus olhos dela.

Como quase todos no aposento, por um breve momento, ele tinha acreditado que Gabrielle, Allegra Van Alen, tinha retornado para eles.

QUATORZE

O Baile dos Four Hundred, também conhecido como Baile dos Patrícios, nunca perdeu a tradição dos seus organizadores originais do final do século XIX, quando os Blue Bloods pela primeira vez se destacaram na sociedade. A refeição com intervalos para danças, foi calculada em \$ 75.000 o passe pelo serviço de ouro- pratos sólidos de ouro, talheres de ouro, e taças de cristal de encrustadas de ouro. Ao longo do comprimento das 4 mesas retangulares, com uns 100 assentos de cada lado, estava uma pilha de areia, e em cada assento tinha uma colher de ouro. Convidados era estimulados a 'cavar' procurando tesouros- as lembranças da festa. O Comitê tinha sido capaz de convencer os patrocinadores a providenciar jóias caras com rubis, safiras, e diamantes como favores. O Comitê Junior, liderado por Mimi, tinha dado um toque adicional: colares de

"alfabeto" da Me & Ro*, complexos brincos de pavão peruanos da Zani (acho q é outra loja), e uma das peças mais cobiçadas da estação : pingetes de dente de tubarão encrustado de diamantes da Kaviar e Kind**.

* Uma joalheria de Nova York

** Uma loja de jóias e móveis

O menu era o mesmo que tinha sido no primeiro Baile dos Patrícios: de entrada Caldo Olga, então filé mignon Lili, vegetais de medula Farcie, seguido por um patinho assado e lombo de carne, acompanhado por cenouras de creammy e batatas de parmentier.

Várias esculturas imponentes de gelo retratando os maiores monumentos e instituições de Nova York, incluindo o novo prédio MOMA*, renovações

financiadas pelo dinheiro dos Blue Bloods, e o porto de Frank Gehry, defendido

por ninguém menos que o Senador Llewellyn, foram organizados ao lado das barras que forraram o lugar, e champanhe fluía de dentro do gelo.

* Museu de Arte Moderna de Nova York

Mimi mal tinha tocado na comida, levantando do seu lugar para circular entre a multidão. Toda família de prestígio de Nova York, todos os velhos nomes estavam representados: os Van Horns, os Schlumbergers, os Wagners, os Stewarts, os Howells e os Howlands, os Goulds e os Goelets, os Bancrofts e os Barlows. Membros do clã que haviam permanecido na Inglaterra estavam representados, bem como vários outros ramos exóticos. Uma família vastamente rica

que tinha descendido de um dos principais grupos séculos atrás e estavam estabelecidos no que hoje é a China moderna tinha acabado de chegar de Shanghai, uma cidade em que tinham recentemente ajudado a reconstruir. Suas filhas gêmeas de 16 anos, 2 lindas socialites chinesas de longas pernas, estavam entre os presentes naquela noite no Baile.

Mas não havia nenhuma família mais respeitada ou reverenciada do que os

Forces. Mimi era uma princesa entre seu povo, ela caminhava entre eles, aceitando sua admiração, sua deferência.

Ela olhou para seu irmão. Ele tinha estado ao seu lado durante todo o baile mas desapareceu entre a hora que foi servido o peixe e a carne.

Para todos os efeitos eles deveriam estar fazendo isso junto. Essa noite era a

noite em que o coven reconheceria que eles tinham encontrado um ao outro e quando a hora chegasse eles estariam renovando seus votos imortais.

Onde estava ele?

Ela moldou mente ao redor do salão, procurando pelo sinal dele. Ah, ali estava, na ponta da mesa, falando com um amigo do time de lacrosse, Bryce Cutting. Ela viu ele parar e olhar para a direção dela com um sorriso jovial repentino no seu rosto.

Ela sorriu de volta e acenou para ele, mas ele não retornou o aceno. Aborrecida, ela olhou em volta- talvez ele não estava olhando pra ela afinal de

contas?

E foi quando ela notou quem estava parada bem atrás dela, no topo da escada, chamando a atenção de todo o salão.

Schuyler Van Alen.

Em um vestido que até Mimi morreria para vestir.

Schuyler encontrou seu lugar perto dos obstinados pais de Aggie Carondolet. Estava óbvio que os Carondolets tinham se sentido aliviados pelos seus lugares, e eles dificilmente falavam alguma coisa com Schuyler exceto para informar como eles estavam realmente sentidos por Cordelia. Ela encontrou Bliss sentado na mesa da frente, e acenou para ela. Bliss acenou de volta. "Vem aqui", Bliss falou com os lábios.

Ela levantou suas saias douradas e caminhou até o lado de Bliss. As 2 abraçaram-se amistosamente .

"Sky, tenho que te contar uma coisa- sobre Dylan", Bliss disse.

"Que?" Schuyler levantou uma sombrancelha.

"Acho que ele está..." mas antes que Bliss terminasse, um garoto caminhou até ela e a chamou para dançar. "Claro", Bliss encolheu. "Te conto mais tarde", ela

disse a Schuyler.

Schuyler assentiu. Então ela desajeitadamente caminhou de volta ao seu lugar, ela se perguntava o que Bliss estava prestes a contar. Bliss era sua única amiga

no Baile., O que Schuyler estava fazendo aqui? Por Cordelia? Pelo nome dos Van Alen? Não.

Ela tinha que ser honesta. E era aí que a verdade doía. Era queria ver Jack Force de novo. Mas era angustiante. Lá estava ele, atentamente ao lado de sua irmã, os dois deslizando pelo salão, entrelaçados no quadril. Jack mantendo a mão na minúscula cintura de Mimi. Schuyler tinha ouvido sussurros dos Elders e os Wardens na mesa contígua... alguma coisa sobre a ligação... alguma coisa sobre os dois e um voto imortal. A próxima rodada foi servida, pombo assado e um vinagrette frio de aspargo. Parecia delicioso, mas a comida parecia seca na sua língua.

"Jack", mimi susurrou gentilmente no ouvido dele enquanto eles davam a volta no salão. "Está na hora". Sempre prática, ela decidiu ignorar o que tinha visto antes. Mimi era uma mestra no auto engano. Se algo chateava ela, ela ignorava o simples conhecimento da sua existência. Na mente dela, Schuyler Van Alen era uma temporária, senão irritante, paixão louca.

Mas para Jack, a visão de Schuyler Van Alen apenas servia para um sentimento que ele estava reprimido por meses. Um pensamento inquietante tomou conta da mente dele. Por que Schuyler o afetava de um jeito tão poderoso? Era por causa da semelhança com Allegra? Era isso? Ou era algo novo... alguma coisa que ele não estava preparado ou não tinha esperado? Ele balançou a cabeça, desgostoso e envergonhado por si mesmo. Seu legítimo lugar era ao lado de sua irmã. Ele só tinha que atuar como se Schuyler não existisse.

"Estão esperando que a gente lidere a quadrilha", Mimi disse, e Jack obedientemente escoltou sua irmã para a pista de dança, onde 3 outros casais

de jovens estavam esperando. Era parte da tradição dos Four Hundred que o

jovem que estava sendo apresentado lideraria essa dança, e os adolescentes da quadrilha eram escolhidos por causa da hierarquia da família no Comitê.

Aggie Carondolet seria uma dos dançarinos se estivesse viva.

Mimi pensou que quadrilha era apenas um nome extravagante para dança em pares, mas ela curtiu assim mesmo, enquanto Jack a guiava, no balanço, e

então o círculo fechou, terminando com as 4 damas em uma corrente grandiosa,

o que a colocava na frente do grupo, como deveria ser..

Depois da dança, os Blue Bloods adolescentes permaneceram parados em suas posições no meio da pista de dança, esperando para ser formalmente apresentados a assembléia, chamados pelos seus completos e verdadeiros nomes pelo Regis.

"Dehua Chen", foi chamada, e uma das belezas chinesas imperiais deu um passo à frente.

"Conhecida pelo nosso povo pelo seu nome verdadeiro, Xi Wangmu". o anjo da imortalidade.

"Deming Chen". Sua irmã foi a próxima. As duas eram idênticas na serenidade, terrivelmente lindas, com a cor de pele como um leite queimado, cabelos pretos retos e sedosos, olhos sexys inclinados com cor de amêndoas e sardas nos seus narizes.

"Conhecida pelo nosso povo pelo nome verdadeiro, Kuan Yin." O anjo da misericórdia.

Outros adolescentes Blue Bloods também foram chamados, virando para formar um panteão celestial.

Por último, um holofote solitário brilhou sobre os gêmeos Force.

Mimi segurou a mão de seu irmão apertadamente.

"Madeleine Force", Mimi deu um passo a frente, o queixo apontando para o alto. "Conhecida pelo nosso povo pelo seu verdadeiro nome, Azrael." O anjo da morte.

"Benjamin Force", Jack inclinou sua cabeça.

"Conhecido pelo nosso povo pelo seu nome verdadeiro, Abbadon." O anjo da destruição.

Os anjos gêmeos do Apocalipse. Esse era o destino imortal deles. Esse era o lugar deles. O clã mais poderoso dos vampiros depois do Incorrutível. Os tenentens da guarda de Lúcifer, que tinham virado as costas para o Príncipe do

céu após a queda. Em Roma, eles tinham caçado e matado uma orda de Silver Bloods. Somente por causa da força deles os Blue Bloods tinha sobrevivido ao Milênio.

Jack sorriu para Mimi, e os dois inclinaram suas cabeças ao coven. Eles tinham um trabalho esperando por eles.

QUINZE

O café foi servido em garrafas douradas, e a sobremesa- um tradicional pudim de Waldorf* junto com pêssegos em geléia de chartreuse**, bem como as bombas de chocolate e baunilha e um bolo de merengue light recheado com Amaretto cheio de creme- tinha sido servida e (claramente) consumida. Bochechas foram pressionadas contra bochechas em sinal de despedida. Tinham passado um momento maravilhoso, todos concordavam, e um ridículo montante de dinheiro tinha sido arrecadado, quebrando os records do ano passado.

Todos ao redor do salão de baile do St. Regis, as mensagens de texto de Mimi

estavam sendo enviadas. Para um seleto grupo de adolescentes vampiros, a noite estava apenas começando.

Pós- festa. Angel Orensanz. Meia-noite,. Máscaras requeridas. Sem texto. Sem entrada.

* Um tipo de pudim que também constava no cardápio do Titanic

**Chartreuse é um licor francês muito conhecido e cuja fabricação é um segredo não divulgado pelos monges da Grande Chartreuse, convento localizado nos arredores da cidade de Grenoble, na França. Diz-se que na sua composição entram inúmeras ervas, dentre as quais erva-cidreira, isopo, macis, canela e açafrão.

Houve um zumbido entre a multidão no e nos elevadores entre os convidados, bem como uma confusão de choro e desapontamento para aqueles que não tinham recebido o texto.

"Você vai se trocar?" Bliss perguntou a Mimi, seguindo ela porta a fora

"Você tá maluca? Vou vestir esse vestido até que eles jogem fora meu frio corpo morto," Mimi brincou. "Vamos lá em cima. Nós temos a melhor seleção de máscaras."

Mimi estava com altos espíritos. O Baile tinha sido uma explosão e tudo mais, mas agora era hora de partir (na verdade ela faz um jogo de palavras com a expressão par-tay, acho q de party= festa em ingles so q eu nao entendi muito bem o espírito da coisa entao coloquei assim)

Schuyler andou pela calçada, segurando seu casaco de pele preto, um velho que era de Cordelia, ao redor dos ombros. Ela encontrou Julius, o motorista de sua avó, esperando pacientemente por ela no meio fio no velho Crown Victoria. "Para onde?" Ela estava prestes a dizer "casa" quando o telefone vibrou.

Oliver, com certeza. Não. Era uma mensagem de texto de um número desconhecido.

Direcionando para o Angel Orensanz, a sinagoga abandona na Lower East Side.

Máscara requerida? O que era isso tudo?

"Você recebeu a mensagem?" Cicely Appelgate chamou excitadamente do carro ao lado. Cicely era parte do grupo de Mimi, e Schuyler se perguntou o porque dela estar se incomodando de falar com ela.

"Ahã, sim"

"Te vejo lá!" Cicely disse alegremente. " A propósito, bonito vestido!" ela adicionou admiravelmente. "Minha mãe disse que é definitivamente um Vintage Chanel."

Então era isso. As vezes parecia a Schuyler que o ensino médio era tão bobo. Se você se vestisse de um certo jeito, ou parecesse de um certo jeito, ou tinhas "certas" coisas- como uma bolsa de mão de im designer, ou o mais novo celular,

ou um relógio muito caro- sua vida era mais fácil. Schuyler nunca teve nenhuma dessas coisas. Cordelia tinha sido muito restrita com sua concessão, e Schuyler sempre tinha sido a criança com os casados de segunda mão e itens do ano

passado.

Mas o vestido, e o fato de que era de uma respeitável e cara casa de designer, tinham mudado a percepção de Cicely ao seu respeito.

Por esta noite, pelo menos. "Casa, Senhorita Schuyler?"

Ela tinha prometido ligar para Oliver no minuto em saísse da festa. Ela tinha dito a ele que so iria ficar por alguns minutos e sairia cedo depois do jantar, mas era quase 11:30. Ele já estaria capotado, Schuyler pensou. Ele deve estar

desmaiado em frente a TV agora.

A mensagem de texto deveria ser sobre a festa no centro da cidade que os outros adolescentes do baile estavam falando- o falatório sobre Mimi Force

recepcionando um tipo de bacanal naquela noite. Ela deveria ir? Isso doeria? Além do mais, se Mimi estaria lá, isso significava que Jack também estaria. Ela pensou o quão lindo ele parecia naquele sobretudo, e o jeito que ele a tinha

fitado quando ela chegou na festa, seus olhos verdes mirando os dela. Não muito tempo atrás, ele tinha sido quem estava emprenhado em descobrir a verdade a respeito dos Silver Bloods, mas tinha desistido de tudo de repente. Só

que talvez ainda existisse uma chance dela convence-lo a se juntar a ela nessa luta. Desde que seu avô se recusou a ajudar, ela tinha se desorientado. Mas com Jack ao seu lado... Ela tomou uma decisão.

"Vamos para casa, Julius, mas só por um minuto, Schuler decidiu. "Preciso pegar uma coisa. Um lembrança de Veneza. Depois vamos para o centro da cidade."

Arquivos do Precursor de Nova York

24 de Novembro de 1871

Ao anúncio de compromisso segue o desaparecimento da primeira noiva. Lord Inglês se casa com a herdeira de Vanderbilt

O anúncio formal do comprometimento de Caroline Vanderbilt, a filha de Admiral e Elizabeth Vanderbilt da 5ª Avenida, 800, com Alfred, Lord de Burlington, de Londre e Devonshire, é sequela do misterioso desaparecimento da primeira

noiva de Lord de Burlington, Maggie Stanford de Newport.

Maggie Stanford misteriosamente desapareceu na noite do Baile dos Patrícios na casa de Admiral e Elizabeth Vanderbilt um ano após o anúncio de seu

compromisso com Lord Burlington. O compromisso foi desfeito 8 meses atrás enquanto Maggie ainda estava desaparecida.

Mas a data do casamento ainda não foi marcada.

DEZESSEIS

Como muitos dos convidados, quando Bliss chegou ao pós festa, ela se afogou em encanto. A sinagoga abandonada estava acendida por mil velas de chá leves, lançando sombras longas e lúgubres nas paredes. Mimi estava certa, parecia como uma bonita ruína, e tinha algo fantasmagórico e romântico em dançar somente a luz do fogo.

As máscaras emprestaram a noite um encanto sinistro, desde que todos os convidados ainda estavam com seus vestido de baile. Os rapazes estavam tão lindos em seus fraques, e as garotas deslumbrantes em suas becas de baile, e todo mundo parecia um pouco sinistro com todas aquelas máscaras.

Bliss ficou a máscara de penas e jóias no rosto. Era um pouco difícil de ver as pessoas atrás daquilo. Ela notou que Schuyler tinha chegado. Bom. Bliss tinha

repassado a mensagem para Schuyler sem o conhecimento de Mimi.

O DJ estava girando Bauhaus* , uma batida escura, violenta. "Queimando por dentro..."

* Uma banda

Um garoto em um fraque branco e gravata caminhou até Bliss, seu rosto escondido em baixo de uma máscara de Pierrot.

Ele se mexeu em direção a pista de dança.

Bliss acentiu e seguiu ele. Ele estendeu as mãos e ela posicionou-se no seu abraço.

"Então você sobreviveu", ele susurrou, sua boca perto do ouvido dela, assim ela pode sentir a respiração dele suavemente.

"Me desculpe?"

"Eu teria odiado deixar você se afogar" Ele deu risadinhas. "Você..."

Ele colocou um dedo no lábio, ou melhor no lábio da máscara de Pierrot.

"Senti sua falta..." Bliss disse. Dylan. Tinha que ser ele. Ele a tinha encontrado de novo. Como tinha sido esperto aparecer no baile de máscaras, onde ele

poderia aparecer sem causar confusão.

"Eu não fui muito longe, ele nisso ao pé da orelha. "Eu sei, mas eu estava preocupada..."

"Não fique. Tudo ficará bem."

"Tem certeza?" "Sim."

Bliss dançou alegremente. Ele tinha voltado! Ele tinha voltado para ela. Ela estava exaltada.

A música terminou. O garoto de máscara inclinou-se " Um prazer"

"Espere" Bliss chamou, mas ele já tinha desaparecido no , quando ela olhou em volta viu uma multidão, dúzia de garotos vestidos iguaizinhos nos seus fraques pretos, mas nenhum usando uma máscara com uma face triste, uma lágrima derramada abaixo do olho.

Schuyler andou desanimadamente de sala em sala. Ela devia ter chamado Oliver afinal de contas, pelo menos para ter uma companhia. Essa festa não parecia tão exclusiva como o Baile dos Four hundred.

Ela percebeu alguns humanos de sua classe parecendo um pouco nervosos, como se não estivessem certos de serem bem vindos. Ela podia distinguir os humanos dos vampiros: os vampiros brilhavam no escuro- o dom do Iluminata fazia com que conhecessem uns aos outros.

Ao fundo, nas sombras atrás das colunas, vários casais estavam se aproveitando da escuridão e dos pescoços - " pescoço" tinha um sentido um pouco diferente entre os vampiros adolescentes. Ela podia ouvir ao fundo, sons de sucção quando vampiros se alimentavam de seus humanos familiares, a batida do latejar do sangue e a força da vida trocada de um ser para o outro. Depois, os

vampiros brilhavam ainda mais, suas características mais agudas e distintas

enquanto os humanos pareciam mais vagos e apáticos. Um dia, Schuyler sabia, ela teria que fazer o mesmo.

Ela teria que executar o Beijo Sagrado com um humano familiar.

O pensamento a excitava e a apavorava. O Beijo Sagrado não era uma piada. Era um enlace sério entre um humano e um vampiro, que era respeitado pelos

Blue Bloods. Humanos familiares eram para serem tratados com afeição e cuidado pelo serviço que prestavam.

A elegante atmosfera do Baile dos Four Hundred tinha dado lugar a um comportamento ruidoso e mais barulhento. Vários adolescentes dançavam corpo a corpo na batida de house music que o DJ estava tocando, e uma atmosfera desordeira e um tudo pode acontecer prevalecia, as garotas começando a dançar de forma sexy umas com as outras, ou movendo suas pélvis contra seus pares masculinos. A festa logo estava cheia de adolescentes suados jogando as mãos para o alto e dizendo que estavam mega doidões essa noite. (Doidões e bêbados de sangue)

Schuyler permaneceu no seu lugar. Ela não se encaixava nessa multidão. Ela não tinha amigos aqui.

Ela suspirou. A máscara veneziana que ela vestia cobria todo o rosto. Ela queria poder tirar aquilo, estava coçando e esquentando seu rosto.

Ela fez o caminho para uma pequena alcova escondida atrás das caixas de som, então ela poderia se sentar enquanto decidia para onde ir.

Um garoto a seguir dentro do cômodo. Quão engraçado, Schuyler pensou. Você

podia saber quem era cada garota pelos diferentes vestidos que estavam vestindo, ao passo que os rapazes pareciam verdadeiramente disfarçados já que eles pareciam todos os mesmos em seus fraques de pinguins. Bem como esse, em sua máscara negra de seda que cobria seus olhos, nariz, e cabelo, dando a ele um ar de pirata urbano.

" Você não gosta de festas?" ele perguntou, quando notou que ela sentava sozinha num banco de pedra arruinado.

Schuyler riu. " Odeio elas, na verdade"

"Eu também"

" Nunca sei o que dizer ou o que fazer"

"Bem, parece que dança está envolvida. E bebida. De todos os tipos"

Ele era um vampiro então. Schuyler se perguntou quem ele era, e porque estava se encomodando de falar com ela.

"Sem dúvidas," ela concordou.

"Mas você escolhe não escolher"

"Sou uma rebelde", ela disse sarcásticamente. "Eu não acho"

"Não"

"Você está aqui, não está? Você podia ter escolhido não vir"

Ele estava certo. ela não tinha que estar lá. Ela tinha vindo pela mesma razão pela qual escolher ir ao Baile. Pela chance de ver Jack de novo. Tinha que

encarar isso: toda vez que via Jack Force, alguma coisa dentro dela se agitava e permanecia viva.

"Pra ser sincera, eu só vim pra ver um garoto," ela disse "Que garoto?" ele perguntou em um tom provocador "Não importa"

"Por que não?"

"Porque. É muito complicado" Schulyer suspirou

"Agora, agora"

"É que, Ele... ele não está interessado," ela disse, pensando em Jack e Mimi, e o enlace entre eles. O que quer que ela estivesse sentindo por ele era irrelevante.

Ele tinha deixado isso claro no funeral de sua avó. Ele tinha responsabilidade com sua família. Ela não poderia escapar da imagem dos dois de mãos dadas. Azrael e Abbadon. A carga magnética entre eles era elétrica. O salão de baile inteiro tinha formigado com animação no anúncio. Dois dos mais poderosos vampiros. Eles tinham se revelado para nós. Quem era ela, Schuyler Van Alen, nem mesmo uma vampira puro sangue, pra se meter entre eles?

"Como você sabe que ele não está interessado?" ele perguntou num tom sério. "Eu apenas sei"

"Você poderia se surpreender"

Schuyler percebeu que aquele cara estava parado perto dela enquanto falava. Nos olhos dele atrás da máscara ela podia detectar uma sugestão de verde. O

coração dela acelerou. O garoto se moveu para perto.

"Me surpreenda", Schuyler sussurrou.

Em resposta, o garoto levantou máscara dela gentilmente, assim os lábios dela foram expostos, e então ele se inclinou para baixo e trouxe sua boca até ela. Schuyler fechou os olhos. O único garoto que ela já tinha beijado era Jack

Force, e esse foi como aquele- mas diferente de algum jeito. Mais urgente. Mais insistente. Ela inalou o hálito dele, sentiu a língua em sua boca, se mexendo acima da dela, quase como se ele a quisesse devorar. Parecia que ela poderia

beijá-lo para sempre.

E então o beijo parou.

Ela abriu os olhos, a máscara torta no rosto. O que aconteceu? Onde ele tinha ido?

"Ei!"

Schuyler se virou. Mimi Force estava parada no vestíbulo, vestindo um deslumbrante cocar de uma princesa indígena, sua "máscara" peritamente

pintado com maquiagem e pintura de rosto.

"Você viu meu irmão em algum lugar?" Mimi estava chateada primeiro por encontrar sua festa cheia de humanos penetras, mas então ela atribuiu isso a

sua irresistível popularidade. Então era não estava agitada de encontrar

Schuyler na festa, outra não convidada.

Antes que Schuyler pudesse responder, Jack Force materializou-se bem ao lado de sua irmã. Ele estava usando um cocar indígena como o da irmã. E sua

máscara também era feita de pintura.

"Estou aqui," ele disse jovialmente. "Oh, ei, Schuyler. Como foi Veneza?" "Legal", Schuyler disse, tentando manter a compostura.

"Que bom"

"Vamos Jack, os fogos estão a ponto de começar". Mimi disse, puxando a manga da roupa dele.

"Te vejo", Jack disse

Schuyler se sentiu entorpecida. Ela estava tão certa de que tinha sido Jack que a tinha beijado. Tão certa de que era ele atrás da máscara. Mas a atitude relaxada

dele, aquela casual afabilidade, fez ela duvidar de sua suposição. Mas se não era

Jack que a tinha beijado, quem foi então?

Quem era o garoto atrás da máscara?

Com um acesso, ela compreendeu que amanhã era o início dos feriados natalinos, e ela não veria Jack Force de novo por 2 semanas inteiras.

DEZESSETE

Inverno finalmente chegou em New York de fato, desencadeando varias tempestades. A cidade estava coberta por um manto puro de neve por vários dias, até que ela retornou para cinza e amarelo mingau, criando improvisados bancos de neve em torno das calçadas e lamacentas poças que alguns cidadãos ousados pulavam em cima ou severamente enlameavam e salpicavam encrostando em suas botas de borracha.

Schuyler estava feliz pelo frio, como o clima refletia em seu atual estado de espírito. As férias eram um tempo tipicamente calmo para os Van Allen. No passado, ela e Cordelia cuidariam de serviços ao St. Bartholomew através da cidade, então tinham uma modesta refeição á meia noite na véspera de natal. Como ela faz todos os anos, ela gastou seu dia de natal com sua mãe no hospital. Julius e Hattie tinham o dia de folga para ficar com suas famílias, então ela tinha pegado o ônibus por todo o caminho para o centro da cidade sozinha.

O hospital estava praticamente abandonado quando ela chegou. Havia um sonolento guarda na recepção e uma equipe de enfermeiros esqueléticos

ansiosos para terminar seus turnos. Ela notou que a equipe tinha tentado introduzir o lugar com alguns enfeites de natal. Havia guirlandas em cada porta e um solitário Charlie Brown - como árvores de natal com galhos marrons

levantada no meio da estação dos enfermeiros, junto com um cintilante menorá*.

* A Menorá (do hebraico מנורה - menorah - "lâmpada, candelabro") era um objeto constituído de ouro batido, maciço e puro.

Sua mãe estava dormindo na cama, como de costume. Nada tinha mudado. Schuyler colocou outro presente fechado na cabeceira da sua mãe. Através dos anos, os presentes de Schuyler colecionavam cada vez mais pó no armário da sua mãe.

Espanando fora a neve, ela removeu seu casaco, e enfiou o gorro de lã e luvas em seus bolsos. Se Cordelia estivesse lá ela teria começado o almoço de natal,

removendo e recheando o peru, presunto e quentes pãezinhos dos recipientes

Tupperware* que Hattie tinha preparado. Hattie tinha feito a mesma refeição para Schuyler trazer, mas come-la sem Cordelia corrigindo ela sobre suas

maneiras na mesa ou repreendendo as enfermeiras para trazer sua porcelana,

sem plásticos, pratos apenas não eram a mesma coisa.

Ela virou sobre a televisão e resolveu comer seu solitário almoço e assistiu outra reprise de It's a Wonderful Life*. O filme nunca deixou de fazer ela mais

deprimida, desde que não havia final feliz para Allegra que ela pudesse ver.

* Tupperware é o nome de uma empresa norte-americana da indústria dos plásticos e, simultaneamente, o nome do produto plástico produzido e vendido pela empresa, especialmente recipientes para utilização na conservação e preparação de alimentos.

* It's a Wonderful life é um filme estadunidense dirigido por Frank Capra em 1946. É considerado um clássico natalino de Frank Capra.

Oliver tinha convidado ela para passar o dia com sua família, mas ela recusou. Toda a família que ela tinha deixado no mundo, estava nesse deprimente quarto de hospital. Era onde ela pertencia.

Através da cidade no Upper East Side, as grandes casas e apartamentos luxuosos estavam vazios de seus moradores. Os Forças já tinham saído sobre seus Gulfstream IV* para suas anuais estadias, enviando suas roupas de banho

por Fedex para suas vilas em St. Barths, onde eles iriam passar a primeira semana de intervalo, e enviando os utensílios de Ski para o chalé nos Aspen, para a segunda metade das suas férias. Os Llewellyns estavam fora, no Texas

para visitar a família para o natal e estavam se reunindo com os Forces no

Aspen para o ano novo.

* O Gulfstream V é uma sofisticada aeronave executiva bimotor a jato de médio- porte e alcance intercontinental, com capacidade para transportar 15 (quinze)

ou 20 (vinte) passageiros, fabricada nos EUA pela Gulfstream Aerospace.

Mesmo a família de Oliver tinha feito planos por uma escapada para praia para uma combinação familiar em Tortola, mas ele tinha optado por ficar na cidade mais perto de Schuyler.

Ele planejou visitar a residência dos Van Alen o dia depois do natal com uma abundância de presentes. Eles sempre gastavam o Boxing Day* juntos. Oliver

gostou de converter um encrostado baguete, manteiga francesa – o verdadeiro

tipo, ele enfatizou, nada como suaves versões americanas – varias jarras de caviar Russo de Petrossian, bem como uma garrafa grande de champagne da

adeaga de vinho do seus pais para as festas pós natal.

Mas na manhã do dia vinte e seis, apenas quando Oliver tinha empacotado a cesta do piquenique com prazer e estava pronto para sair, ele recebeu uma

chamada frenética de Hattie, a empregada dos Van Alen.

—Senhor Oliver, venha, venha agora, ela explorou.

Oliver imediatamente pulou em um táxi e chegou a mansão, para encontrar Hattie frenética e incoerente, torcendo suas mãos em seu avental e perto das lagrimas. Ela o levou até as escadas para o quarto de Schuyler.

* primeiro dia útil após o Natal quando são distribuídos presentes aos empregados

—A Senhorita não desceu para o café da manhã, eu pensei que ela estivesse apenas dormindo, até que Beauty correu para baixo das escadas e praticamente me puxou até aqui, então eu vi que ela estava apenas deitada ali, e eu não

podia acordar ela. Deus me ajude, ela parecia tanto com a Senhorita Allegra, e eu estava tão preocupada porque ela não se mexia, nem sequer parecia como se ela

estivesse respirando, então eu chamei você, Senhor Oliver.

Beauty, a cão de caça de Schuyler, estava choramingando ao pé da sua cama. O

cão saltou e lambeu as mãos e o rosto de Oliver quando ele entrou no quarto. —Você fez bem Hattie, Oliver disse, dando um tapinha em Beauty, e então

sacudindo Schuyler e checando seu pulso. Não havia nenhum, mas isso não

significava nada. Seu treinamento de Conduite tinha dito que vampiros poderiam reduzir a velocidade de seus batimentos a um ritmo pouco detectável para

conservar suas energias. Ainda assim Schuyler tinha só quinze anos e tinha

apenas começado a transformação. Era muito cedo para ela entrar no modo preservação. A menos que...

Oliver de repente teve um pensamento horrível: e se Schuyler tivesse sido

atacada por um Silver Blood?

Suas mãos tremeram quando ele sicou para sua tia, Dr. Pat, a médica humana que cuidava dos Blue Bloods. Dr. Pat desencorajou Oliver de esperar por uma ambulância ou leva-la a um bom hospita. —Eles não sabem o que fazer com ela. Só traga ela ao meu escritório agora. Vou encontrar você lá.

Quando Oliver chegou, segurando Schuyler nos braços, Dr. Pat e sua equipe estavam prontos, eles giraram ela em uma cama de hospital, e Oliver

gentilmente colocou sua amiga para baixo.

—Me diga que vai dar tudo certo, Oliver implorou.

Dr. Pat checou o pescoço de Schuyler. Não havia marcas. Sem sinais da abominação. —Ela ficará. Não parece que ela foi atacada. Ela deve ficar bem.

Eles são imortais. Mas vamos ver o que está acontecendo.

Oliver esperou dentro do aposento da Dr. Pat em uma cadeira plástico particularmente incomoda. Sua tia sempre tinha sido apaixonada por móveis modernos, e o escritório parecia o lobby de um hotel moderno, em vez de uma clinica: tudo – mobílias de plástico branco, um tapete flokati* branco, abajures futuristas branco. Após algumas horas – cheio de ansiedade, a tia de Oliver surgiu do escritório interno.

* tapete de lã de origem grega

Dr. Pat parecia cansada e abatida. —Entre. Ela disse ao sobrinho. —Ela está acordada. Eu lhe dei uma transfusão. Isso parece ter feito o truque.

Schuyler parecia ainda mais pequena e mais frágil numa cama de hospital. Ela

estava vestindo uma dessas roupas que que amarram atrás e seu rosto estava mais pálido que o normal. Ele podia ver suas veias azuis através de sua pele

transparente.

—Bem olá, Bela Adormecida, Oliver disse rouco, tentando disfarçar sua preocupação.

—Você está no meu escritório, criança, Dr. Pat disse solenemente. —Você entrou

em hibernação. Não é algo que acontece normalmente muito, muito tarde. Isso é uma outra palavra para sono prolongado, alguns vampiros fazem quando

estão cansados da imortalidade ao fim de um ciclo.

—Sinto minha cabeça estranha. E meu sangue – parece estranho. Nojento. —Eu tive que lhe dar uma transfusão. Você tinha uma contagem de células

sanguíneas muito baixa. Você vai se sentir um pouco estranha até o novo

sangue se ajudar ao velho. —Oh. Schuyler tremeu.

—Oliver, pode nos dar licença?

—É bom ver que você está bem, Oliver disse, segurando o ombro de Schuyler firmemente.

—Eu vou estar apenas lá fora.

Quando Oliver tinha ido embora, Dr. Pat brilhou uma luz em cada pupila de

Schuyler. Ela fez uma nota sobre o seu gráfico, enquanto Schuyler esperava pacientemente pelo diagnóstico.

Dr. Pat examinou Schuyler de perto. —Você está com quinze, sim? Schuyler concordou.

—Foi introduzida ao comitê? —Sim.

—Como eu disse, você tinha uma baixa contagem de células vermelhas no sangue. Mas suas contagens de células azul estão fora dos quadros. De certa forma, você já tem os níveis sanguíneo de um vampiro maduro, e ainda assim

seu corpo entrou em hibernação, o que significa que não estão produzindo o certo nível de antígenos.

—O que significa isso?

—Significa que a transformação está dando um pouco errado com você. —Me desculpe.

—A transformação é um processo em que os glóbulos azuis seu DNA vampiro – começam a assumir. Seus dentes crescem, seu corpo para de necessitar de nutrientes de comida para especificamente precisar de nutrientes do sangue

humano. As memórias começam a voltar, e seus poderes, qualquer que sejam, começam a se manifestar.

Schuyler concordou.

—Mas há algo estranho em sua análise sanguínea. As células de vampiros estão assumindo, mas não é um processo normal, gradual, em que o próprio humano tira para o imortal como uma cobra tirando sua pele. Não tenho certeza, mas é quase como se o DNA humano, estivesse em uma luta com o DNA vampiro. Resistindo a ele. E então a supercompensação, seu DNA vampiro está lutando para trás, duramente – enviando sua contagem de sangue humano abaixo de onde deveriam estar. O choque mandou seu corpo para a Hibernação. Alguma coisa aconteceu? As vezes é desencadeado por um evento traumático.

Schuyler balançou sua cabeça, a noite anterior tinha sido tranquila.

—Às vezes, pode ser uma reação atrasada, Dr. Pat pensou. —Deve ser seu sangue misturado. Ela acrescentou. Dr. Pat sabia tudo sobre as circunstâncias do nascimento de Schuyler. Ela tinha sido a obstetra de Allegra.

—Ninguém jamais documentou o que acontece quando DNA humano se mistura com sangue vampiro. Eu gostaria de te colocar em observação por um tempo.

DEZOITO

Uma semana mais tarde, Schuyler ainda se sentia um pouco confusa depois do "episódio", aquele em que ela e Oliver tiveram uma visita de emergência ao consultório da Dr. Pat. Oliver tinha se oferecido para pegá-la com o carro dele para levá-la ao primeiro dia de volta a escola. Schuyler, que geralmente resistiria a tal gesto, já que ela vivia do outro lado da cidade e fora do caminho, tinha humildemente concordado com o combinado.

Oliver era seu Conduit- era previsto que ele tomasse conta dela, desse jeito, ela ia deixar q ele tomasse.

O semestre da primavera na Duschene estava oficialmente aberto por uma

assembléia, em que a Diretora recebia todos os estudantes para outra temporada animadora, seguida por um chá de bolinhos de groselha e chocolate quente no belvedere*. Oliver e Schuyler acharam seus assentos usuais no banco traseiro da capela com os outros estudantes.

*Belvedere é um termo italiano que se refere a qualquer estrutura construída com o objectivo de se poder usufruir da vista.

Tinha muitas saudações alegres e trocas de histórias de férias. A maioria delas pareciam bronzeadas e descansadas, trocando telefones para mostrar fotos de si mesmas de biquíni nas praias de Bahamas, St. Thomas, ou Maui. Schuyler viu

Bliss Llewellyn entrar com Mimi Force, as duas com os braços cruzados ao redor das cinturas umas das outras como se fossem as amigas mais íntimas.

O cabelo de Mimi estava mais claro ainda por causa do sol, e Bliss tinha uns destaques de cobre no dela. Jack Force entrou bem devagar atrás delas, mãos dentro dos bolsos de suas Duckhead chinos*. Ele tinha um leve bronzeado de

máscara de ski ao redor dos olhos o que fazia ele parecer mais adorável.

*Um tipo de calça como essa : http://2.bp.blogspot.com/_NOvrR04ya88/Sd-CxOLMFKI/AAAAAAAAAQ/uDRo8D2dgXc/s400/Chinos-R2346.jpg

Oliver notou para onde Schuyler estava olhando e não comentou nada. Ela sabia como ele se sentia a respeito da sua queda por Jack Force.

Sentindo o ressentimento do amigo, Schuyler se inclinou e descansou afetuosamente a cabeça no ombro dele. Se não fosse por Oliver... ela poderia

ter... o que? Passado dessa pra outra pra sempre? Se juntado a sua mãe no centro de coma? Ela ainda estava tendo problemas pra entender tudo. O que

queria dizer que as células vampiras dela estavam lutando contra as células humanas? Ela sempre estaria dividida em duas direções?

A fome que ela tinha sentido em Veneza tinha diminuído com a transfusão. Talvez era apenas isso. Ela tinha precisado de sangue. Talvez ela pudesse apenas fazer transfusões ao invés de ter que se alimentar. Ela perguntou a Dr.

Pat se essa era uma alternativa viável. Era muito estranho só olhar para Oliver e pensar que ele tinha um gosto delicioso. Ele era o melhor amigo dela, não um lanchinho.

Bliss Llewellyn olhou em volta e encontrou com os olhos de Schuyler. As duas garotas se acenaram timidamente. Bliss tinha tentado contar a Schuyler sobre a

volta de Dylan, ter a conversa que começou no Baile, só que de alguma forma a oportunidade nunca parecia surgir. Os feriados tinham sido uma angústia para Bliss. Os apagões e os pesadelos tinham voltado com força total. A noite de

natal tinha sido a pior de todas. Ela acordou com uma dor no peito tão penosa que não podia respirar. Ela estava encharcada em suor e os lençóis estavam tão molhados que se colaram nela. Grosso.

Mais terrível, a besta dos seus pesadelos tinha começado a falar com ela no seu sono.

Blissssss...

Blissssss... Blissssss...

Só falava o nome dela, e isso ainda trazia calafrios na espinha. Era só um sonho.

Só um sonho. Só um sonho. Não havia nenhuma besta que podia machucá-la, Era apenas parte da transformação. As memórias acordando e falando com ela., era o que o Comitê dizia. Suas formas anteriores, suas vidas passadas. Ela cerrou a mandíbula e sentou-se direito no assento.

Próximo a ela, Mimi Force bocejou na sua palma delicada. Para Mimi, as duas semanas tinham sido um pequeno pedaço do céu. Ela se alimentou não apenas

de um mas 2 deliciosos humanos familiares na viagem, ela se encheu deles, e parecia como se pudesse conquistar o mundo. Ela estava ávida para começar o

semestre. Uma estação nova era sempre uma desculpa para fazer compras. Como Bliss, Mimi estava ansiosa também. Ansiosa para chegar a Barneys hoje antes que fechasse. Ela forçou a si mesma a prestar atenção no discurso

semianual da Diretora - Outro semestre de excelência espera por vocês nos corredores de Duchesne, bla bla bla- quando as portas da capela se abriram num disparo. Cabeças se viraram para olhar o que tinha causado a comoção.

Um garoto parou no limiar da porta

Um garoto muito, muito bonito.

"Oh, é, desculpa. Não tive a intenção de fazer isso. Uma falta de tato, ãh?", ele perguntou.

"Não, não, está ok. Entre, Kingsley. Você pode assentar-se aqui na frente", a

Diretora disse, acenando para ele.

O garoto deu um grande sorriso. Espalhou-se corredor abaixo, como se tivesse deslizando, andando meio largado. Seu cabelo preto brilhando, um topete

atrevidamente caído sobre o olho esquerdo, ele exalava uma confiança arrogante que se encaixava com sua aparência de modelo perfeito. Vestia uma camisa de oxford branca solta e jeans pretos apertados, como se tivesse acabado de sair de uma capa de CD.

Como todas as garotas na assembléia, Bliss não podia tirar os olhos de cima dele.

Como se pudesse sentir o olhar dela, ele olhou em volta e mirou-a diretamente nos olhos. Ele piscou.

DEZENOVE

O nome dele era Kingsley Martin, e ele era um Júnior.

A população feminina de Duchesne concordava: até mesmo o nome dele era sexy. No minuto em que ele apareceu, era como se um fogo tivesse se

espalhado entre as garotas. Dentro de uma semana, os feitos dele já eram lendários. Já tinha sido escalado para entrar para o time de lacrosse, futebol e crew. Igualmente impressionante, era um atirador acadêmico especial. Tinha

matado o ríspido professor inglês com sua apresentação do "Inferno do Dante", intitulado "Inferno de

Taco," onde tinha comparado os círculos de inferno a estabelecimentos comuns

de fast food. Em Cálculo, ele tinha resolvido um jogo complicado de problema em tempo sem precedentes.

Ele era o que as garotas chamavam de tremador de joelhos. Ele era

devastadoramente lindo. O tipo de lindo que combinava o glamour de Hollywood com a sofisticação européia e um traço de travessura. O garoto novo parecia

com diversão.

E bem assim, Jack Force se tornou notícia velha. As garotas todas eram afim de Jack desde a pré-escola. Kingsley representava uma nova, precipitada, e misteriosa alternativa.

Mimi Force deu a Bliss o resto do furo depois do almoço enquanto elas retocavam o gloss no banheiro feminino.

"Ele é um Blue Blood," Mimi disse, fazendo um formato de O com a boca enquanto checava o brilho.

"Não brinca," Bliss respondeu. Claro que ele era um vampiro- ela soube disso no

minuto em que colocou os olhos nele. Ela nunca tinha encontrado um vampiro que exibisse seu status Blue Blood tão publicamente. Era uma surpresa que ele não tivesse mostrado suas presas na frente de toda a escola.

"Eu encontrei ele no Baile dos Four Hundred," Mimi disse. "A família dele acabou de se mudar de Londres, mas ele cresceu em vários lugares: Hong Kong, Nova York, Capetown. Eles são tipo, parentes da realeza ou algo assim. Ele tem um

monte de títulos mas não usa eles."

"Deveríamos fazer reverência? Bliss brincou

Mimi fez cara feia. "Não é piada. Eles são tipo, importantes. Patrimônios terrenos, conselheiros da Rainha, do séquito dela."

Bliss se conteve em rolar os olhos. As vezes Mimi era tão teimosa com sua

vaidade que isso tirava toda a diversão da vida.

Elas saíram do banheiro e deram de cara com o objeto de discussão. Kingsley estava saindo do lugar de compartimento dos rapazes, carregando um livro grosso de couro. Pareceu distraído e tremendamente charmoso. Os seus olhos dançaram quando ele as viu.

"Damas", ele disse, se enclinando.

Mimi sorriu de satisfação. "Acabamos de falar em você"

"Coisas boas, espero", ele disse, olhando diretamente para Bliss.

"Essa é minha amiga Bliss. O pai dela é um senador," Mimi disse, cotovelando

Bliss asperamente.

"Eu sei", Kingsley disse, intensificando o sorriso. Bliss tentou manter a compostura. Quando ele olhava pra ela daquele jeito, era como se ela estivesse

ali parada sem roupas.

O segundo sinal bateu, o que significava que eles tinham cinco minutos para ir para suas classes.

"Tenho que ir. O Korgan está senil mas ele ainda consegue ser um pé no saco," Mimi disse, seguindo para as escadas.

"Ah, só faça ele calar a boca," Kingsley disse. "Você ainda não sabe como fazer isso?"

"O que você tá falando?" Bliss perguntou

Mimi riu nervosamente. "Ele está falando de usar magia com os professores. Você sabe, controle da mente. Kingsley, você é um palhaço, sabe que a gente

não deve fazer isso. É contra o Código. Se os Wardens descobrirem..."

Blue Bloods adolescentes eram expressamente proibidos de usar seus poderes ou mostrar sua força sobrehumana até que alcançassem a idade adulta. E até

lá, o Código dos Vampiros era muito claro à respeito de sua política: humanos

não eram brinquedos. Eles deviam ser respeitados. Os Blue Bloods deveriam trazer paz e beleza e luz para o mundo, não para usar seus poderes superiores para reger e dominar.

"Wardens idiotas," Kingsley zoou com um aceno. "Eles nunca sabem o que tá rolando. Ou você ainda acredita que eles podem mesmo ler mentes?" ele provocou.

"Você é divertido. Nos falamos mais tarde," Mimi disse saindo. "Eu deveria ir também," Bliss disse nervosamente.

"Espere"

Bliss levantou as sombrancelhas.

"Você tem andando me evitando," Kingsley disse simplesmente. Não era uma acusação, mas um fato. Ele mudou o livro que carregava para o outro lado. Bliss

olhou-o rapidamente. Não parecia um livro de texto. Parecia com um daqueles livros antigos do Repositório que Oliver usava nas pesquisas sobre o Croatan.

"Sobre o que você está falando? Acabei de te conhecer". "Você já se esqueceu?" Kingsley perguntou.

"Esqueci o que?"

Kingsley olhou Bliss de cima a baixo, de sua nova sapatilha bailarina a mecha no seu cabelo.

"Gostei da beca verde. E o colar, naturalmente. Um toque perfeito.

Mas penso que eu gostei mais de você molhada e encharcada. Desamparada." "Você é o garoto do parque," Bliss. O garoto que a tinha salvado tinha sido Kingsley, não Dylan. Kingsley? Como?

O que significa, ela pensou com uma dor no coração, que Dylan estava mesmo morto?

"Você faria uma Dama do Lago muito bonita," Kingsley disse.

A mente de Bliss correu. Então isso significa que ela dançou com Kingsley no pós-festa afinal de contas. Ele era o cara com a máscara de Pierrot.

"O que aconteceu ao Dylan?", Bliss sussurrou, a idéia rastejou no seu coração. Ela tinha estado tão certa de que Dylan estava vivo. Mas se ele não tinha resgatado ela do lago, ou não tinha dançado com ela na festa... então ela tinha

que encarar isso. Tinha se apegado a um sonho. Ele tinha ido pra sempre, não voltaria mais.

"Quem é Dylan?"

"Não importa," Bliss disse, enquanto tentava processar a nova realidade e absorver a informação. "O que você quis dizer, então na noite da festa, quando disse que não tinha ido muito longe? A gente- a gente se conhece?" ela perguntou.

Kingsley olhou sério pela primeira vez. "Ah, desculpe. Você está um pouco atrasada aqui né? Não me reconheceu ainda. Desculpe de verdade. Eu tinha

pensado que você tinha me reconhecido enquanto dançávamos. Mas estava enganado."

"Quem é você?" Bliss perguntou.

Kingsley colocou a boca no ouvido de Bliss e sussurrou suavemente, "Sou o mesmo que você."

O sinal final tocou. Kingsley mexeu as sombrancelhas e deu um largo sorriso. "Te vejo por aí, Bliss".

Bliss caiu contra a parede, os joelhos sacudindo, seu coração galopando no

peito. Tinha ficado tão perto dela que ainda dava pra sentir a respiração dele na bochecha. Quem era ele realmente? Sobre o que ele estava falando? Ela descobriria a verdade a respeito do que aconteceu com Dylan?

VINTE

A minutos Schuyler caminhou para o café da manhã na sexta-feira de manhã, ela notou algo na sala de estar – luz do sol. O aposento estava brilhando com o sol, afogada no sol. A lona que cobria todos os móveis foi retirada, e os raios de sol através das janelas era tão forte que estava cegando.

Lawrence Van Alen estava de pé no meio da sala examinando um velho retrato que pendia sobre a lareira. Havia antiguidades, troncos de vapor amontoados no corredor, junto com uma grande, surrada mala Louis Vuitton.

Hattie e Julius estavam de pé em torno dele, apertando suas mãos. Hattie viu

Schuyler primeiro. —Senhorita Schuyler! Eu não pude para ele – ele tinha uma chave. Ele disse que era dono dessa casa, e ele começou a abrir as cortinas e

exigiu que nós removêssemos os panos. Ele disse que era seu avô. Mas Senhora

Cordelia era uma viúva desde que eu conheço ela.

—Está tudo bem Hattie, está bem. Julius, eu vou cuidar disso. Schuyler disse, chutando o grupo. A empregada e o motorista olhavam com desconfiança o intruso, mas eles ouviram as palavras de Schuyler e se e se ausentaram do aposento.

—O que você está fazendo aqui? Schuyler exigiu. —Eu pensei que você estava ficando longe disso. Ela tentou sentir raiva, mas tudo que ela sentia era exaltação. Seu avô! Ele tinha mudado de ideia?

—Não é óbvio? Lawrence perguntou. —Eu voltei. Suas palavras me feriram profundamente, Schuyler. Eu não poderia viver comigo mesmo sabendo que

tinha agido covardemente. Me perdoe, tem sido um longo tempo desde que

Cordelia e eu tínhamos feito o pacto. Eu nunca esperei ninguém vindo procurar por mim.

Ele olhou pela janela panorâmica com vista para o congelado rio Hudson.

Schuyler tinha esquecido que sua sala tinha aquela maravilhosa vista. Cordelia tinha deixado as cortinas puxadas por anos.

—Eu não poderia deixar você voltar para sua antiga vida, sozinha. Eu tenho sido

um exilado por um longo período. Está na hora de New York se lembrar do poder e a glória do nome Van Alen. E eu vim para levantar você. Você é, afinal

de contas, minha neta.

Em resposta. Schuyler se enterrou nos braços do seu avô e o abraçou apertado.

—Cordelia estava certa sobre você. Eu sabia que ela estaria.

Mas antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, a campainha tocou ruidosamente varias vezes, como se alguém a estivesse pressionando de uma forma altamente agitada.

Schuyler olhou para seu avô. —Você está esperando alguém?

—Não no momento. Anderson vai estar se juntando a mim em uma semana, após fechar minha casa em Veneza.

Hattie se deslocou para atender a porta, mas Lawrence acenou para longe dela. —Eu cuidarei disso. Ele disse quando abriu a porta. Charles Force e vários

Wardens do comitê, estavam de pé no portal olhando amargos e determinados.

—Ah, Lawrence. Charles Force sorriu um pouco.

—Você tem nos honrado com a sua presença mais uma vez. —Charles. Lawrence concordou.

—Podemos entrar?

—Certamente, Lawrence disse graciosamente.

—Schuyler, eu acredito, todos conhecem. Charles, Priscilla, Forsyth, Edmund, esta é minha net, Schuyler.

—Sim, um. Oi, Schuyler disse, se perguntou por que seu avô estava agindo como se os Wardens tivessem entrada para uma visita amigável.

Eles ignoraram Schuyler.

—Lawrence, me desculpe sobre isso, Priscilla DuPont disse na sua gentil e suave voz. —Eu fui desconsiderada.

—Está tudo certo, minha querida. Eu tenho que dizer, me alegra ver você tão

bem. Tem sido um longo tempo desde Newport. —Muito tempo, Concordou Priscila.

—Chega de tudo isso, Charles interrompeu furiosamente.

—Lawrence, eu não me recordo do seu exílio sendo revogado. Você deve comparecer perante a Conclave para depor formalmente. Se você vir conosco, por favor.

—O que está acontecendo? Schuyler chorou, quando dois Wardens agarraram os braços de Lawrence de cada lado. —Onde eles estão levando você?

—Não tema, neta. Lawrence disse. —Se eu não tiver uma escolha, eu irei de bom grado. Charles você não encontrara protestos de mim. Schuyler, eu estarei de volta logo.

Charles Force aspirou. —Veremos isso.

Schuyler assistiu eles levarem seu avô, para fora da porta e dentro de um carro preto em frente a o edifício. Ela sentia como se estivesse chorando. Apenas

quando ela pensou que ajuda tinha finalmente chegado, ela foi tirada tão rapidamente quanto tinha vindo.

—Ele já foi? Hattie perguntou, tempestuosamente da cozinha. —Obrigada

Senhor.

—Ele voltará. Schuyler disse. Ela caminhou para o retrato que Lawrence estava estudando. Era uma pintura de um casamento, escondido debaixo de um tecido

acid-free* por anos, datando os princípios do século XVIII. Havia Cordelia em seu vestido de noiva, parecendo bela e delicada. O homem de pé ao lado dela,

vestindo um terno claro e uma grava de bordas largas, tinha a inconfundível, aquilina características de um jovem Lawrence Van Alen.

* Acid Free ou livre de ácido é o papel que em sua composição não foi utilizado nenhum produto com reação ácida ou que, com o passar do tempo se decompõe produzindo resíduos ácidos. Os papéis Acid Free são os preferidos dos artistas plásticos e pintores para trabalhos em aquarela, óleo e acrílico.

New York Herald

Arquivos

10 de Fevereiro de 1872.

CONVITES DO ANUNCIO DE CASAMENTO FORAM EMITIDOS para o casamento

da Senhorita Caroline Vanderbilt, filha do Almirante e Sra. Vanderbilt, e Alfred, Lord Burlington, na quinta-feira, 29 de Fevereiro, as seis horas, na casa dos pais da noiva eleita, na

800 Fifth Avenue. O reverendo Sr. Cushing ira celebrar a cerimonia nesta cidade. A Senhorita Vanderbilt ira ser atendida por sua irmã

mais nova, Senhorita Ava Vanderbilt, e o Marquês de Essex agirá como

padrinho. Haverá uma recepção após a cerimônia. A família da noiva é destaque na sociedade, e entre os oitocentos convidados estará o governador de New York, e o prefeito da cidade. Lord Burlington é um corretor da bolsa, fazendo negócios em Londres e New York, e é o filho mais velho do Duque e Duquesa de Devonshire. A noiva e o noivo deixarão então para um tour estendido pelo subcontinente Indiano.

VINTE E UM

O rapaz estava parada precariamente na rede da sacada fora do 3º andar da biblioteca. Quando o tempo estava quente, a sacada era apelidada de "Clube Duschene" desde que os estudantes rotineiramente lanchavam lá, bronzeados, desfilando com bermudas jeans, as garotas com blusas desabotoadas tão decotadas quanto ousadas, e os garotos até tirando camisas.

Mas era metade de janeiro, e as janelas que davam para a sacadas estavam costumeiramente fechadas. Mas não hoje. Hoje, alguém tinha aberto a janela,

permitindo um ar gelado dentro da biblioteca, e alguém estava agora lá fora, se equilibrando numa fina barra de ferro de quatro polegadas.

Jack estava no caminho de volta do prédio de música quando encontrou uma a

multidão animadamente reunida no cortile, o pátio atrás da escola principal. Ele viu Schuyler através da entrada lateral, seu rosto com expressões preocupadas enquanto falava com seu amigo Oliver, o Red Blood.

Ele olhou pra longe dela, desejando que ele fosse aquele a quem ela procurasse por consolo, e mirou pra onde várias pessoas estavam apontando, e notou o

garoto. Ele era um calouro, um Red Blood, e estava parado na barra com um olhar vazio e aturdido no rosto.

"Pule"! Soos Kemble gritou, caindo em risadinhas.

"O que ele pensa que está fazendo? outra garota perguntou, horrorizada e animada ao mesmo tempo.

Jack percebeu que a multidão se divertia com a situação.

Metade deles estava avidamente, se inconcientemente, torcendo para o garoto cair. As aulas seriam canceladas pelo resto do dia com certeza.

"Vamos! Acaba logo com isso! Eu tenho um teste de pré-cálculo e não sinto que posso faze-lo essa manhã!" Alguem gritou.

Num canto, escondido atrás de uma cerca protegia um banco de pedra, a audição supersensível de Jack pegou um som de Kingsley Martin, o cara novo,

rindo com Mimi,

"Faça ele dar um pirueta," Mimi disse.

Kingsley girou a mão e o garoto na ponta do pé deu um giro de bailarina. A multidão ofegou. Mas o garoto aterrissou nos pés. Ele olhava chocado para o que tinha acabado de acontecer, quase como se não tivesse nenhum controle... Nenhum controle...

Jack deu uma aguda olhada para Kingsley. Ele soube num instante o que acontecia. Kingsley estava usando a magia de controlar a mente do garoto,

como um mestre de fantoche puxaria os barbantes.

Nos encontros do Comitê, eles tinham ouvido que haveria estritas punições por usarem seus poderes nos Red Bloods sem provocação. Jack sentiu uma

profunda cólera crescer dentro dele. O estúpido, arrogante idiota Kingsley

estava a ponto de coloca-los em perigo.

"Libere-o!" Jack ordenou, cerrando o punho, os seus olhos atirando punhais em

Kingsley.

AQ multidão virou para ver quem estava causando aquela cena.

"Ah, estávamos apenas tendo um pouco de diversão, colega," Kingsley disse, e com outro peteleco do seu pulso, o garoto parou de girar.

O garoto gritou quando viu a si mesmo no topo da sacada. Ele cambaleou; seu pé esquerdo escorregou fora a borda....

"Martin! Traga-o para baixo! Agora!"

"Se você insiste," Kingsley disse, olhando chateado. O garoto recuperou o equilíbrio e com segurança pisou para dentro do terraço.

"Modo caecus," Jack sussurrou, mandando um feitiço sobre todos os humanos

que tinham se reunidos, para fazê-los esquecerem do que tinham visto. "Isso foi egoísta e perigoso, sem mencionar cruel e trivial," Jack disse, confrontando Kingsley. Ele nunca tinha se sentido tão furioso na vida. E ver Mimi perto dele era ainda pior. Ele estava na verdade com ciúmes? Ou apenas brabo e desapontado de encontrar sua irmã tendo um comportamento tão baixo?

"Pare de ser um desmancha prazeres, Force," Kingsley disse. "Nenhum dano cometido, né?"

"É, Jack, deixa pra lá," Mimi disse. "Foi só zoação. Nada teria acontecido." "Não é esse o ponto Mimi," Jack disse, "Os Wardens saberão disso."

"Oh, os Wardens." Kingsley riu. "Escuta, por que você não me segue?" ele

zombou. "Ou você é tão amante de Red Blood que esqueceu que seu sangue é azul?"

Jack corou até as raízes do seu cabelo loiro.

"Vocês Forces- ou o que quer que chamem vocês esses dias- não seriam nada sem minha família, sem os sacrifícios que fizemos," Kingsley disse sombriamente. Ele girou nos calcanhares e começou a se afastar. "A qualquer hora que quiser engulhir suas palavras, Force, sabe onde me encontrar."

"Jack, é só uma brincadeira," Mimi disse, tentando amolecer o irmão.

"Deixa disso," Jack disse, tirando as mãos dela de cima dos seus ombros. Ele se afastou rapidamente, e Mimi o seguiu, com um olhar pesado no rosto. "Jack,

perai, vamos.!

Mas Jack não voltou. Seus ouvidos estavam queimando pelo embaraço público. Isso tinha sido sábio? Ele tinha que parar Kingsley, não tinha? Ou ele só estava sem humor como sua irmã tinha acabado de dizer? E de qualquer jeito, sobre o que Kingsley estava falando? Que sacrifícios o Martins tinham feito? Teria que perguntar a seu pai sobre isto.

VINTE E DOIS

Oliver tinha guardado um lugar para ela ao seu lado no laboratório de Química. Ele entrou a Schuyler seus óculos, e ela colocou em seu avental de radiação. —O que estamos fazendo hoje? Ela perguntou, ajustando o óculos sobre o nariz. Oliver já estava vestindo o seu. Toda a sala parecia uma equipe de soldadores. Do outro lado da sala Mimi ruidosamente se queixava que o óculo lhe uma feia marca vermelha em seu nariz, mas não pagou muita atenção.

—Fazendo doce novamente? Schuyler perguntou.

Oliver checou o bico de Bunsen* e girou ele lentamente, então emitiu uma pequena, chama vermelha. —Sim.

No passado, a Duchesne tinha um dos professores de Ciências mais original e

carismático no assunto. Na verdade o laboratório de Química, era tão popular entre os estudantes que ambos Juniores e Segundanistas foram permitidos

pegar ele para um opcional. Mas Sr. Anthony, o infantil, entusiasmado, e recente

graduado da Yale, foi liberado da escola no inverno devido a um infeliz término de um caso com uma das suas estudantes, que tinha ficado grávida. Sr.

Anthony, foi demitida e a estudante expulsa. Isso não era Degrassi Junior High*,

depois de tudo. Isso era Duchesne.

* químico alemão, inventor do bico de Bunsen

*Degrassi é um grupo de especiais e séries de televisão dramáticas canadenses que seguem a vida de um grupo de crianças e adolescentes que vivem na Rua De Grassi, em Toronto, Canadá. As duas séries principais são Degrassi Junior High e Degrassi High.

Que era tudo bem e bom, exceto que com o Sr. Anthony e seu avançado, e ainda excitante, experimentos no laboratório se foram (no último semestre eles tinham transformado cobre em ouro, ou pelo menos um prato de ouro.), os estudantes foram presos com o chato velho Sr. Korgan, cujo planos de estudos incluíam uma série de experimentos cada um mais estúpido que o outro. Calculando densidade. Determinando a composição da água. Identificando uma solução como ácido, básico ou neutro. Yaawwn. Sr. Korgan era tão lento que por duas semanas a classe esteve envolvida na criação de uma reação química em hidrogênio e frutose, também conhecido como transformar açúcar e água em doce.

Schuyler estava pronta para colocar uma caneca cheia com água sobre o maçarico, quando Sr. Korgan anunciou que eles iam fazer quarto diferente naquele dia.

—Eu gostaria de vocês para – trocar seus parceiros de laboratório toda semana. A classe tem desenvolvido muitas desordens ultimamente então eu preciso –

separar vocês dos seus amigos. O parceiro da esquerda irá, por favor, descer para a próxima mesa, e assim por diante, vamos manter essa rotação a cada semana.

Oliver e Schuyler pareciam triste. —Vejo você depois da aula, Oliver chamou, quando Schuyler recolheu suas coisas e se mudou para a próxima mesa, onde

Kingsley Martin estava de pé.

De fato, o grande óculos de plástico sobre seu rosto só servia para aumentar sua beleza, destacando como nada poderia colocar um abafador sob sua boa

aparência – nem mesmo óculos de besouro de plástico. Kingsley poderia vestir calças de poliéster e um bigode do Groucho* e ainda parecer quente.

*Groucho Marx (1895-1977, nascido como Julius Henry Marx), comediante estadunidense

Schuyler não tinha visto muito de Kingsley desde que ele chegou, embora ela tenha ouvido todas as animações sobre ele, e tinha testemunhado sua performance arrogante no pátio esta manhã.

—Uma pena sobre seu avô, ele disse como uma saudação.

Schuyler tentou não mostrar seu choque. Mas então, Kingsley era um Blue Blood. Seus pais eram provavelmente altos membros do coven.

—Ele ficara bem, ela falou sucintamente, esperando a água da caneca ferver. —Oh, eu tenho certeza. Eu só queria estar lá para ver Charles e Lawrence batalhando. Apenas como nos velhos tempos.

—Uh-huh." Schuyler concordou, não querendo entrar na conversa. Ela não tinha sequer dito a Oliver sobre o regresso de Lawrence. Ela se sentiu supersticiosa

sobre isso. E se o comitê apenas enviasse ele para a Itália rapidamente? Então não haverá qualquer coisa sequer para contar.

—Diga-me, você ainda está obcecada por aquele garoto?

—Me desculpe? Schuyler perguntou, segurando um tubo de ensaio.

—Nada. Kingsley deu de ombros inocentemente. —Se é assim que você quer jogar isso. Ele disse de modo implicante.

Quando Kingsley não estava olhando, Schuyler estudou seu perfil. Ele tinha estado no baile Four Hundred, ela escutou.

Ele poderia ser o garoto por trás da máscara que ela tinha beijado na pós festa?

Schuyler subconscientemente colocou as mãos sobre seus lábios. Se ele fosse o rapaz que ela tinha beijado, isso significava que mesmo ela o achando repulsivo, havia realmente alguma coisa nele que ela achava atraído? Oliver estava sempre citando Foucault*, dizendo que desejo deriva da repulsa.

*filósofo francês

Um aleatório pensamento voou em sua cabeça: e se o garoto atrás da máscara tivesse sido Oliver? Havia um Red Blood na festa...e Oliver odiava ficar de fora de qualquer coisa divertida. Ele teria sido capaz de descobrir sobre a festa, ela

estava certa. Ela tinha se sentido atraída pelo garoto de máscara por que ele era seu melhor amigo? Eles tinham se beijado? Era por isso que ele estava tão

simpático com ela ultimamente? Tratando ela com tanta ternura?

Ela espiou através da sala até ele, fazer caretas quando Mimi force, sua parceira de laboratório, queimou a frutose, fazendo com que isso derretesse em um

repugnante doce – cheirando a desastre.

Se ela tivesse beijado Oliver, não significa que eles eram mais do que amigos agora? Eles teriam que começar a namorar? Ela estava mesmo atraída por ele?

Ela olhou para seu cabelo castanho caindo sobre seus olhos, e o pensamento de

como, em Veneza, ela queria nada além do que provar seu sangue. Isso igualava a atração? E quem sabia como ele se sentia sobre ela?

Schuyler colocou os quadrados de doce perfeitamente moldados na mesa, e

pegou o olhar de outro garoto através da sala.

Jack Force. Seu estômago imediatamente se amarrou em nós.

De repente Schuyler soube que ela estava brincando com si própria, ela talvez se divertisse com a idéia de estar gostando de Kingsley ou Oliver. Mas ela

realmente sabia que nutria uma não-tão-secreta esperança sobre a identidade do garoto que ela tinha beijado: ela desejava por um nome, apenas um nome.

Jack.

VINTE E TRÊS

Quando Schuyler chegou em casa da escola, Lawrence ainda não tinha

retornado. Ela pediu a Julius para levar a mala de seu avô ao quarto de Cordelia. O quarto parecia abandonado e solitário. Hattie tinha preparado jantar, e Schuyler tomou uma bandeja até seu quarto, comendo seu pão de carne e purê de batatas na frente de seu computador. Cordelia nunca tinha permitido tal

coisa. Sua avó tinha sido vigilante para que Schuyler comesse seu jantar propriamente na mesa todas as noites. Mas então, Cordelia não estava por perto

para reforçar suas regras.

Schuyler alimetou Beauty com os pedaços de seu prato enquanto checava seu email e fez uma tentativa indiferente de terminar o trabalho de casa. Depois, ela

levou sua bandeja para a cozinha e ajudou Hattie com a louça. Já era mais de nove horas. Seu avô estava fora a mais de 12 horas.

Quanto tempo o encontro teria durado?

Finalmente, um pouco depois da meia-noite, a chave de Lawrence girou na fechadura. Ele parecia exausto. As linhas do rosto estavam desfiguradas.

Schuyler achou que ele parecia como se tivesse décadas de idade. "O que aconteceu?," ela perguntou, alarmada pela condição dele.

Ela voou da janela em que estava sentada onde estava cochilando. A sala de estar, sem as cortinas pesadas e coberturas, era surpreendentemente um lugar confortável. Hattie tinha acendido um fogo na lareira, e Schuyler não podia ter

suficiente vista do rio. Lawrence colocou seu fedora* em cima da estante e afundou em um dos sofás antigos em frente do fogo. O pó voou quando ele sentou no sofá.

* Um tipo de chapéu daqueles antigos.

"Penso que Cordelia podia ter posto algum dinheiro para manter este lugar um pouco mais limpo," resmungou. "Deixei-a com bom um pé-de-meia".

Cordelia sempre tinha dado a Schuyler a impressão de que eles estavam sem dinheiro, e o pouco que tinham era para financiar as necessidades básicas: a matrícula na Duschene, comida, abrigo, os empregados. Qualquer coisa além

disso- roupas novas, dinheiro para cinema ou restaurantes era negociado dólar por dólar.

"Minha avó sempre disse que estávamos quebrados," Schuyler disse.

"Em contraste de como vivíamos antes, com certeza. Mas nós, Van Alens estamos longe da bancarrota. Chequei as contas hoje. Cordelia investiu sabiamente. Juros tem corrido em cima de juros. Nós seríamos capazes de trazer essa casa de volta a como deveria ser."

"Você foi ao banco?" Schuyler perguntou, um pouco assustada.

"Tive que ver algumas coisas, sim. Tem um bom tempo que estive na cidade. É

maravilhoso como o mundo mudou. Tinha esquecido disso em Veneza. Vi vários amigos. Cushing Carondolet insistiu para que eu jantasse com ele num velho

clube. Sinto muito, eu ia voltar cedo, mas tinha que descobrir o que Charles tem feito na minha ausência."

"Mas o que aconteceu com o Comite?"

Lawrence pegou um charuto no bolso e cuidadosamente acendeu-o. "Oh, na audiência?"

"Sim," Schuyler disse impaciente, mostificada pela atitude casual de Lawrence.

"Bem, ele me levaram para o Repositório," Lawrence disse. "Tive que falar em frente ao Conclave- a maior liderança do Coven. Wardens, Anciões. Enmortais como eu. " Enmortais foram vampiros que mantiveram a mesma aparência durante séculos, que tinham permissão de se isentar do ciclo de dormir e despertar, contrariamente conhecido como reencarnação.

" Nunca tinha visto tal aglomeração," Lawrence disse, pressionando os lábios com repugnância. "Forsyth Ilewellyn é um senador- sabia disso? Em Plymouth ele

era apenas o lacão de Michael. É uma desgraça. E completamente contra o

Código. Nem sempre foi assim, você sabe. Nós já mandamos antes. Mas depois do desastre de Roma, concordamos que tomar posições de poder na esfera

humana estava pra sempre fora de questão."

Schuyler assentiu. Cordelia já tinha contado.

" E eles chutaram os Carondolets pra fora do Conclave, Cushing me falou sobre isso. Porque ele propôs um Candidus Suffragium."

"O que é isso?"

"O Voto Branco. Para a liderança do Coven," Lawrence disse, chutando seus sapatos e balançando os pés em frente ao fogo.

"Mas eu pensei que Michael- Charles- fosse o Regis. Pra sempre."

"Não é assim," Lawrence disse, colocando as cinzas dentro de um cinzeiro que ele tirou do bolso.

"Não?"

"Não. O Coven não é uma democracia. Mas também não é uma Monarquia. Concordamos que a liderança pode ser questionada se o Coven sentisse que o Regis não lidera da maneira certa. Então O Voto Branco é chamado."

"Já teve um Voto Branco?"

"Sim." Lawrence afundou tão baixo na cadeira que só a fumaça do seu charuto era visível.

"Uma vez, em Plymouth."

O que aconteceu?"

"Eu perdi." Lawrence encolheu. "Eles baniram Cordelia e eu do Conclave. Desde então, não tivemos mas nenhum poder no conselho. Nos enclinamos as regras

deles, e mais tarde, na época dos tempos dourados, decidimos nos separar." "Por que?" Schuyler perguntou.

"Cordelia lhe disse que suspeitávamos que um alto membro do Conclave estava

abrigando um Silver Blood. Pensei que seria seguro para ela se eu desaparecesse por um tempo, então eu poderia continuar nossa investigação sem o Comitê saber. Pensávamos que era esperteza nossa. Mas aí, por causa disso eu não estava aqui quando Allegra sucumbiu a sua desolação. Ou quando você nasceu.

E meu trabalho estava longe de ser frutífero. Não estou nem perto de confirmar minhas suspeitas do que estava antes."

"Mas o que aconteceu- por que eles deixaram você sair livre? Pensei que estivesse exilado."

Lawrence. "Eles também. Mas esqueceram que entrei no exílio voluntariamente. Acho que nenhum deles esperava que eu voltasse. Eles não tinham muita escolha. Não quebrei nenhuma regra do Código. Não há razão para proibirem

meu retorno. E por que estive longe tanto tempo eles quiseram meu testemunho."

"Testemunho do que?"

"Oh, de prometer não questionar a liderança do Coven como eu fiz uma vez. Você sabe, pedir por outro Voto Branco. Eles até restituiram minha posição no Conclave, desde que eu prometa não mencionar nada de Silver Blood de novo. De acordo com Charles, a ameaça Croatan foi contida, se sequer chegou a existir."

"Só porque ninguém morreu nos últimos 3 meses," Schuyler disse.

"Sim. Estão cegos como sempre. Os Silver Blood estão de volta. Está sendo do mesmo jeito que eu e Cordelia avisamos, anos atrás."

"Mas o resto tá legal então," Schuyler disse alegremente, não se importando com a ameaça Croatan no momento. "Você está de volta, e eles não podem fazer nada contra isso."

Ele estudou o fogo penosamente. "Não é bem assim. Tenho algumas notícias ruins."

O sorriso de Schuyler sumiu.

"Charles informou que está fazendo planos de te adotar."

"O que? Por que?" Charles Force- adotá-la? O que dava a ele esse direito? Que tipo de piada doentia era essa?

"Infelizmente , ele é , não obstante, seu tio. Quando Allegra, a irmã dele,

revocou o Enlace e recusou tomá-lo como parceiro nesse ciclo, ele virou as costas para a família Van Alen. Atualmente, ele faz de tudo para destruir nossa família. Pra destruir sua mãe. Ele nunca poderá perdoá-la por casar com seu pai e dar a luz a você. Ele endureceu o coração contra ela. Até mesmo mudou o nome."

Schuyler pensou que as várias vezes que encontrou Charles Force de joelhos aos pés da cama de sua mãe. Ele era o constante visitante, e ela tinha escutando ele

implorando a Allegra por perdão.

"Doravante (putz q isso, juro q ele usou essa palavra), ele é seu último parente de sangue, além de mim, claro.. Mas não há nenhum registro de minha

existência nesse ciclo, de acordo com os papéis, estou legalmente morto. Morri

em 1872. Graças a Deus pelos bancos suíços. Nossas contas são meros números bancários, de outra forma eu não poderia colocar as mãos nele. Charles decidiu

que eu não sou adequado para criar você. Ele quer criar ele mesmo."

Seu tio. Cordelia intimidado tanto, e ainda assim Schuyler tinha se recusado a conhecer a árvore genealógica da sua família misturada. "Mas eles não podem...

quero dizer... eu nem conheço ele."

"Não se preocupe, não deixarei isso acontecer. Allegra não ia querer nada além do que manter você longe dele," Lawrence disse.

"Por que ele te odeia tanto?" Shuyler perguntou, um punhado de lágrimas nos seus brilhosos olhos azuis. Lawrence tinha finalmente voltado, e de novo os

Forces estavam conspirando para leva-lo pra longe dela.

Schuyler pensou que tipo de adoção seria: ter que viver com Mimi e Jack, seus primos. Mimi adoraria isso, ela estava certa... e Jack, o que ele pensaria?

"Eles ficaram divididos, pai contra filho, filho contra pai," Lawrence disse, citando as escrituras. "Aí, tenho sempre sido um desapontamento pro meu filho."

Nova York Herald

Arquivos

30 DE SETEMBRO DE 1872

DESAPARECIMENTO É AINDA UM MISTÉRIO

Maggie Stanford não deu nenhum sinal em 2 anos. Pai morto de desgosto e mãe demente.

O MISTÉRIO QUE CERCA o desaparecimento de Maggie Stanford, agora 18 anos de idade, que desapareceu na noite do Balile Anual dos Patrícios 2 anos atrás,

ainda tem que ser solucionado. A polícia nunca encontrou nenhuma nota de resgate ou qualquer indicação de seqüestro ou crime em relação ao caso, e sugeriu que a garota fugiu por vontade própria. A senhora Dorothea Stanford, de Newport, se tornou mentalmente instável com o choque do desaparecimento da filha. Sr. Stanford morreu de desgosto um tempo após Maggie ter desaparecido. Estranhas alucinações continuam a afligir a mãe, que afirma que os vizinhos e amigos estão escondendo a verdade sobre a filha e impedindo-a de voltar pra casa.

O Herald visitou a Senhora Standor em casa e o que poderia ser o discurso dela, ela ainda está trabalhando sobre a impressão de que alguém tem sua filha sob custódia e se recusa a entregá-la.

O Herald descobriu que Maggie Stanford estava vivendo em St. Dymphna Asylum em Newport por um ano antes de desaparecer, recebendo tratamento para uma

causa desconhecida.

Se alguém tiver qualquer informação sobre o desaparecimento dela pedimos que entre em contato.

VINTE E QUATRO

A revista Chic estava localizada em um atrativo edifício novo de aço e vidros no meio da Times Square. Era somente uma das propriedades de meios de comunicação de alto-perfil possuídas pela organização Christie-Best, um conglomerado que também contava com Flash, Kiss, Splendid e Mine* entre muitos dos seus títulos lustrosos. A entrada era um espaço sereno marmorizado com uma fonte zen e um exército de guardas de segurança com jaquetas azuis que guardavam as mesas da recepção de onix.

* Nomes de revistas.

Uma tarde depois da escola, Bliss esperava pacientemente no lobby do prédio enquanto seu guarda-costas ligava para o agenciador da Chic para que liberasse sua entrada. A Farnsworth Models tinha enviado-na para um go-see*, um compromisso para ver se a revista gostaria de contratá-las para sua próxima sessão de fotos. Bliss estava vestindo seu traje normal de go-see: um apertado, apertado jeans escuro e lavado da Stitched for Civilizations, uma sapatilha da Lanvin, uma blusa branca solta. Seu rosto estava frescamente esfregado e sem maquiagem como aconselhado pela agência.

*Go-see é um encontro que a agência marca entre o ator/modelo e o cliente que pode ser um editor de revista, diretor de arte, alguém que seleciona pessoas

para TV, etc.

Bliss estava sendo muito requisitada desde que tinha posado para a campanha da Stitched, e as fotos dela num deslumbrante vestido da Dior tinham

repercutido no mundo todo- chamando ela de a nova e jovem socialite (e desbancando Mimi na lista internacional dos mais bem vestidos). Ela tinha feito um anúncio de sapatos, um anúncio da Gap, e tinha feito umas 5 páginas do editorial da Kiss. Chic era a mãe de todas, a top das tops, e enquanto Bliss pensava que modelar era só para tirar onda, ela também queria muito fazer parte do show.

"Schuyler Van Allen," ela ouviu a garota da estação próxima dizer ao guarda. "Schuyler! Você está aqui para o go-see da Chic?" Bliss perguntou,

satisfeitamente surpresa de encontrar Schuyler ali também.

"Estou." Schuyler sorriu de volta. Desde que sua avó tinha morrido, ela tinha recusado as oportunidades de modelar que tinham vindo rápidas e furiosas

depois da aparição na Times Square para a Stitched for Civilization. Mas Linda

Farnworth a tinha convencido de manter o compromisso da Chic, e Schuyler concordou, pelo menos para manter a mente desestressada da notícia de que

Charles Force queria adotá-la.

Como sempre, Schuyler parecia um maltrapilho em seu suéter velho, uma túnica meia- cintura, uma calça leg apertada, e tênis de Jack Purcell, com várias

camadas de bijuterias de plástico cobrindo seu pescoço. Embora, deve ser

anotado que vários editores de moda que a tinham notado na entrada rapidamente seu estilo raro, e três meses mais tarde, as páginas de Kiss,

Splendid, and Flash estava toda cheia do estilo semelhante ao que Schuyler

usava.

"Vocês podem subir garotas," o guarda disse a elas, liberando elas na roleta automática.

O escritório da Chic era no 10º andar, Schuyler e Bliss se sentiram um pouco

intimidadas pelo silêncio imaculado. A área interior de espera era cheia de posters das capas mais famosas da Chic em um tour virtual das belezas mais celebradas dos séculos vinte e vinte e um.

Uma recepcionista com jeito maternal disse para elas tomarem um assento em uma das cadeiras Barcelonas brancas*

*Desse tipo aqui

<http://cache.wists.com/thumbnails/6/4e/64e133e05224b890dc0e1bc75858f232- orig>

As garotas conversavam sobre assuntos neutros: fofocas da escola, provas, o porque da cafeteria estar subitamente servindo cachorro-quente. As duas evitaram o tópico da morte de Dylan- Schuyler, porque estava com medo de machucar Bliss demais, e Bliss, porque sentia que não havia mais nada a ser dito, já que o garoto no lago era Kingsley.

"Ele é legal."

Bliss ainda não tinha descoberto quem ou o que Kingsley tinha sido no seu passado, além do mais ela tinha que admitir que ele estava fazendo o presente

ser bem divertido. Ele parecia ter em mente que Bliss tinha sido sua namorada, e

os dois estavam gastando a maior parte do tempo livre juntos. Kingsley sempre parecia ter os convites para as melhores festas, e com ele ao lado, Bliss não se sentia mais uma introvertida, mas mais como uma borboleta social. E ainda sua própria fama em ascensão estava tornando-a incrivelmente confiante no meio da habitantes resplandescentes na noite de Nova York. Até Mimi tinha azedamente mencionado como ela estava doente de ver o nome de Bliss na capa de colunas de jornais.

"Como está Oliver?" Bliss perguntou.

"Bem," Schuyler disse de repente. Na verdade, Oliver andava um pouco distante ultimamente, depois de ser tão comiserável. Talvez isso seja reação dela estar se afastando dele, ou uma reserva dele sobre a mudança da natureza da relação entre eles. A transição de melhor amigo para um humano conduit não era uma coisa fácil de manobrar.

Elas pararam de falar quando uma graciosa morena atravessou as portas de vidro. Ela estava vestindo uma blusa solta de camponês acorreiada nos quadris, um pequeno calção apertado, uma patterned tights*, e um sapato plataforma. O efeito era bizarro e excêntrico, como se tivesse feito a combinação de trajes no último

momento, quando na realidade provavelmente tinha tomado horas de estudo e cálculo cuidadoso da combinação de cada elemento num total, pesando as

opções tão meticulosamente quanto um um artista mistura tintas.

* Meias tipo essas <http://api.ning.com/files/d9IV-H5cWWg1GvwQFUXfFcW1C1mBocgLovdk2ZADwhibqFSmEiR6st3PJNuxeZgQDnV-TL1EXxUCgcJLg4ki8a33rB9G6Ky9/FunkyTights.jpg>

"Bliss? Schuyler?" ela chamou. "Chantal?" Schuyler respondeu.

"Não, eu sou Keaton, assistente de Chantal." "Como em Diane ou Buster?"* Schuyler brincou.

* Ela tentou fazer uma piada com o nome da assistente e o nome de Diane

Keaton (atriz) e Buster Keaton (ator e diretor de comédias mudas)

Keaton a ignorou. "Chantal está presa em um encontro com acessórios, mas ela me pediu para que colocasse vocês aqui dentro," ela disse condescendentemente. Keaton a guiou por um branco corredor acarpetado, onde meninas vestiam-se em uma similar excentricidade pelo labirinto de cubículos em saltos de 4 polegadas. Prateleiras rolantes de roupa foram estacionadas contra a parede, com cartões e anotações em cabides em que lia "CAPA DE LIVRO," "REJEITADOS," "VAI," "BRANNON MTG," "RETORNOS," e "ÍNDICE".

O escritório de Chantal era uma bagunça de portfólios, e uma sólida parede estava cheia de centenas de lustrosas modelos e fotos polaróides. Tinha 3

páginas azuis da capa dos próximos meses, as maquetes da edição de fevereiro,

e uma pequena jarra de chá no canto.

"Esperem aqui," Keaton ordenou. "Não se meçam."

Schuyler e Bliss fizeram como foi dito, mesmo que Bliss realmente quisesse um copo d'água e Schuyler estava doida para usar o banheiro. Mas a atmosfera da Chic era tão intimidante, e Keaton tão mal humorada, nenhuma das duas queriam arriscar. Uma hora mais tarde, Chantal finalmente chegou. Bliss esperava uma alta glamurosa, mas Chantal era pequena, baixa, uma mulher cansada e pálida com um corte de cabelo de duende e óculos de olho de gato. Usava um casaco de moletom APC e calças largas, assim como um confortável (mas edição limitada e portanto, completamente caro) par de tênis japoneses.

"Olá meninas," disse estimuladamente, então imediatamente chamou, "Keaton! Minha polaróide! Não te disse para trazer?"

Então ela sentou-se na mesa e folheou os dois portfólios rapidamente. "Sim, vi

esse. Bom. Ooh. Não tão ruim. Gosto desse, não tanto desse," ela murmurou. Bateu ambos livros fechado-os e as instruiu a posar contra uma parede vazia em seu escritório enquanto dava vários clicks de cada menina com sua câmera.

Bliss foi a primeira.

Era somente negócios como sempre até que Bliss de repente desmaiou quando um flash estourou no seu rosto.

"Ah, meu Deus." Ela não é anorexa, é? Quero dizer, tudo bem se ela é, Deus sabe que todas essas garotas são. Mas não posso tê-la fazendo isso na sessão," Chantal disse mais aborrecida do que preocupada, enquanto Bliss se desfazia no

chão.

"Não, não é isso," Schuyler disse, preocupada. Ela se ajoelhou e colocou a mão na testa de Bliss. "Está um pouco quente aqui."

Bliss estava gemendo. "Não... vá embora... não"

"Estará mais quente na locação," Chantal disse sombriamente. "Deus me ajude se ela vomitar no meu carpete."

Schuyler olhou para ela, perturbada por que a editora de books estava mais preocupada com o escritório do que com a saúde de Bliss.

"Bliss? Bliss? Você está bem?" ela perguntou, ajudando a amiga a levantar-se.

Bliss piscou e abriu os olhos. "Schuyler?" ela disse guturalmente. "Sim"

"Preciso sair daqui," Bliss implorou.

"Keaton acompanhará vocês até a saída. Eu deixarei Linda saber," Chantal disse enquanto pegava o telefone. Estava claro que a editora de books tinha mudado

suas preocupações uma vez que a ameaça de vômito tinha passado.

Schuyler ajudou Bliss a sair do escritório. "Firme. Devagar". Ela pressionou o botão de descida do elevador e olhou para a garota da Christie- Best, que deu a

elas uma olhada curiosa.

"Eu apaguei," Bliss disse. "De novo." "De novo?"

"Isso acontece todo o tempo agora," Bliss contou a Schuyler sobre os pesadelos que estava tendo e as experiências estonteantes de acordar e se encontrar em lugares que não lembrava de ter ido. "Eu só vou acordar e estar em algum lugar, sem idéia de onde estou. Acho que é tudo parte da transformação," Bliss disse. "É, isso acontece comigo também. Não tão dramático quanto o que você está descrevendo, mas umas semanas atrás eu apaguei. Mas como uma hibernação, Dr. Pat disse." Schuyler explicou enquanto guiava Bliss para dentro do elevador. "As minhas são bem curtas, é parte do flashback de memórias, exceto que não pareço me lembrar de nada," Bliss explicou, parecendo aliviada por não ser a única a sofrer desses episódios.

"Acho que só temos que lidar com isso."

"Kingsley disse que existem truques para enfrentar isso. Ele vai me mostrar como."

O elevador chegou à entrada, e quando as portas abriram Jack Force entrou. Ele estava usando uma etiqueta preta da Christie- Best na lapela escrito 10º andar. "Oh, oi," ele disse parecendo de alguma forma embaraçado.

"Não nos diga..." Bliss disse. "Jack Force, supermodelo! Você pode nos mostrar o Blue Steel*?" ela brincou, citando o filme zoolander.

"Shiiiiii," Jack disse, sorrindo medrosamente. "Não é idéia minha. Mas eles precisam de caras para uma sessão. Chantal é amiga da minha mãe, e então, aqui estou eu."

"Acabamos de ver Chantal," Bliss disse, mantendo a conversa já que Schuyler era muito tímida para falar diretamente com ele.

"Então acho que verei vocês na sessão." Jack deu um grande sorriso.

"Sim, claro," Bliss disse. " Eu acho que não. Desmaiei quando ela tirou uma foto minha, e Schuyler não tirou uma foto. Não acho que haja alguma chance para nós duas sermos escolhidas."

Era difícil de dizer quem parecia mais desapontada, Jack ou Schuyler- enquanto a porta do elevador fechava.

* Blue Steel é um biquinho que o ator do filme zoolander faz. tipo assim :

http://cb.nowan.net/images/Zoolander_001.jpg

VINTE E CINCO

"No primeiro andar, depois do templo de Dendur, entre o sarcófago na seção de antiguidades egípcias, há um bracelete de cobra dourado que pertenceu a Hatshepsut*. Eu gostaria que você trouxesse isso de volta pra mim," Lawrence disse, segurando o cronômetro.

Schuyler e seu avô estavam no estúdio dele, um dos muitos cômodos que a volta de Lawrence tinham aberto.

Seu avô tinha encarregado empreiteiros e arquitetos de restaurar a mansão a sua glória anterior, e o som de construção na fachada- perfurando, batendo,

martelando era uma perturbação diária. Mas dentro do estúdio de Lawrence era a prova de som e quieta como uma tumba.

Era o 3º dia de treino. Uma semana atrás, Lawrence tinha estado amedrontado em descobrir que o Comite tinha feito quase nada em ensinar a mais nova colheita de vampiros como controlar e usar seus poderes. Schuyler contou a ele

que o máximo que fizeram era ler um punhado de livros e meditado.

*Hatchepsut ou Hatshepsut foi uma grande esposa real, regente e faraó do

Antigo Egito. Viveu no começo do século XV a.C.

"Ninguém aplicou um teste de velocidade?" ele perguntou, levantando uma sombrancelha em consternação.

Schyler balançou a cabeça. "O que é isso?"

"Ou aprendeu os 4 fatores da magia?" "Não." Schuyler balançou a cabeça.

"Então nenhum de vocês tem nenhuma idéia de como conter um ataque de Silver Blood," Lawrence disse com raiva. "Um, não."

Lawrence estava muito perturbado, e com o tiquetaque do relógio- a petição de adoção de Charles Force tinha dado corda na burocracia da Corte de Família- quem sabia quanto tempo eles ainda teriam juntos?- as lições vampíricas tinham formalmente começado. "Se você quer saber como atacar os Silver Bloods, e encontrar quem ou o que é responsável pelo retorno deles, você terá que aprender como usar seu conhecimento Blue Blood e habilidades primeiro."

Seu avô decidiu começar com a velocidade, ou teste de rapidez.

"Ser rápido não é o suficiente," Lawrence ensinou. "Você deve ser tão rápida que será indetectável. Tão rápida que não disparará alarmes. Tão rápida que ninguém te verá. A maioria dos Red Bloods pensam que isso é como

"invisibilidade". Mas essa não é uma característica real. De fato, essa coisa de invisibilidade não existe. É só que somos tão rápidos que somos indetectáveis aos olhos humanos. Uma vez que você domine a arte da velocidade, você será capaz de estar em qualquer lugar você quiser num piscar de olhos. Os Silver Bloods são rápidos- que é um dos maiores poderes deles. Então você tem que ser mais rápida que eles, se quiser sobreviver."

Ele deu a ela instruções de como encontrar o bracelete no Museu Metropolitano de Arte.

Bracelete de cobra. Dourado. Primeiro andar. Antiguidades egípcias. Dentre os sarcófagos.

"Vá," Lawrence disse, segurando o cronômetro. Schuyler desapareceu.

Antes mesmo que tivesse passado o segundo seguinte, Schuyler reapareceu. "Melhor," ele disse. Alguns dias atrás, ela tinha levado 2 minutos pra completar a tarefa.

Schuyler roubou o bracelete. Ela abriu o cadeado tão ativamente que o alarme não teve tempo de registrar uma perturbação.

Lawrence permitiu que um pequeno sorriso viesse aos lábios. "Agora leve de volta."

No dia seguinte, Schuyler estava exausta pelo esforço que a lição do dia anterior tinha requerido, ela ainda estava tentando administrar isso. Não havia tempo para fraquezas; ela queria ir em frente sem preocupar Lawrence com o quanto

isso estava custando a ela. Estava ávida por aprender os princípios de animadverto, ou "visão inteligente".

"A característica vampírica do animadverto é outra que é fundada em mito e equívoco," Lawrence ensinou.

"Os humanos acham que temos a capacidade de conhecimento infinito, quando de fato tudo o que temos é uma memória perfeita. Se você exercitar essa

habilidade, será como eu, capaz de citar passagens de cada livro que você leu em toda sua vida.

"A biblioteca de Alexandria foi perdida para a raça humana durante séculos, mas agradecidamente, eu era um leitor voraz," Lawrence disse, apontando à sua cabeça. "Está tudo bem aqui".

"Por que nós necessitaríamos saber tudo isto? Como isto é útil para derrotar os Silver Bloods?" O Schuyler perguntou.

"Os Silver Bloods não dão nenhum valor a leitura, e aqueles que não aprendem a História são condenados a repeti-la. É imperativo que encontremos vestígios, indícios, de suas operações imergindo-nos na história do mundo. Talvez, então, um de nós com êxito entenda o mistério da existência continua deles". Gesticulou a toda Enciclopédia Britânica de 30 livros. "Pegue um momento instantâneo mental de cada página. Catalogue-o em sua memória. Com sua velocidade, isto deve levar menos que cinco minutos. Mas eu lhe darei uma hora". O Lawrence deixou o estúdio e fechou a porta atrás dele.

Na hora combinada, Lawrence voltou e encontrou Schuyler largada no sofá cochilando.

"Terminou?"

"Há cinco minutos atrás." Schuyler deu um grande sorriso. "Bom. Me dê a definição do ritual egípcio de reanimação".

O Schuyler fechou os seus olhos e falou numa voz lenta e medida, quase como se lesse da página. "O ritual para preparar o morto para vida futura, representado em estátuas do morto, a própria múmia, ou estátuas de um deus

localizado num templo. Um elemento importante da cerimônia era o ritual de abrir a boca do morto então a múmia talvez respire e coma. O ritual, que simbolizava a morte e conceito de regeneração do mito de Osiris, em que o

desmembrado..."

"Excelente," Lawrence se orgulhou. "Você está indo muito bem para sua idade.

Muito bem de fato. É impressionante. Eu tinha pensado que com seu sangue misturado, a força vampírica se diluiria, mas ao invés disso está até mesmo mais forte."

"Vovô?" Schuyler perguntou hesitante enquanto o ajudava a colocar os volumes da enciclopédia de volta na prateleira.

"Sim?"

"Se vampiros podem fazer isso. Então por que precisamos ir a escola? Quero dizer, isso é mesmo necessário?"

—Claro, Lawrence respondeu. "O que estamos fazendo aqui é meramente

memorizar. A escola ensina um jogo inteiramente diferente de habilidades:

socialização, debates, aprender a se misturar com humanos. Não devemos nos alienar da corrente principal. Blue Bloods devem entender seu lugar no mundo antes de tentar mudá-lo. Você pode ser capaz de memorizar toda a enciclopédia, mas um cérebro sem coração e sem raciocínio...bem, nada é mais sem sentido". Schuyler começou a antecipar as provas todas as tardes. Lawrence presenteou-a com o mais difícil de todos no final da semana.

"Você já ouviu falar do glom," Lawrence disse. "A habilidade de controlar as mentes humanas."

"Sim." Schuyler disse. "Uma das mais perigosas artes, Priscilla DuPont falou. Melhor seria se não aprendessemos isso até termos idade apropriada." "Ridículo. Você precisa aprender isso agora, para proteger a si mesma dos

efeitos sedutores. Porque o glom também age nos Blue Bloods. É uma técnica perniciosa dos Silver Bloods."

Schuyler tremeu.

"Então você deve aprender como controlar isso, e defender a si mesma. Devemos tentar o primeiro, antes que eu possa te preparar para o segundo." Lawrence decidiu. "Existem quatro fatores para o glom. O primeiro é meramente telepatia. A habilidade de ler mentes. De ler os pensamentos dos outros, tem

que concentrar na energia deles- e se esforçar para entender sua fonte. Uma mente é como um quebra cabeças; você deve destranca-la para ler seus

segredos escondidos."

"Anderson, venha aqui por favor."

O cavalheiro vestido de branco entrou no cômodo. "Sim?"

"Anderson foi treinado para resistir ao glom. Ele tem que ser, se quiser ser um bom Conduit. Ninguém pode ter um assistente de vampiro corrompido."

Pelas próximas três horas, Schuyler sentou na ponta da mesa, Anderson sentou na outra. Lawrence segurou um cartão para mostrar a Anderson, e Schuyler tinha que adivinhar o que estava no cartão.

O que ele está pensando? Ela se focou no sinal dele, mas tudo o que conseguia era estática, um nevoeiro cinzento denso.

"Rainha de copas?" Schuyler perguntou.

Lawrence mostrou a ela o às de espadas. "Dez de paus?"

Três de ouros.

Então isso foi indo. O nevoeiro cinzento não saía dali. Schuyler se sentiu abatida. Depois do sucesso com a velocidade e o aminadverto, ela estava certa que saber administrar o glom seria fácil.

Andersos estava liberado, e Schuyler foi deixada sozinha com seu avô. "Essa é difícil." Lawrence a consolou,

Schuyler acentiu. "Mas parece tão fácil," ela disse, mencionando como podia ler a mente de Oliver sem problemas.

"Ele está desprotegido. Me lembre, temos que treiná-lo já que ele será um efetivo Conduit."

O esforço de dominar o glom tinha tomado muito de suas energias, e ela sentiu-se atordoada e cansou de repente.

"Você está bem"? O Lawrence perguntou, preocupado.

Ela balançou a mão. Schuyler nunca o admitia ao avô, mas às vezes depois de completar as provas, ela ficava tão fraca que mal podia ficar de pé.

VINTE E SEIS

O encontro entre eles no Repositório tinha sido puramente acidental. Schuyler estava lá para ler tantos livros quanto pudesse de acordo com as instruções de Lawrence e tinha ficado agradavelmente surpresa de encontrar Jack estudando em uma das mesas.

"Oh, oi." Ele deu um grande sorriso, passando uma mão pelo cabelo e gesticulando para que ela tomasse o assento em frente a ele. "O que você está

lendo? O Julgamento"? ele perguntou, mostrando a ela sua cópia.

Ela acentiu. Eles tinham sido designados para estudar o clássico de Kafka* na aula de Inglês. Era um dos vários livros que ela tinha em sua pilha.

"Boba história de amor, você não acha?" ele perguntou, passando pelas orelhas amareladas do livro, que Schuyler notou estava surrado e bem usado.

"História de amor?" Ela fez uma careta. "esse não é o livro sobre a tirania da

justiça? A natureza absurda da burocracia? Nós nunca sabemos sobre o que ele está querendo dizer, afinal de contas".

"Eu discordo. E já que Kafka nunca quis que o livro fosse publicado, quem

poderia dizer sobre o que realmente é o livro?" Jack perguntou num tom de provocação. " Li que isso é sobre sua corte e compromisso fracassado com Felice Bauer. O que significa que não é sobre a lei exatamente, mas sobre um homem que está frustradamente apaixonado..."

*Franz Kafka foi um dos maiores escritores de ficção da Língua alemã de século

XX.

"Oh, Jack..." Schuyler suspirou. Ela não estava certa se ele estava de gozação ou não, mas estava se divertindo com a brincadeira. Não estava muito claro até então se eles poderiam remendar a amizade, ou o que quer que tenha começado entre eles e que terminou tão de repente no último semestre. Mas parecia como se ele tivesse querendo tentar de novo. Não que isso significasse alguma coisa. Ele ainda era irmão de Mimi Force.

"Talvez meu livro tenha algo que o seu não tenha," Jack disse, fechando a capa

do livro. "Aqui, me deixa pegar o seu." Ele disse. "O seu tem uma capa melhor do que a minha."

Schuyler pegou o livro dele, inalando seu cheiro de mofo. Ela achou a página onde ela tinha parado e começou a ler.

Velho lugar enfadonho, Mimi pensou, enquanto seguia Kingsley escada abaixo no

Repositório de História, o quartel general do Comitê e da Biblioteca principal do coven localizada embaixo do Bloco 122, a casa noturna superexclusiva dos Blue Blood e seus convidados.

Kingsley tinha se tornado um amigo, alguém que compartilhava com o senso de maldade de Mimi. O incidente com o garoto na sacada tinha sido o início da

aliança entre eles. Kingsley representava tudo que Mimi admirava em um vampiro- o desejo de usar o poder.

Particularmente, ela concordava com Kingsley: o Comitê era muito cauteloso, e

ela rogou contra as regras limitadas. Por que não usar os poderes para dominar os humanos? De que adiantava ler a mente de alguém se não podia usar isso para ganhos materiais ou emocionais? Por que não se alimentar de mais de um humano familiar ao mesmo tempo? Por que não exibir seu estado superior em vez de tentar se misturar com o mundo mortal?

Ele tinha pedido para ela acompanhá-lo ao Repositório então ele poderia mostrar para ela uma coisa legal, mas ele tinha desaparecido dentro de umas pilhas para encontrar algo.

Ela olhou ao redor do comodo velho e cavernoso. Vários seres humanos patéticos, antigos conduits não há muito tempo unidos às famílias vampiras, trabalhavam diligentemente em seus gabinetes. Mimi sentou-se em um das grandes mesas de leitura no meio da sala, batendo os dedos impacientemente.

O som macio de uma conversa chegou as suas orelhas de atrás de uma fileira de livros.

"Não tem nada de amor aqui, Jack," uma garota estava falando.

"Talvez você é a única sendo absurda."

"Tem certeza? Você deveria olhar de novo, talvez você não esteja vendo isso de perto o suficiente," ele se opôs.

Mimi cerrou os dentes. Era o rato Van Alen de novo, falando com seu irmão. Ela se pôs de pé e limpou a garganta.

Jack e Schuyler imediatamente se afastaram.

"Eu, uh, te vejo depois," Schuyler disse, pegando seus livros e se mudando para uma mesa diferente, sem perceber que ainda estava com o livro dele.

"Oh, oi," Jack disse virando a cadeira para sorrir para sua irmã. "Eu nem ao menos sabia que você conhecia esse lugar."

"Não me subestime Benjamin Force. Para sua informação, sou uma tremenda leitora,"

Jack deu um grande sorriso. Mentiroso, ele mandou. Você é o mentiroso, ela mandou de volta.

Ele fez um gesto de conciliação. Me perdoe. Sempre. O rosto de Mimi era gentil.

Vou dar o fora. Te vejo em casa. Tchau.

Mimi viu ele sair, mas mesmo com o gentis pensamentos dele impressos na mente dela, ela não pode evitar se sentir confusa. Por que Schuyler ainda era um fator? Tinha alguma coisa naquela garota que continuava balançando seu

irmão, ela podia sentir isso. Ela podia sentir o desejo dele de se comprometer com o Enlace deles, mas era quase como se tentasse convencer a si mesmo de se apaixonar por ela contra a própria vontade dele. Por que? Não tinha sido

assim antes. Em todos os ciclos, os dois tinham reafirmado o Enlace sem nenhuma complicação.

Por um momento, a suprema autoconfiança afetada deixou o rosto de Mimi, e ela parecia como uma menininha perdida e espantada. E se ele me deixar? E se ele não renovar nosso Enlace quando chegar a hora? O que acontecerá conosco?

Mimi tremeu enquanto pensava em Allegra Van Alen, deitada naquela cama de hospital, praticamente morta para o mundo.

Ela não poderia deixar isso acontecer com os dois.

"Você parece como se tivesse visto um fantasma," Kingsley disse, colocando um livro grosso na frente de Mimi.

Mimi deu a ele seu maior sorriso desarmador. "Bem que eu queria." Ela olhou para o livro com uma capa de couro. "O que é isso?"

"É uma coisa que nós não deveríamos estar olhando. É um livro antigo sobre velhos feitiços proibidos. Você já ouviu sobre essa coisa de Croatan, certo- os Silver Bloods?" Kingsley perguntou.

"Sim," Mimi disse receosamente. "Mas eles não deveriam existir." "Certo," Kingsley. "Só porque eles não são mais obedientes."

"O que você quer dizer?"

"Silver Bloods costumavam ser os escravos dos Blue Bloods. Quando fomos sentenciados a passar nossas vidas imortais na terra, aqueles que ainda

seguiram a Lucifer foram subjugados por Michael e Gabrielle, por um tempo.

Nós os controlávamos, mas ele se levantaram contra nós e pararam de nos servir. Agora supõem-se que eles se foram. Mas tem um jeito de trazê-los de volta."

"O que você quer dizer?" Mimi perguntou, pensando que Kingsley estava sendo muito arrogante sobre esse tipo de coisa. Os Silver Bloods não eram algum tipo de piada, no final das contas. A maioria dos Blue Bloods não podiam nem mesmo

falar sobre isso.

"Não sei se gosto de ouvir isso," Mimi disse tremendo, "Muito sério para mim." "Ah, vamos, acho que poderia ser divertido," Kingsley disse. Ele usava "divertido"

para descrever todas as formas de travessuras. Era aparente que para ele, um sombrio e perigoso feitiço antigo era equivalente a dirigir uma Ferrari a 250 milhas por hora: provavelmente não uma grande idéia, mas uma que deveria ser

feita só para se dizer que fez.

"Ah." Mimi balançou a cabeça. Mas mesmo se ela não estivesse interessada

nisso, poderia haver mais alguma coisa que ela pudesse encontrar naquele livro que poderia ser útil.

Materia acerbus. Matéria sombria.

Ela virou a primeira página e começou a ler.

VINTE E SETE

Allegra Van Alen estava acordada. Ela estava sentada na cama. Seu liso cabelo loiro em cascatas sobre seus ombros e o roupão do hospital.

Seus olhos verdes abertos, selvagem e brilhantes.

Em uma baixa, assombrada voz ela falou. "Cuidado, Schuyler. Cuidado." Schuyler acordou de estalo. Ela encontrou-se na cama de hospital de sua mãe em

Columbia Presbyterian, mas não fazia a mínima idéia de como tinha ido parar lá. Tinha passado da meia noite, e a última coisa de que se lembrava era de adormecer enquanto lia um livro. Ela não tinha nenhuma memória de ter deixado

seu quarto, tomado o ônibus para a Rua 168ª, e chegar ao hospital. Ela deve ter andado como sonâmbula ou ter apagado como Bliss tinha descrito.

Ela olhou para sua mãe. Allegra estava dormindo embaixo dos cobertores,

silenciosa e pacientemente como sempre. Tinha sido somente um sonho? Mas parecia tão real. Sua mãe estava acordada, estava falando com ela. Ela disse que tomasse cuidado. Cuidado com o que?

"Mãe," Schuyler disse, afagando a bochecha fria de Allegra. A dor de perde-la nunca tinha ido embora. Schuyler beijou a testa de sua mãe e deixou o quarto, apagando as luzes.

No jantar na noite seguinte, Lawrence convidou Schuyler para jantar com ele no seu velho clube.

O Clube dos Aventureiros era uma organização de elite fundada por Blue Bloods,

na primeira parte do século XVIII, como ponto de encontro das pessoas que correm o mundo que estavam ávidos a documentar e compartilhar sua pesquisas e teorias dos fenômenos naturais e geográficos. Era uma casa bem localizada na cidade na Fifth Avenue, em frente do Clube do Knickerbocker e a minutos do Museu Metropolitano— duas associações Blue Bloods que tiveram de efetuar

uma política inclusora nos últimos anos e acomodar os Red Bloods em seus postos.

Mas o Clube dos Aventureiros ainda era um baluarte dos vampiros, talvez porque

os humanos não pareciam ser tão interessados em questões ambientais quanto nas questões sociais, e não havia nenhum status em se unir ao círculo de velhos aventureiros.

A sala de jantar estava cheia de membros de velhas famílias: os Carondolets estavam lá, bem como os Lorillards e os Seligmans, que, como os Van Alen, tinham mais histórias ilustres no passado do que na fortuna dos dias presentes.

Lawrence foi recebido pelo maitre e andou pela sala, apertando mãos e batendo papo antes que ele Schuyler estavam finalmente prontos para sentar.

O menu no 'Aventureiro' não havia mudado desde o século XIX. Sole meunière*. Filé Diane. Coelho assado.

Schuyler pediu o Sole, Lawrence optou pelo Filé.

O alimento chegou embaixo de bandejas de prata.

*Um clássico prato francês de um peixe chamado Solha com um molho marrom de manteiga.

"Voilà," o garçom disse, descobrindo os dois pratos ao mesmo tempo. "Bon appétit."

Enquanto Schuyler cortava o peixe, ela disse a Lawrence o que tinha acontecido na noite anterior. "Eu apaguei... acordei e estava no hospital, no quarto da mamãe," confessou.

"Apagões? O que quer dizer?" Lawrence perguntou, mastigando o filé.

"Você sabe, quando você perde a noção do tempo e então acorda e não sabe como chegou ali."

Lawrence abaixou a faca. "Eu conheço flashback de memórias. Mas vampiros estão sempre no controle quando revivem suas memórias."

"Sério? Schuyler perguntou.

Lawrence acentuou. "O que você está descrevendo é altamente incomum." "Incomum?" Schuyler pausou. Mas isso acontecia com Bliss o tempo todo, então não podia ser tão incomum. Ela contou ao avô o que Bliss tinha dito.

Lawrence digeriu a informação. "Talvez esta colheita de vampiros tem algo novo em sua maquiagem genética que causa isso. Eu não penso que é algo preocupante, mas me deixe saber se acontecer outra vez". Então suspirou e

abaixou o garfo. "Agora, tenho que te contar uma coisa".

Schuyler endureceu-se com a notícia que estava temendo desde que o dia que seu avô tinha retornado.

"O juiz concordou em ouvir a petição de Charles para adotá-la. A audiência será em um mês".

REGISTRO DO PACIENTE

Lar para a insanidade S. Dymphna

Nome: Margaret Stanford

Idade: 16

Admitida: 5 de Abril de 1869

CAUSAS:

Mostrar as prováveis causas da insanidade no paciente admitido. MORAL:

Aventura romântica com empolgação religiosa.

FÍSICO: Auto- abuso

Epilepsia

Suicida. Paciente encontrada com pulsos cortados uma semana antes da admissão por membro da família.

Entusiasmos ilusórios

HISTÓRICO FAMILIAR:

Nenhum sinal de demência ou histeria em nenhum membro da família. Filha única dos pais ainda vivos.

HISTÓRICO ANTERIOR:

A paciente queixa-se de dores de cabeça, pesadelos. Apagões. A paciente não tem nenhuma memória de certas ações. Uma aventura romântica com jovem impróprio citado na histeria. A paciente não estava grávida na admissão, contudo.

CONDIÇÃO PRESENTE:

Uma parte da entrevista de admissão com paciente:

"Parece tão real. Eu não posso escapar. Acordo e posso sentir isso nos meus ossos. Está vindo, e fala em meus sonhos. Sabe meu nome. Diz que é parte de

mim. Isso é tudo que eu posso lembrar-me. Me ajuda doutor, me ajuda. Preciso escapar. Necessito escapar dele".

VINTE E OITO

A inspiração para a sessão de fotos era " Talitha Getty em Marrakesh"*. Muita transparência, djeballas de linho, caftans de jeweled**, e o turbante ocasional oh, e os biquínis mais minúsculos de barbante possível. Mas de qualquer maneira, o assistente de moda encarregado da viagem tinha entendido mal e tinha reservado Montserrat*** em vez disso, então a ilha caribenha teria que ficar mais próxima da direção norte-africana.

* Talitha Getty foi uma modelo da década de 60, precursora do hippie chic, boho, euro-gipsy-glam e musa de saint-laurent. Introduziu aspectos da cultura do Oriente Médio na moda.

**** Vestidos assim :**

http://www.neimanmarcus.com/products/mx/NMT27BH_mx.jpg

******* Uma ilha pertencente a Gra-bretanha na área do Caribe. O que ela quis dizer é que escolheram uma ilha caribenha para tirar fotos com roupas inspiradas no oriente médio.

Não que alguém parecesse se importar- todo mundo amava praia.

Bliss tinha recebido uma ligação da Farnsworth Models na quinta-feira, tomou um avião na sexta, e chegou à praia no por do sol. Schuyler também tinha sido escolhida, depois da escolha da Chic por duas belidades russas- tinham descoberto que os vestidos delas tinham expirado e não seriam capazes de

retornar ao seu país.

A diretora de moda da Chic, Patrice Wilcoz, era uma mulher severa que vestia da cabeça aos pés de preto, mesmo no calor tropical. Recebeu os modelos e a tripulação com um sorriso tão magro quanto sua aparência. "Isto não são férias, pessoal. Isto é trabalho. Espero que todo mundo esteja em ponto às oito horas amanhã de manhã".

No entanto, mesmo com avisos terríveis de Patrice, não havia como negar—a sessão de fotos era férias. Enquanto ela dava seu discurso sobre pontualidade, Jonas, o fotógrafo Blue Blood famosamente incorrigível, girava os olhos atrás das suas costas. "Margaritas no bar em cinco minutos," ele gesticulou com os lábios. A meia noite todo o pessoal, exceto o diretor de moda, incluindo as duas assistentes de Jonas- umas meninas fofas da Escola de Design Rhode Island- um grupo de modelos que não tinham mais de dezoito anos e Schuyler e Bliss estavam num bar a beira mar, fazendo uma batida.

Bliss e Schuyler impressionavam o Red Bloods no meio da galera com suas habilidades de beber qualquer coisa que estava em cima da mesa. Genes vampiros.

Schuyler olhou para a praia escura, toda a lua brilhando por sobre o contorno de toda a costa e a suave batida da onda. Era deslumbrante. Tinha chegado cedo, em parte esperando ser cumprimentada por Jack Force. Mas ele não estava

entre os modelos masculinos, e ela sentiu um fosso de decepção com sua ausência.

Mas enquanto ela o desejava lá, sentiu um empurrão macio no seu cotovelo, e lá estava Jack no banquinho ao lado.

"O que você está bebendo"? ele perguntou. "Nada muito absurdo, eu espero," disse, como se tivesse sido somente ontem que tinham falado no Repositório.

"É um concoction horroroso. Algum tipo de rum de coco e suco de abacaxi, mas não é uma piña colada. Quer provar"? ela ofereceu, passando para o copo.

Jack tomou um gole e fez uma careta. "É horroroso".

"Te disse".

"Vou pedir um," disse ao garçom.

"Bravo homem," ela disse, cumprimentando-o com o copo. Jack mexeu sua bebida.

"Como está Lawrence"?

"Está bem". Schuyler se perguntou se Jack sabia sobre seu pai querer adotá-la. Mas não quis trazer à tona um assunto tão desajeitado.

"Você ainda acredita que eles retornaram"? Jack perguntou, se referindo aos

Silver Bloods.

"Tenho que acreditar," Schuyler disse simplesmente. "É a única explicação para

Dylan—para o que aconteceu com Cordelia".

Jack olhou para seu copo e o sacudiu então os cubos de gelo se chocaram. "O Comitê não acredita nisso. A crise em Roma foi abatida, Lúcifer foi destruído pelo próprio Michael. Não há nenhuma maneira que eles pudessem voltar".

"Sei". Ela olhou para os resíduos de sua bebida. "Mas acho que O Comitê está errado".

Jack pareceu que estava para responder, mas uma voz rouca chamou do outro lado do bar, onde um jogo com bebidas estava rolando.

"Schuyler! Jack! Precisamos mais 2 remos para os Mestres Vikings, vamos lá!" No dia seguinte, a equipe inteira caminhou a uma reserva natural escondida num lado isolado da ilha. A tripulação tinha montado tendas de maquiagem para

proteger os modelos do calor. Bliss emergiu de sua cabana usando um biquíni zebra-desnudado com conchas de cowrie* em seus laços de barbante, um caftan sedoso transparente, e sandálias de cordão cravejadas de pedras.

"Onde estão os papagaios? Jonas perguntou atrás da câmera.

O fotógrafo chamou Bliss para segurar dois grandes, brilhantemente e plumosos

Scarlet Macaws** um em cada braço, em homenagem aos que Talitha tinha possuído.

O treinador dos animais liberou os pássaros, mas nenhum dos dois cooperavam

com nenhum dos seus comandos. Um empoleirou-se na cabeça de Bliss enquanto o outro voou ao redor dela, grasnando altamente.

O treinador finalmente pode libertar Bliss das garras dos pássaros, e Jonas

começou a tirar as fotos de Bliss embaixo de uma árvore, ao lado dos pássaros.

*Daquelas usadas no jogo de búzios, fechadinhas.

**** Tipos de papagaios.**

"Graças à Deus que já acabou," Bliss se queixou enquanto andava cuidadosamente nas costas altas de grama de volta ao refúgio da tenda de

maquiagem.

Schuyler foi chamada logo. Usava um maiô preto da Gucci, uma peça única que só podia ser descrita como duas tiras de tecido na parte de cima da frente,

culminando num V minúsculo na parte de baixo. O estilista tinha colado o tecido

ao seu peito, mas ela ainda não podia ajudar mas podia sentir-se como se estivesse nua.

"Vamos fazer um tipo 'Lagoa Azul' ou algo assim, " Jonas explicou. "Quero um clima quente.Fumegante. Sexy. Mas inocente".

Schuyler entrou facilmente na piscina fria embaixo da cascata. "Pronto"? Jack Force perguntou do outro lado da piscina.

Ela assentiu. Ela soube que eles iam ser parceiros na foto, mas a visão de Jack, do corpo atlético, no seu calção de prancha de Vilbrequin* de cóis-baixo, faziam-na ficar vermelha.

Especialmente quando Jonas os pediu para ficarem mais próximo. "Você não me ouviu? É a 'Lagoa Azul'! São obcecados um pelo outro! Tentem mostrar isso! Jack, ponha a sua mão na coxa dela. Schuyler, arqueie as costas, movimento de

modo que o seu corpo esteja próximo ao dele. Aí. Mais assim".

* Aqueles shorts floridos que os sufistas usam.

"Desculpe," Jack disse, quando se aproximou de Schuyler.

"Tudo parte de um difícil dia de trabalho, suponho," Schuyler disse, tentando não deixa-lo saber o quanto sua presença a afetava.

A câmera estalou. "Próximo"! Jonas gritou.

Aquela noite, quando Jonas levou toda a equipe para jantar num restaurante ao

ar livre, Bliss encontrou-se assentada ao lado de Morgan, o assistente de foto seriamente fofo. Morgan tinha dado muita atenção a ela todo o fim de semana. Era um estudante universitário de RISD*, dezenove anos, e tinha um arsenal de más piadas que fizeram Bliss dar risadinhas mesmo assim. Despejava bebida atrás de bebida, não compreendendo que Bliss era imune a efeitos do álcool. Bliss recostou-se na cadeira de vime e cobriu os seus pés. Depois de meses de inverno em Nova York, ela sentia-se livre aqui, com a brisa fria do oceano soprando no seu cabelo, sem pais para implicar, e melhor ainda—nenhum pesadelo desde que tinha chegado na ilha.

*A Escola de Design de Rhode Island

"Quer dar uma caminhada"? ele sugeriu.

Bliss concordou. Um "passeio na praia" soou bastante desconfiado. Não era só um jeito legal de dizer "Quer ficar?"

Andaram de mãos dadas na praia, Bliss molhando os pés nas ondas e sentindo a água fria sobre a sua pele.

As luzes do hotel ficavam mais e mais longe. "Morgan é um nome de menina," implicou.

"É mesmo"? ele perguntou, abraçando-a e puxando-a ao chão.

Bliss fingiu lutar enquanto ele puxava seus braços. "Você não vai escapar de mim," disse.

"Não"?

O rapaz começou a beijá-la, e Bliss o beijou de volta. Isto era diferente de beijar Dylan, ou de beijar Kingsley, ela pensou. Ele era um ser humano. Um Red Blood. Ela podia sentir o coração dele golpeando no peito, cheirou a sua essência humana. E repentinamente, soube o que estava prestes a fazer.

Ele tirou a camisa e o arremessou longe. Bliss o ajudou a desabotoar a camisa dela. Seu corpo inteiro formigou quando ele escorregou uma mão embaixo da parte de cima do seu biquíni e desatou os barbantes. Ele estava se movendo tão rápido...mas então, ela também.

Ela o rolou de modo que se sentou em cima dele, seus joelhos pressionavam a areia de ambos os lados dos seus quadris.

"Legal," ele disse, admirando Bliss montada em cima dele, de topless no luar.

"Você acha"? ela perguntou timidamente. Então ela dobrou a sua cabeça para baixo, beijando a linha escura do seu tronco, até o peito, então no pescoço, na mancha quente embaixo do queixo. Ela beijou-o lentamente com a língua.

Ele suspirou e segurou a cabeça dela com as mãos, pressionando-a mais próxima dele.

E foi quando ela deu uma mordida nele com suas presas e começou a se alimentar....

VINTE E NOVE

O Comitê dizia que tudo que necessitava para aprender sobre vidas passadas era sentar-se numa cadeira, fechar os olhos, e meditar, deixando a mente

perambular nos corredores intermináveis da memória, lendo com atenção um catálogo de mil vidas. Na privacidade escura do quarto, Mimi aconchegou-se no

seu divã de princesa, colocou uma máscara de pele sobre os olhos, e começou a se concentrar.

As visões não podiam estar mais claras. Cada interação de seu passado mostrava

a mesma história: ela e Jack juntos, felizes, ligados, apaixonados. Ela analisou a história do recente passado deles: Plymouth, Newport, mas nem tempo nem lugar ofereceram uma pista.

Tentando ao máximo, ela não podia achar uma razão para a retirada, para a dúvida, para a hesitação que vinha dele. Ou podia?

Com um choque ela lembrou-se do olhar no rosto dele no Baile dos Four

Hundred. Aquele olhar de total e completa adoração. Naquela hora ela tinha tentado dissolver isso como mera paixão louca. Nada mais que mera curiosidade mesmo. Isso foi estúpido da parte dela. Tinha permitido se cegar por seu orgulho. Tinha negado por muito tempo. A resposta estava na frente dela desde o começo.

Schuyler Van Alen.

A pequena meio-sangue. Ou mais corretamente, uma Blue Blood sem passado. Um novo espírito. Isto era uma anomalia no universo deles. Isto era o fator desconhecido que mantinha Jack fora equilíbrio. Como ela não podia ter visto isso antes?

Schuyler nunca tinha existido em seu mundo até agora. Só agora...neste ciclo. E

só agora, neste ciclo, o Enlace entre Jack e Mimi estava sofrendo dúvidas.

Ele se sentia atraído por Schuyler—como ele uma vez se sentiu por Gabrielle. Mimi arrancou sua máscara de supetão jogando-a longe no quarto, quase

batendo em sua cadela, Pookie, que choramingou.

Gabrielle. Era sempre Gabrielle. Mesmo antes da Queda, tinha sido assim. Gabrielle, A Virtuosa, A Mensageira, um Arcanjo de Branco, a que traria notícia

de salvação. Mimi e Jack eram Anjos dos Submundos, seus destinos eram de escuridão e justiça, lembrar ao homem de sua mortalidade. Mas Jack, Abbadon, sempre tinha sido atraído pela Luz. Sempre tinha sido atraído pelo poder Branco.

E todo o mundo dizia que ela era a ascensora social? Mimi pensou.

Através dos séculos, Mimi sabia que Jack se sentia insatisfeito com seu título, se sentia desconfortável com sua posição —o Anjo de Destruição. Jack nunca

fugiria de suas responsabilidades, Mimi conhecia seu gêmeo muito bem. Ela apenas desejava que ele aceitasse o mundo como foi feito em vez de aspirar

algo maior. Foi isso que os colocou em problemas em primeiro lugar. Tinham seguido Lúcifer durante sua ascensão, Jack pensando que se pudesse brilhar como o sol, como Gabrielle. Ele ganharia a mão dela. Mas Gabrielle o tinha menosprezado então, e mesmo quando ela abandonou Michael na terra ela se

virou para um ser humano ao invés de Abbadon da Escuridão.

Não havia segredos entre os gêmeos Force. Mimi tinha aprendido viver com o fato que o rosto de Gabrielle tinha assombrado os sonhos de Jack por milênios. Mas agora o poder de atração tinha se transferido de mãe para filha, e isso ela não podia aceitar.

Mimi sabia o que tinha que fazer. Para salvar o Enlace, para salva-los. Ela tinha que destruir Schuyler Van Alen.

TRINTA

O golpe na porta era insistente, sacudindo as paredes finas do hotel a beira-mar. O som quebrou o silêncio da alvorada. Era quase cinco de manhã.

"Schuyler! Schuyler! Acorde!"

Schuyler tropeçou para fora de cama e abriu o vão da porta. Viu Bliss parada no corredor parecendo apavorada, ainda usando seu traje da noite anterior, o

cabelo em desordem.

Schuyler destrancou a corrente da porta e abriu completamente. "O que?"

"Oh meu Deus, Schuyler, você tem que me ajudar, eu estou com um problema

enorme, oh merda, é mau, acho que ele está morto," Bliss disse, sacudindo incontrolavelmente.

Schuyler imediatamente acordou. "Morto? Quem está morto?"

"Morgan—o assistente—eu...venha rápido".

Enquanto Schuyler corria praia abaixo com ela, Bliss contou a história. " Eu fiz.

Fiz a Cerimônia Oscular. O Beijo Sagrado. Eu não sei, só senti de fazer. Eu queria fazer, sabe? Estava odiando ser a única em nosso ano que não tinha feito. E foi

bom, foi demais, ele pareceu realmente gostar—mas então, eu não sei, acho que

eu fui longe demais. Oh merda, Schuyler, se O Comitê descobre, estou em enorme, enorme, enorme problema".

Bliss levou Schuyler aonde ela e Morgan tinham saído, numa isolada área

embaixo de árvores de palma, atrás de uma duna.

O rapaz estava deitado de rosto para cima na areia, sangue ainda goteja das duas picadas pequenas no seu pescoço.

"Ele não está respirando," Bliss disse nervosamente. "Acho que fui longe demais".

Schuyler ajoelhou-se tomou seu pulso. "Não há nenhum pulso".

"Oh meu Deus, eles me matarão! Nenhum ser humano jamais foi matado numa Cerimônia! Jamais!"

"Shhh...me deixe pensar. ...Jack. Precisamos chamar o Jack," Schuyler decidiu. "Jack? Por que?"

"Porque ele fez isto antes. Morgan talvez não esteja morto. Talvez isto é o que acontece a Red Bloods depois do ritual. Talvez Jack saberá algo que nós não sabemos."

Jack estava na porta, plenamente vestido e bem acordado antes que Bliss terminasse de bater. Schuyler maravilhou-se com a velocidade. Ela apostaria que ele teria um dom natural na prova de Velocidade. Ela não tinha pensado em usar

a velocidade de vampiro de tal modo—ela ainda vestia o pijama. Jack escutou a história de Bliss e estava ao lado do rapaz em segundos.

Ajoelhou-se na areia e tomou o pulso de Morgan pressionando dois dedos contra o seu pescoço. "Está aí...Você pode percebê-lo, muito fraco, mas está aí".

"Oh graças à Deus," Bliss disse, afundando no chão em alívio.

"Então ele ficará ok?" Schuyler perguntou.

"Ficará bom." Jack disse. "Ele talvez não se lembre do que aconteceu, mas quando acordar, ele a procurará. Se sentirá atraído por aquela que o marcou".

"Por que?"

"O Beijo Sagrado cria um Enlace. Significa que ele é seu. Nenhum outro vampiro pode tomá-lo. Quando você o tomou, seu sangue misturou com o dele, e será

um veneno para qualquer outro Blue Blood". Bliss e Schuyler absorveram a informação.

"Então é como meu namorado"? Bliss perguntou, sem ter certeza se realmente queria.

"Se você quiser," Jack assentiu. "Não é uma coisa casual, você sabe. Significa algo. Para ambas as partes."

Bliss corou. "Eu..."

"Está tudo bem," Jack disse. Ele levantou o rapaz. "Vamos apenas leva-lo de volta para o quarto. Ele provavelmente vai pensar que tem uma enorme ressaca de manhã".

"Obrigada, Jack," Schuyler disse, quando Morgan e Bliss estavam em segurança em seus quartos. Ela colocou uma mão de leve no antebraço dele para mostrar o

quanto suas ações daquela noite tinham significado para ela.

Jack sorriu, seus olhos verdes brilhando na luz indistinta.

Schuyler pensou que ela nunca tinha visto ninguém tão calmo sob pressão. Ele tinha sido uma influência tão estabilizante, um líder natural, aliviando a ansiedade de Bliss e tomando tal cuidado de Morgan. Ele colocou sua mão esquerda em cima da de Schuyler. "A qualquer hora. E diga a Bliss para não se preocupar. Todos cometemos erros."

A pele dele estava quente e lisa ao toque, e Schuyler pensou que eles podiam ficar assim para sempre, chegando a entrada do quarto dela. Mas Jack retirou a

mão primeiro, e ela relutantemente tirou a dela também.

"Bem...boa noite," Jack resmungou, assentindo à alvorada que lentamente abria as nuvens. Ele começou a ir embora, suas pegadas macias no chão de madeira.

"Noite, "Schuyler cochichou. "Doces sonhos?"

"Pode apostar," Jack respondeu.

Schuyler riu suavemente para si mesma enquanto destrancava a porta. Ela não tinha intencionado que Jack ouvisse suas últimas palavras, mas não havia

nenhum segredo para um vampiro com uma audição extrasensível.

Mais tarde naquela manhã, Schuyler e Bliss compartilharam um táxi ao

aeroporto. O voo estava programado para as oito, e as duas tinham tido só duas horas de sono no final das contas.

"Você está bem"? O Schuyler perguntou.

"Deus, eu preciso de um cigarro," Bliss disse, procurando desajeitadamente em sua bolsa. Tirou um e acendeu, abaixando a janela ao mesmo tempo. "Quer um"?

Schuyler sacudiu a cabeça.

"Não tenho certeza," Bliss admitiu. "Eu tipo queria ter esperado. Eu só senti de fazer. Sabe? Mimi fala sobre isso o tempo todo- e todas aquelas outras meninas,

elas sempre vangloriam-se sobre seu familiar. E me senti estúpida, eu não sei, virgem ou algo assim".

"Então como foi?" Schuyler perguntou. "Honestamente"?

"Sim".

"Foi magnífico. É como se você devorasse a alma dele, Schuyler. Pude sentir o gosto da ...existência dele. E então me senti grande, sabe. É alto. É apressado. Sei por que as pessoas fazem isso agora," Bliss confessou.

O táxi estacionou, e as meninas olharam uma vista das águas tranquilas do Caribe. Era uma visão espetacular, mas ambas estavam alegres de voltar às ruas cinzentas e sujas de Nova York.

"Eu não fiz ainda," Schuyler confessou, inspirando profundamente. "Você irá," Bliss disse, soltando suas cinzas para fora da janela.

"Mas aprende isso comigo quando for tomar um familiar, assegure que ele tenha alguma importância para você. Sinto um empurrão em direção a Morgan, e eu não quero. Nem conheço ele direito".

REGISTRO DO PACIENTE

Lar para a insanidade S. Dymphna

Nome: Margaret Stanford

Idade: 16

Admitida: 5 de Abril de 1869

HISTÓRICO ANTERIOR:

Recomendada terapia de isolamento, em 30 de Abril de 1869. Paciente indiferente. A terapia de isolamento não mais recomendada, em 23 de maio de

1869.

A paciente continua a ter delírio, ilusões, pesadelos.

Tendências suicidas mais pronunciadas.

A paciente é violenta, perigosa para si e para outros. Recomendada transferência a total-segurança.

CONDIÇÃO PRESENTE:

Uma semana antes da paciente ser transferida, ela começou a responder ao tratamento. A paciente foi permitida a permanecer em nossas dependências durante várias semanas, sem que nenhum sinal de ilusões, histeria, e demência fossem observados. A paciente responde bem a perguntas e parece plenamente ter se recuperado.

Recomendada liberação à família em três meses se progresso continuar.

TRINTA E UM

Todo Dia do Namorados, o conselho de estudantes patrocinava uma arrecadação de fundos no feriado vendendo rosas que seriam entregues nas classes.

As rosas vinham em quatro cores: branco, amarelo, vermelho, e cor-de-rosa, e as sutilezas de seu significado eram analisadas pela população feminina com

uma finalidade. Mimi sempre entendia assim: branco para amor, amarelo para amizade, vermelho para paixão, e cor-de-rosa para uma paixão secreta. Todos os anos no Dia dos Namorados, Mimi era o recebedora do maior e a mais

elaborado dos buquês. Um de seus humanos familiares uma vez tinha comprado cinco dúzias de rosas vermelhas para declarar sua devoção eterna.

Mimi empoleirou-se no banquinho do laboratório, sua primeira classe essa manhã, e esperava pelo maremoto de flores.

Os lacaios do conselho de estudantes chegaram com seus baldes de flores. "Feliz

Dia dos Namorados"! eles disseram olhando para um aborrecido Sr. Korgan. "Andem logo, acabem com isso." Ele queixou-se.

Muitos das meninas receberam vários buquês pequenos—a maioria eram rosas

amarelas, que significava dizer que as meninas tinham gastado seu dinheiro umas com as outras, dessa forma as meninas se faziam sentir melhores por não ter um namorado em um dos mais sagrados feriados.

Schuyler, sentada em sua mesa usual—tinham girado em volta de modo que estivesse com Oliver outra vez—aceitou um buquê amarelo bonito. Oliver tinha enviado um no ano passado também, e suficientemente seguro, o cartão que

acompanhava tinha sua caligrafia.

"Obrigada, Ollie," sorriu, inalando as flores frescas.

"E aqui está um para você, Sr. Hazard-Perry," a caloura que fez a entrega disse, passando o buquê de rosas cor-de-rosa. Oliver mudou de cor.

"Cor-de-rosa"?

"Uma paixão secreta"! Schuyler provocou. Tinha decidido enviar-lhe as flores cor-de-rosa já que eles sempre trocavam rosas amarelas, e ficava muito

previsível. Por que não temperar o clima um pouco.

"Ha. Certo. Sei que elas são suas, Sky," Oliver disse, arrancando o cartão do topo. Leu em voz alta: "Oliver, você vai ser meu namorado secreto? Com amor, Sky". Ele colocou de volta o cartão no envelope e não pode olhar para Schuyler durante um momento.

Schuyler quis perscrutar dentro da sua mente. Tinha sido bem-sucedida em realizar o primeiro fator da glom-telepatia— mas Oliver estava tendo lições

também, e logo que tinha dominado o antídoto para a telepatia—occludo, que

significa fechar sua mente de influência externa—Schuyler não podia ler a mente dele mais.

Bliss, que sentava-se com Kingsley, recebeu dois buquês vermelhos de tamanho

semelhante. "Ah, estou vendo que tenho um rival," Kingsley disse.

"Que nada. É de algum rapaz eu sequer conheço," Bliss resmungou. Era claro que o segundo buquê era de Morgan, que tinha mandado as flores diretamente

do seu dormitório em Rhode Island.

"Você está sempre na minha mente. Amor, M." estava no cartão.

Kingsley passou seu buquê a ela pessoalmente. "Queria que fossem verdes, elas serviriam melhor. A cor combina com seu cabelo".

"Está legal," Bliss murmurou. Ela ainda não sabia como se sentia sobre Kingsley.

Estar com ele parecia como que trair a memória de Dylan.

Distribuídos todos os buquês de meio-tamanho, os mensageiros florais agora traziam os grandes. As três ou quatro dúzias em um mega-arranjo, rosas do escarlate mais profundo, pareceu ter nome de Mimi Force em seus cartão. Logo, a área ao redor de sua escrivaninha pareceu uma casa funerária.

"Olha só como é isso," Sr. Korgan resmungou.

"Espera temos mais um," o entregador disse, trazendo o que era seguramente o buquê mais caro de todos: um arranjo de três pés de altura de duzentas rosas

brancas, na cor mais pálida de marfim. Todas as meninas desmaiaram. Quase

nenhum rapaz comprava rosas brancas. Era um grande um sinal de compromisso. Mas este praticamente tinha um coração capturado.

O entregador colocou o buquê na frente de Schuyler.

Mimi levantou uma sobrancelha. Ela sempre tinha ganhado a loteria de rosas. Sobre o que era isso tudo?

"Para mim"? Schuyler perguntou, pasma pelo tamanho da coisa.

Tomou o cartão do talo mais alto.

"Para Schuyler, que não gosta de histórias de amor. Não tinha assinatura.

Mimi resplandeceu em seus buquês vermelhos; as flores pareceram murchar um pouco em seu olhar. Ela não precisava adivinhar quem tinha enviado as

deslumbrantes flores brancas para a pequena besta. Branco para luz. Branco

para amor. Branco para sempre.

O tempo para seu plano estava à mão.

Quando ela andou para a escrivaninha de Schuyler, ela fingiu tropeçar, e pegou um fio de cabelo escuro de Schuyler com seus dedos quando se firmou na

cadeira de Schuyler. "Ai"! Schuyler uivou.

"Se liga," Mimi disse, o fio de cabelo nas mãos. Não demoraria muito agora.

TRINTA E DOIS

Depois de dominar o primeiro princípio do glom, Schuyler tinha ido para o segundo princípio: sugestão. O segundo princípio era a capacidade de plantar uma semente de uma idéia em outra mente.

"É como empurrarmos os Red Bloods para se esforçar pela excelência, a arte, e beleza," seu avô revelou. "Usamos a sugestão. É uma ferramenta útil. A maioria

das pessoas não gostam de pensar que suas idéias não são suas, então nós os

sugerimos em vez disso. Se nós não fizéssemos, os seres humanos nunca teriam tido o New Deal, Seguro Social, nem mesmo Centro de Lincoln".

A sugestão era ainda mais complicada que a telepatia. Lawrence explicou que

tinha que ser feito sutilmente, então o ser humano não ia se sentir como se fosse manipulado.

"A publicidade subliminar foi inventada por um de nossa

espécie, naturalmente, mas quando os Red Bloods a descobriram, eles

imediatamente proibiram seu uso. Uma pena".

Uma noite antes, Lawrence tinha pedido que sugerisse algo a Anderson. Depois de várias horas que Schuyler tentou não só achar o sinal de alvo, mas enviar algo a ele, Anderson repentinamente levantou-se e disse que queria uma xícara de chá, e alguém mais queria uma?

Quando ele saiu, Lawrence olhou para a neta. "Foi você, não foi"? Schuyler assentiu. Tinha tomado quase toda sua força enviar uma petição

simples.

"Bom. Amanhã mudaremos de delicadezas da tarde para questões mais importantes.

No dia seguinte na escola, o esforço que tinha tomado executar a sugestão mostrou efeito em Schuyler. Enquanto andava pelos corredores de trás depois do

terceiro período, ela repentinamente começou a sentir-se tonta. Ela desmaiou e teria caído escada abaixo se Jack Force não estivesse lá para pegá-la.

"Segura firme," ele disse. "Você está bem"?

Schuyler abriu os olhos. Jack a estava olhando preocupado. "Eu só perdi o equilíbrio...desmaiei".

As meninas na escadaria atrás dela trocaram sorrisos. Desmaio era uma ocorrência regular na escola, e um sinal denunciador de anorexia. Claro, Schuyler Van Alen estava sofrendo de uma desordem alimentar. Todo mundo podia dizer que a cadela era magra demais.

"Me deixe te levar para casa," Jack disse, levantando-a.

—Não—Oliver—meu conduit—pode...e realmente, isso não é nada, eu tenho trabalhado muito com o glom," disse, meio delirante.

"Acho que Oliver está fazendo uma apresentação na aula de inglês," Jack disse. "Mas posso chama-lo se você quiser".

Schuyler sacudiu a cabeça. Não, não era justo pedir que Ollie tirasse uma nota ruim só porque sentiu-se doente.

"Vamos lá, me deixa te colocar num taxi e leva-la para casa em segurança". Lawrence escrevia no estúdio quando Hattie bateu na porta. "Senhorita Schuyler está de volta, senhor. Parece que teve um episódio na escola".

Ele desceu as escadas e encontrou Jack Force segurando Schuyler nos braços. Jack explicou que Schuyler tinha caído no sono no taxi a caminho de casa. "Sou Jack Force, a propósito," disse se apresentando.

"Sim, sim. Sei quem você é. Somente a ponha em um sofá, " Lawrence instruiu, dirigindo Jack para a sala de estar. Jack colocou Schuyler suavemente num divã

e Lawrence a cobriu com um cobertor de lã.

A pele de Schuyler estava tão pálida de transparente, e seus cílios escuros estavam molhados contra a bochecha. Inspirava irregular, ofegante. Lawrence

pôs a mão fria sobre a testa quente dela e pediu a Hattie para trazer um termômetro. "Ela está queimando," disse numa voz tensa.

"Ela desmaiou na escola," Jack explicou. "Parecia bem no taxi, e então disse que sentia-se sonolenta, e...bem...você pode ver". A expressão de Lawrence era profunda.

"Ela tem trabalhado no glom, ela disse". Jack olhou agudamente para Lawrence com o canto dos olhos.

"Sim, estamos praticando". O Lawrence assentiu. Sentou-se perto da neta e suavemente inseriu um termômetro entre seus lábios secos.

"Isso é contra regras de Comitê," Jack falou.

"Eu não me lembro de você cuidar muito das regras, Abbadon," Lawrence disse. Nenhum deles tinha reconhecido sua amizade anterior até aquele momento.

"Justo você, que ficou conosco em Plymouth com grande custo a sua própria reputação".

"Os tempos mudam," Jack murmurou. "Se o que você diz é verdade, então ela tem enfraquecido pela sua própria mão".

Lawrence retirou o termômetro de boca de Schuyler.

"44 graus," disse com prática. Uma temperatura que certamente soletraria morte iminente ou estrago permanente a um mortal. Mas Schuyler era um vampiro, e estava ainda dentro de um alcance aceitável para sua espécie. "Um pouco alto, talvez," Lawrence pronunciou. "Mas nada que um descanso bom não cure". Alguns minutos mais tarde, Schuyler despertou e encontrou Jack e seu avô olhando-a entusiasticamente. Ela tremeu embaixo do cobertor de lã e o puxou ao redor dos ombros apertadamente. "Minha cara, isto já aconteceu antes"?

"Às vezes," Schuyler reconheceu suavemente.

"Depois das lições?"

Schuyler assentiu. Ela não tinha admitido, porque quis que as lições continuassem.

"Devia ter visto isto. A primeira vez que aconteceu— quando você entrou em hibernação foi dias depois que você me perseguiu em Veneza, não foi"?

Schuyler assentiu. Lembrou-se do que a Dr.Pat tinha dito: Às vezes é uma reação demorada.

Eu tinha imaginado por que você está tão fraca," Lawrence disse. "Eu me castigo por não ter compreendido o problema mais cedo. É simples. Ao exercitar seus poderes de vampiro, suas células Blue Bloods estão trabalhando em demasiado,

e já que suas células Red Bloods não estão elevadas por causa da natureza misturada de sua composição sanguínea- sua energia decai. Só existe uma única solução para manter suas contagens de sangue no alcance normal. Você deve

tomar um humano familiar".

"Mas tenho nem sequer dezoito anos," Schuyler protestou, citando a maioria para o Beijo Sagrado. "Eu tava meio que planejando esperar".

"Isto é sério, Schuyler. Eu já perdi sua mãe para um coma, eu não quero perdê-

la também. Enquanto você possui certos poderes especiais que vampiros da sua idade sequer nem sonhariam ter, de várias maneiras, você está também muito

mais fraca que um Blue Blood da sua idade. Você não pode escapar do progresso

da transformação, mas pode controlar alguns de seus efeitos mais adversos. Deve tomar um familiar antes dos dezoito. Um rapaz humano. Para o própria segurança".

Jack limpou a garganta, e Schuyler se surpreendeu de ve-lo ali. Ele tinha estado tão quieto durante o discurso de seu avô.

"Acho que vou andando, Lawrence. Schuyler".

A porta do cômodo se abriu assim que Jack estava para sair.

Oliver Hazard-Perry ficou na entrada, olhando nervosamente ao ver Jack. "Ouvi dizer que Schuyler teve que vir para casa. Estava preocupado, vim logo que pude".

Os três vampiros olharam-no, todos com o mesmo pensamento em suas mentes. Oliver era um rapaz humano. Um Red Blood. E Schuyler necessitava de um familiar....

"O que"? Oliver perguntou, quando ninguém disse nada. "Cheiro mal ou algo"?

TRINTA E TRÊS

Estava na hora de colocar o plano em prática. As rosas tinham sido a gota d'água. Não era só isso—seu irmão tornando-se mais e mais arrojado na sua busca pela meio-sangue. Ele dificilmente tentava disfarçar o fato de que demava horas no corredor de fora da sala de aula de Schuyler, ou que tinha começado a frequentar a biblioteca da escola ou o Repositório para pegar uma olhada dela. Mimi mesmo pegou os dois desavergonhadamente flertando em público! No

outro dia um amigo contou a ela que tinha visto Jack sair da escola com Schuyler nos braços! Não que Mimi tivesse acreditado nisso. Mimi desenhou o pentagrama

como o livro tinha instruído, com um giz branco pequeno no chão de madeira de lei loiro pálido. Então colocou os ingredientes necessários juntos numa tigela de

aço pequena em sua mesa: verbena, baía, um grupo de tiger lilies*, manjerição, um coração de sapo, e uma asa de morcego. A mistura se sobressaía entre as muitas garrafas de cristal de perfume e loções francesas caras.

Acendeu uma vela e tirou uma chama dela com um pau de alecrim. Ela apagou a vela como mandado e jogou a erva ardente na tigela.

Uma chama roxa alta estourou.

Mimi olhou-se no espelho e ficou surpresa ao ver aquilo no quarto, onde apenas momentos antes estava cheio da luz do sol da tarde, estava agora tudo preto,

exceto pela luz saindo da tigela.

* Um tipo de flor

As suas mãos tremeram levemente quando abriu um envelope pequeno de plástico que continha o cabelo de Schuyler Van Alen. Ela sacudiu para fora o conteúdo

e o segurou em sua mão.

O livro instrua a jogar o cabelo na chama, enquanto dizia as palavras que venceria seu inimigo. Mimi fechou os olhos e arremessou no fogo.

"Eu, Azrael, comando os espíritos. Anule o poder da minha rival."

"Eu, Azrael, comando os espíritos. Anule o poder da minha rival." "Eu, Azrael, comando os espíritos. Anule o poder da minha rival".

"MIMI"! A porta voou. Charles Force parou na entrada. Com uma onda da sua mão, ele extinguiu a chama roxa brilhante.

Mimi abriu os seus olhos e ofegou. Tentou em vão limpar os vestígios do pentagrama com o pé. " Eu estava somente curiosa," explicou. "O Comitê nunca nos deixa fazer algo...."

Ele andou até seu lado e cutucou com o dedo as brasas ardentes. "É compreensível. Somos feitos da magia escura—nós que estamos condenados a andar na terra eternamente. Mas estes encantamentos são muito fortes. Se você

não saber como controlá-los, eles podem controlá-la. É por isso que é proibido para jovem até que você esteja pronta".

Charles pegou o livro da escrivaninha. "Onde você conseguiu isso? Eu sei, no Repositório. Mas isso é mantido trancado. É um livro perigoso para os que não são ainda de idade".

Ele enfiou o livro sob o braço. "Querida, por que você não encontra outra coisa para fazer ?"

Quando seu pai saiu, Mimi pegou seu telefone branco de princesa e discou um número familiar.

"Kingsley," Mimi perguntou. "Posso conversar com você por um minuto"? "Claro, baby, o que tem em mente"?

"Você sabe aquela coisa que me disse? Sobre chamar um Silver Blood da escuridão"?

"Sim".

"Você acha que daria certo?"

TRINTA E QUATRO

"Tem algo diferente em você," Kingsley disse, uma tarde enquanto eles supostamente faziam dever de casa no quarto de Bliss. "Supostamente" porque isso é que Bliss achava que ia acontecer, mas Kingsley sempre tinha outras idéias.

BobiAnne insistia para que Bliss deixasse a porta aberta sempre que ela tinha um rapaz lá— isso era uma de suas regras. Mas BobiAnne não estava lá naquela

tarde. Era seu compromisso semanal de spa, e ela estaria fora durante horas.

Jordan estava no ensaio de balé, que ia até meia-noite. Bliss estava sozinha no apartamento, exceto pelos empregados, que estavam no primeiro andar, longe ocupados com seus afazeres.

"Cortei o cabelo," Bliss falou, olhando por cima do seu trabalho de alemão. Ela sabia que não era isso o que Kingsley quis dizer. Desde a entrega do segundo buquê, Kingsley tinha estado atormentando para descobrir a identidade do tão

falado "homem misterioso" de Bliss.

"Não, não é isso". Kingsley sorriu. Eles estava estendido em sua cama como um gato preguiçoso, seu cabelo preto tão longo que enrolava no colarinho de sua

camisa. Suas agendas e fichários estavam espalhados, inclusive aquele livro escuro de capa de couro que ele sempre estava lendo. Mas nas últimas horas, ele não tinha feito absolutamente nenhum dever de casa e em vez disso tinha

estado perturbando ela a noite toda.

"Eu não sei sobre o que você está falando," Bliss disse teimosamente. "Eu acho que você sabe," Kingsley respondeu. "Está escrito em você".

"O que"?

"Você fez. Tomou um ser humano durante suas férias pequenas ou sessão de fotos, como quer que você chame isso. Você bebeu o mel da abelha," Kingsley

disse, imitando um acento da Transilvania. "Quem quer quer deu a idéia de que nós éramos alguns hicks provincianos da Europas Oriental foi brilhante".

"E se eu fiz"? Bliss perguntou.

"Oh, meu Deus. Agora estamos chegando a algum lugar. Gostou?" "Está com ciúmes"? Bliss perguntou.

"Com ciúmes? Por que estaria com ciúmes?" Kingsley pareceu chocado. "Eu não acho que você entenda- é como sentir ciúmes de seu cabeleireiro. Os familiares prestam um serviço, isso é tudo. Nós emotivamente não somos unidos a eles".

"Nós"?

"Você sabe o que quero dizer". Kingsley andou para o lado de Bliss e começou massagear suas costas. "Vamos lá , relaxa. ...você ainda está tendo aqueles

flashbacks? Aqueles apagões? Bliss assentiu.

"Você tentou fazer o que eu sugeri"? ele perguntou.

Ela sacudiu a cabeça. Ela estava muito espantada para fazer o que ele tinha proposto.

"Bem, você devia, isso funciona. Funcionou comigo." Os dedos de Kingsley apertavam seus músculos doloridos peritamente, e Bliss logo estava relaxando sob seu toque. Era como ser hipnotizada

Os olhos vermelhos com pupilas de prata, e uma voz que cochichou num assobio...

Logo... Logo... Logo...

A besta tinha voltado, perseguindo-a corredor abaixo. Ela sentiu seu calor, sua respiração na sua bochecha. Ela foi empurrada numa armadilha contra um canto,

e ela não podia acordar. Olhou-o no olho. Faça, faça, ela pensou. Faça o que

Kingsley disse. Converse com ele.

"O que você quer?" Bliss perguntou. "Exijo uma resposta." Os olhos vermelhos piscaram.

Quando Bliss acordou, achou que tivesse se arranhado de temor. Havia

machucados vermelhos feios por todos os seus braços.

Mas Kingsley tinha razão. Tinha funcionado. A besta tinha ido.

TRINTA E QUINTA

O Mercer tinha sido idéia de Oliver. Ele tinha excluído o quarto de Schuyler ou o dele, pensando que seria muito estranho fazer "isso" no mesmo lugar onde eles tinham passado tantas horas inocentes lendo revistas e vendo televisão. Então ele reservou uma suíte no hotel no centro da cidade.

Ele a tinha convencido beber alguma coisa com ele no bar da biblioteca antes deles irem para o quarto.

"Você talvez não necessite de uma bebida, mas eu definitivamente preciso," tinha dito.

Schuyler observou pacientemente como Oliver abateu um Manhattan depois de outro. Nenhum deles falava muito. O bar da biblioteca era proibido para os que não estavam hospedados no hotel, então os dois sentaram em um canto

privado. A única outro hóspede era uma estrela de filme dando uma entrevista para uma revista de algum lugar. A estrela de filme tinha os pés no sofá e ela ria altamente, enquanto o repórter parecia nervoso. Um gravador pequeno de prata

sobre a

mesa de coquetel entre eles.

"Tudo bem, vamos fazer isso," Oliver disse, empurrando longe sua terceira bebida pela metade.

"Deus, você parece como se eu tivesse te pedido para ir à guerra," Schuyler

disse, enquanto andavam em direção ao elevador.

A suíte de quarto único tinha uma vista atordoante do centro da cidade, e era decorada com um estilo moderno: móveis escuros de ébano de Makassar,

travesseiros de lã de cordeiro, chãos pretos de epoxy polido, um bar de ônix que brilhava por dentro, uma televisão de tela plana, e paredes de aço inoxidável que pareciam frias ao toque mas que realmente eram lisas e quentes, como

manteiga.

"Legal," Schuyler disse enquanto se sentava na borda da cama kingsize, enquanto Oliver sentou-se na outra.

"Tem certeza de que quer fazer isso?" Oliver perguntou, sentando-se de frente e

colocando o rosto entre as mãos.

"Ollie, se eu não fizer, entrarei em coma e jamais não acordarei. Hoje de manhã eu nem sequer podia sair de cama".

Ele engoliu.

"Odeio te pedir isso—mas é só, eu não sei, eu não quero que minha primeira vez seja com alguém que eu sequer conheço, sabe"?

Ela tinha contado para ele o que tinha acontecido com Bliss em Montserrat. "E

você é meu melhor amigo".

"Sky, você sabe que eu faria tudo por você. Mas isto é contra o Código. Os conduits não podem ser familiares de seus vampiros. Devemos ser objetivos.

Não é parte do relacionamento. Coisas como a Cerimônia, implicam coisas, você

sabe," Oliver explicou.

Quando Schuyler pediu pela primeira vez a Oliver uma semana atrás se ele consideraria tornando-se seu humano familiar, ele disse que pensaria. No dia seguinte, ele não mencionou nada, e Schuyler supôs que ele era muito gentil

para dizer não, então ele estava agindo como se ele nunca tivesse pedido. Vários dias se passaram, e nenhum deles tocou no assunto. Schuyler começava a

pensar que teria que achar uma solução alternativa. Mas naquela manhã, ela tinha achado um envelope nas suas coisas. Era do Hotel Mercer, e tinha uma chave plástica de porta da suíte deles.

"Te vejo lá à noite," Oliver tinha escrito. "Chomp! Chomp"!

Não era como se Schuyler não tivesse os sentimentos misturados e ela odiou a si mesma por colocar Oliver naquela posição—mas ela sentia que não tinha

escolha. Se tivesse que tomar um familiar, ao menos tomaria um que era, perdoe o alfinetado, já familiar a ela. E ela se sentia atraída por Oliver desde Veneza. Talvez esse era um sinal de que tudo daria certo. Que isso era algo que

tinha que acontecer.

"Só diga a palavra, Ollie, e nós não o faremos, tá bom"? ela ofereceu, suas mãos segurando a borda da cama, retirando as folhas de seus cantos.

"Tá bom. Não vamos fazer," ele disse prontamente. Ele suspirou e deitou na cama, ondiando os braços sobre o edredom plumoso. Suas longas pernas estavam na borda da cama para fora mas o tronco estava totalmente na

horizontal. Ele fechou os olhos, como se a possibilidade daquilo fosse demais para suportar, e colocou as mãos no rosto outra vez, como se se protegesse de algo.

"Você quer dizer isso mesmo?" Schuyler perguntou um pouco temerosamente. "Eu não sei," Oliver gemeu atrás das suas mãos, que agora estavam dobradas sobre a boca.

"É só que, sabe, serei realmente cuidadosa, se você esteve com medo, quero dizer. Tem que confiar em mim". Ela ainda sentava-se ereta de modo que suas

palavras foram faladas para a parede de janelas, enquanto Oliver pareceu estar conversando com o teto.

"Confio em você," Oliver disse numa voz triste esforçada. "Confio em você a minha vida".

"Sei que isso mudará nosso relacionamento, mas somos melhores amigos. Não pode mudar tanto, pode? Quero dizer, eu já te amo," Schuyler disse. Cada palavra que ela disse era verdadeira, era muito afetuosa por Oliver. Ela não podia imaginar a vida sem ele.

Ela se virou para olhá-lo. Oliver tinha retirado as mãos do rosto e aberto os olhos. Ela reparou como o cabelo castanho dele moldava seu rosto bonito, e

como seu pescoço parecia convidativo sob seu colarinho de Oxford.

"Você não me ama"? Ela sabia que estava sendo manipuladora, mas não podia impedir. Necessitava que Oliver dissesse sim. Caso contrário...com quem ela faria

aquilo?

Oliver tentou não corar e não podia encontrar os olhos de Schuyler. Sentou-se mais uma vez. "Tudo bem," disse, quase mais para si que para ela.

Schuyler moveu-se para próximo dele e inclinou-se contra seu corpo, e com alguns movimentos pequenos, ela sentou-se no colo dele.

"Ok"?

"Você é pesada," ele provocou, mas sorria. "Não sou não".

"Tudo bem, você não é não".

"Você é uma gracinha, sabia? Quero dizer, realmente uma gracinha. Por que você gasta todo seu tempo comigo? Você devia namorar," disse ao acaso enquanto escovava o cabelo para fora dos seus olhos marrons. Eram os olhos mais bondosos que ela já tinha visto, pensou. Ela sempre senti-se segura com Oliver.

"Sim, eu, namorar". Oliver riu. Ele colocou os braços ao redor da cintura dela. "Por que não? Não é impossível".

"É"? Oliver perguntou

Ah- Mas Schuyler não terminou, porque Oliver colocava uma mão quente no seu queixo e virou-o em direção a ele, e logo estavam se beijando. Macio, beijos experimentais que se tornaram mais vigorosos conforme abriram as suas bocas um ao outro.

"Mmm..." ela suspirou. Então era assim que isso era. Beijar Oliver. Não era algo do tipo que ela tinha imaginado. Era melhor. Era como se fossem feitos um para

o outro. Schuyler pressionou-se contra ele, e Oliver passou a mão por seu

cabelo. Isto era novo. Isto era um momento decisivo. Então ela começou a beijar queixo e o pescoço dele.

"Sky..." "Mmmm"?

Repentinamente, Oliver empurrou-a longe, tirou as mãos dela de detrás das costas dele, e bruscamente empurrou-a para forado seu colo.

"Não," disse, arquejando pesadamente. As suas bochechas eram chamejantes de embaraço.

"Não"? Schuyler perguntou, não entendendo. Parecia que tudo ia bem—era isso como deveria ser, não era?

"Não" Oliver levantou e começou a passear. "O Beijo Sagrado significa algo. Significou para sua mãe. E sabe o que mais? Terá que achar outra cobaia. Eu

não farei isso a não ser que seja por obrigação". "Ollie".

"Não, Schuyler".

Ele nunca a chamava de Schuyler a menos que estivesse realmente brabo. Schuyler calou a boca.

"Estou indo. Eu não posso estar com você...Você não é você mesma". Oliver disse, pondo seu casaco ao bater a porta do quarto de hotel.

TRINTA E SEIS

Numa alcova escondida no fundo dentro das pilhas subterrâneas embaixo do Repositório de História, Mimi inclinava-se sobre um livro velho de capa de couro. O mesmo livro que seu pai tinha confiscado várias semanas atrás. O Repositório talvez mantivesse-o sob sete chaves, mas era apenas uma questão de descobrir que chave tinha sido usada para liberá-lo, e isso tinha tomado esforço mínimo— os bibliotecários humanos não são páreos para a cólera de um vampiro zangado. O livro estava aberto na página final, uma página preta, cujas palavras foram gravadas num luminoso azul—a mesma cor de sangue que correu nas veias daeMimi.

Kingsley Martin estava ao lado dela, e os dois liam a página com uma luz de uma vela afilada solitária. Ao redor deles, as filas de pilhas e pilhas de seis pés de estantes altas que aparentemente esticavam ate a infinidade—eram silenciosas e encobertas com escuridão. O Repositório tinha aproximadamente dez milhões livros. Era a maior biblioteca no mundo, e as pilhas de livros ficavam sob Manhattan, várias histórias abaixo das calçadas. Ninguém tinha certeza qão

fundo o velho elevador pouco seguro e enjaulado ia.

Tinham decidido executar o encantamento no nível do subporão. O feitiço mandava que fosse em um "lugar de poder primário," e Kingsley tinha sugerido

o quartel general dos Blue Bloods.

"Aqui diz que somente aquele que é de mente similar pode chamá-lo," Mimi disse, lendo do texto.

"Isso significa que ele tem que querer o que você quer, porque só então poderá responder seu chamado," ele explicou. "Ok".

"Primeiro você tem que imaginar sua vítima," Kingsley disse. Mimi desenhou um

pentagrama ao redor deles, assegurando-se que estavam dentro das linhas de giz. "Príncipe escuro dos Silver Bloods, atenda meu chamado; eu Azrael, ordeno que apresente meu inimigo," Mimi mandou numa alta, clara voz.

No nível superior do Repositório, Schuyler Van Alen chegou na sala principal de leitura, procurando Oliver. Depois de ficar sentada na suíte do hotel durante uma

hora, ela decidiu ela não podia apenas ficar ali e não fazer nada, ou esperar que ele se acalmasse. Tinha que achar Oliver e desculpar-se. O que ela tinha pedido estava errado. Sabia disso agora. Tinha pedido demais, e queria desculpar-se.

Ele normalmente passava suas noites de fim de semana no seu cubículo no

Repositório, que era o primeiro lugar que ela decidiu procurar depois que ele não atendeu o telefone celular nem respondeu as mensagens de texto do seu Black

Berry.

Bliss Llewellyn estava sentada em um dos sofás rotos na área principal da recepção.

"Ei," Schuyler disse. "Você viu Oliver"?

Bliss assentiu. "Acho que ele está aí. Acabou de chegar alguns minutos atrás".

"Legal".

Depois do que aconteceu em Montserrat, Bliss sentia-se um pouco embaraçada

perto de Schuyler. "Estou, uh, esperando por Kingsley," Bliss disse. "Pedi que o encontrasse aqui".

Schuyler assentiu, mesmo que não tenha pedido a Bliss para explicar sua

presença. Deixou-a na entrada e andou rapidamente pela sala calma para achar seu amigo. O Repositório estava lotado para uma noite de fim de semana. Quase

todos os gabinetes estavam cheios. Os bibliotecários catalogavam livros nas

estantes e vários membros seniores do Comitê caminhavam para seu encontro semanal.

Schuyler viu Priscilla DuPont de cabeça branca elegante entre eles, a

Diretora Principal conversava animadamente com um companheiro membro do

Conclave. Os Anciões desapareceram numa sala de conferência privada, e

Schuyler notou Jack Force sentado na sua cadeira usual perto do fogo, lendo um livro.

Dentro do pentagrama, a chama na vela reluzia, e mostrava a Mimi uma visão do Repositório no andar superior. Sim. Assim como o feitiço tinha prometido. Lá estava Schuyler Van Alen, parada no meio da sala.

Sua vítima tinha sido trazida ao local.

Mimi sentiu seu coração se alegrar. Então era isso. Realmente ia acontecer. Estaria livre dessa pequena barata de uma vez por todas. Schuyler tinha

naturalmente ido direto a Jack logo que entrou. Mas sem problemas—não demoraria muito agora.

Kingsley passou a Mimi uma faca de prata.

Era o único jeito do feitiço funcionar: sangue por sangue.

Mimi estendeu o pulso direito; sentiu a lâmina fria na pele. O coração golpeava e ela sentiu os primeiros tremores do medo. Mesmo que ela fosse imortal, e o

sacrifício de sangue não machucasse, ela ainda sentiu-se inescrupulosa sobre o que estava prestes a fazer. Mas a visão de Schuyler Van Alen lembrou-a o que

estava em jogo. O Enlace. Jack. Abbadon. Ela tinha que parar aquilo antes que fosse tarde demais.

"Dou meu sangue pelo seu sangue. Oh, Príncipe da Escuridão. Ouça-me, ouça meu chamado. Destrua minha inimiga, de uma vez por todas," Mimi falou. "AGORA"! Kingsley chamou.

Mimi inspirou profundamente e cortou o seu pulso com a faca, abrindo uma veia e espalhando seu sangue sobre a vela, causando uma chama preta que se atirou para cima.

A última coisa que Bliss lembrava era uma explosão imensa que destruiu o chão da biblioteca, fendendo-o em dois, uma rachadura na terra, e seu pesadelo veio

à vida. Bem em frente a ela estava uma massa escura com olhos vermelhos e pupilas de prata, rugindo, lutando, tomando vida, cobrindo o espaço inteiro com o zumbir de mil vespões, a agonia de mil almas torturadas, e a gargalhada feia

de um demente lunático. \ Bliss gritou e gritou e gritou. Então tudo ficou preto.

TRINTA E SETE

A fumaça sufocava. Era uma escuridão, fumaça roxa, e cheirava a enxofre e ácido. Schuyler abriu os olhos e encontrou-os queimando. As lágrimas caíam em suas bochechas embora não chorasse. Algo tinha acontecido—uma explosão— soou como um rasgo no universo. Ela olhou em volta: o Repositório estava em desordem, estantes inteiras de livros tinham tombado, e papéis estavam espalhados por todo lado, como se uma bomba tivesse destruído o lugar. Havia escombros de teto, gesso e pó em toda parte, vidros destruídos e pedaços quebrados de madeira.

"Jack! Jack, onde você está"? Schuyler perguntou, apavorada.

Ela tinha ficado bem ali, ao lado da cadeira dele, mas a cadeira não estava em nenhuma parte. Sentiu que sangue goteja nos seus olhos e colocou uma mão no

topo da cabeça. Algo a tinha cortado, mas não era uma ferida funda. As palmas

das suas mãos estava arranhadas e sangrando, e havia um rasgo em seu jeans, mas ainda bem que que essas eram as extensões de suas feridas.

Houve uma tosse, e Schuyler rastejou até o som. Jack estava deitado embaixo

da mesa de leitura, momentaneamente atordoado.

"Estou bem," disse, lutando para sentar-se direito e limpar a fumaça dos seus olhos. "O que diabos aconteceu"?

"Eu não sei," Schuyler disse, tossindo e cobrindo a boca e nariz com as mãos.

"Jack! Você está bem? Pode me ouvir? Jack"! A voz frenética de Mimi podia ser ouvida da alcova escondida que levou às pilhas subterrâneas. Ela emergiu de um canto, parecendo aturdida mas ilesa.

"Estou aqui".

"Oh Graças a Deus! Jack! Eu estava tão preocupada"! Mimi chorou, jogando-se

nos braços do irmão. Começou a soluçar incontrolavelmente. "Pensei...pensei..." "Tudo bem, estou bem," Jack suavizou, afagando-a.

Schuyler deu um passo atrás para deixá-los ter privacidade, sentindo uma mistura de ciúme e pena e embaraço por testemunhar sua intimidade. Havia um gemido embaixo de uma estante de livros tombado. "Me ajuda" uma voz

estrangulada chamou. "Me ajuda"!

Jack, Mimi, e Schuyler correram ao som, e ajudaram a tirar a pesada estante de cima do rapaz.

Kingsley agradeceu-os. "Que foda. O que foi isso?"?

Todos em volta dels, bibliotecários e membros do Comitê cobertos por escombros, contando cabeças, e assegurando-se que os amigos tinham

sobrevivido. A fumaça envolvia tudo, e era difícil de ver pelo nevoeiro.

"Por aqui"! Uma voz familiar chamou. Schuyler deixou os gêmeos Force e

Kingsley para achar Oliver ajoelhado ao lado de um bibliotecário ferido. Havia um corte no seu queixo e um machucado na sua testa, e ele estava coberto com

uma camada grossa de pó de gesso.

"Você está bem," Schuyler disse. "Graças a Deus". "Schuyler, o que você faz aqui"? Oliver perguntou. "Procurando por você".

Ele assentiu estimuladamente. "Vamos, dá-me uma mão".

Renfield, um dos historiadores humanos rabugentos, estava dobrado por cima contra um das máquinas anuladas de cópia, gemendo. Tinha sido jogado contra

a parede pela explosão, e a força tinha quebrado as costelas. Ajudaram-no a deitar em cima de pilha de livros, prometendo enviar ajuda o quanto antes, e andaram ao redor para ver se havia alguma outra parte ferida.

Até agora, todo mundo que eles toparam tinham sobrevivido. Havia arranhões menores e algumas concussões, mas as pessoas estavam surpresas de acharem-se mais ou menos íntegro. Oliver parou para administrar primeiros socorros para

uma menina Blue Blood com um braço quebrado rasgando sua manga da camisa e criando uma liga improvisada.

Schuyler selecionou entre a desordem e topou com o corpo inclinado de uma menina, de cabeça para o chão e coberta com pó e gesso.

Ela virou a menina e ofegou. "Bliss, oh Deus, Bliss..." havia duas picadas

embaixo do seu queixo, e seu sangue, grudento e azul, corria abaixo do seu pescoço.

"FIQUE ONDE ESTÁ"! uma alta voz mandou da entrada. O grupo congelou.

Schuyler manteve uma mão trêmula no pescoço de Bliss para estancar o sangue. Oh, Bliss...

A fumaça roxa aclarou, e Charles Force e Forsyth Llewellyn logo estavam ao seu

lado, segurando espadas brilhantes para cima.

Charles ajoelhou-se perto de Bliss e pôs uma mão na cabeça dela. "Esta está ainda vivo".

Esta? Schuyler perguntou-se. Houve um grito do outro lado da sala, e Schuyler logo entendeu o que ele tinha querido dizer. Alí, pela entrada do quartel general

do Coven, afastado nos passos de arco, estava Priscilla DuPont, a Diretora

Principal.

Deitada em uma piscina de sangue.

TRINTA E OITO

Oliver levou Schuyler para casa, ambos ainda sentindo-se abalados. A estranheza do que tinha acontecido entre eles mais cedo no Mercer tinha completamente desaparecido diante da nova calamidade. Eles voltaram a ser eles mesmos, e Schuyler estava alegre em ter seu amigo ao lado.

Hattie criou caso quando eles chegaram, colocando compressas na cabeça de

Schuyler e no corte do queixo de Oliver. A empregada leal preparou xícaras de chocolate quente e os embrulhou confortavelmente em cobertores de caxemira

perto do fogo.

"Onde está Lawrence"? Schuyler perguntou, pegando uma bolacha da bandeja que Hattie estendia a eles.

"Ele saiu correndo há minutos atrás, disse que tinha uma reunião de emergência

de algum tipo," Hattie disse. "Me disse para tomar cuidado com você quando chegasse aqui. Para tirar o estojo de primeiros socorros. Penso que ele sabia que algo tinha acontecido".

Quando Hattie deixou o lugar, Oliver perguntou, "Você acha que foi um Silver Blood?"

Schuyler encolheu. "Tem que ser isso. É a única explicação. Mas não faz sentido. Lawrence contou-me que esses Silver Bloods caçam por si mesmos. Eles tomam

suas vítimas quando estão sozinhos, sem seus protetores caninos. O ataque aconteceu num espaço público, onde havia muitas testemunhas."

"Você acha que ela está morta"? Oliver perguntou outra vez.

"Quem? Bliss? Não. Charles disse que ela estava viva," Schuyler respondeu. Ainda, era duro de acreditar. A menina texana tinha duas feridas profundas de picada no pescoço, e o chão ao redor dela estava nadando em sangue. "Não, quero dizer...Sra. DuPont," Oliver esclareceu.

"Eu não sei". Schuyler tremeu. Certamente parecia que era isso que tinha acontecido de onde ela estava, e tinha ouvido por acaso membros do Conclave

discutindo a situação pela sala quando se reuniram ao redor do corpo.

Consumo total...Impossível...Mas o sangue foi drenado...Que significa que...ela se foi...ela foi tomada...Não Priscilla! Sim...isto é terrível de fato.

A ambulância da equipe da Dr. Pat tinha levado Bliss para longe numa maca,

com uma máscara de oxigênio em seu rosto e seu pai ao lado. Mas a segunda maca, a que carregava Priscilla DuPont, tinha sido coberta com uma folha branca

sobre o corpo. Que só significava uma coisa...

Schuyler mudou para perto de Oliver de modo que os dois estavam inclinados contra as pernas do sofá. Ela colocou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos,

e ele colocou um braço ao redor dela para puxá-la para perto. Eles tiraram

conforto da companhia um do outro. Lawrence retornou próximo ao amanhecer. Viu Schuyler e Oliver sentados juntos no tapete contra o sofá.

"Você dois deviam estar na cama. Especialmente você, neta. Sobreviver a um ataque Silver Blood não é qualquer coisa," disse, despertando-os suavemente. Schuyler tirou o sono dos seus olhos, e Oliver bocejou.

"Não. Ainda não. Queremos saber o que aconteceu," Schuyler insistiu. "Estávamos lá".

Lawrence largou-se sobre a cadeira de couro oposta e pôs os pés para cima no

divã. "Sim, e estou alegre que nada pior tenha acontecido a qualquer um de vocês".

"Ele não estava atrás de nós," Schuyler disse.

"Graças a Deus por isso," Lawrence respondeu. Ele tirou seu charuto habitual e o cortador de charuto.

Schuyler sabia que isso era um sinal de que seu avô explicaria tudo, ou ao menos tanto quanto ele soubesse. Ela inclinou-se chegando mais perto.

"O que Cordelia contou sobre o Croatan"? Perguntou, soprando seu charuto.

"Que eles eram um perigo antigo que tornou-se um mito entre os Blue Bloods. Porque o último ataque aconteceu há 400 anos atrás," Schuyler disse. "Durante Plymouth".

"Sim. Roanoke foi a vitória deles mais violenta e esmagadora. Tiraram um batalhão inteiro. Mas ela não contou sobre Veneza, nem Barcelona, nem Cologne".

Schuyler levantou uma sobrancelha interrogativamente.

"O que não é sabido, ou ao menos, o que foi suprimido, é que desde sua derrota assim chamada em Roma, os Silver Bloods retornaram a se alimentar de jovens

Blue Bloods na virada de cada novo século. Tínhamos tentado convencer o Conclave deste padrão, desse perigo sempre presente. Mas os anos depois de Roanoke foram pacíficos, e havia somente um único outro exemplo de ataque no

Novo Mundo".

"Aqui? Na América"? Schuyler perguntou. Cordelia nunca tinha mencionado isto. "Sim". Lawrence pôs uma pasta grossa de arquivo, queimada nas bordas, na

mesinha de centro e a empurrou em direção a Schuyler. "Este é o arquivo em

que Priscilla DuPont trabalhava. Ia apresentar alguma evidência ao Comitê, testificar o que Cordelia e eu tínhamos advertido, tanto tempo atrás".

Ela abriu a pasta, e várias presilhas de jornal caíram.

Ela e Oliver olharam para eles. "Quem é Maggie Stanford"?

"Era uma Blue Blood que desapareceu. Nós não tínhamos nenhuma idéia de que ela tinha sido mandada para um asilo. Médicos Red Bloods pensaram que era uma doença mental, mas era realmente evidência de corrupção de Silver Blood. Ela era uma vítima".

Lawrence derivou nos papéis com seu charuto. "Quando Maggie nunca foi achada, Cordelia e eu soubemos que os Silver Bloods estavam por trás disso,

mas nós nunca podemos provar isso. Foi quando decidimos nos separar, de modo que pudessemos continuar a investigação sem que o Comitê soubesse.

Priscilla me havia dito que tinha achado algo nos arquivos que trariam alguma luz

nas ações deles, mas já olhei este arquivo. Não há nada que eu não tenha visto antes".

"O que aconteceu depois de Maggie"? Schuyler perguntou, notando como era bonita a debutante jovem que estava olhando na foto.

"Nada. Os Silver Bloods retiraram-se nas sombras outra vez. Até ano passado, quando Aggie Carondolet foi morta. E desde Aggie, quatro Blue Bloods foram mortos no começo da Transformação. Quatro. Isso é muito desde Roanoke. Isso

significa que eles ficaram mais fortes, mais confiantes."

A morte de Priscilla, no entanto, é mais incomoda. Saber que superaram um vampiro no auge de seus poderes significa que sua força cresceu. Tornaram-se

mais agressivos.

"O Comitê deve despertar para este perigo. Nós não podemos mais sentar e esperar enquanto o Príncipe dos Silver Bloods organiza suas forças contra nós e

nos toma um por um".

"Você realmente acha que Lúcifer retornou"? Schuyler perguntou.

Lawrence não disse nada durante um longo momento, seu charuto queimando constantemente, as cinzas na ponta crescendo mais e mais até que caíram, chiando no tapete de Aubusson e fazendo um pequeno buraco.

"Oh, ratos," amaldiçoou. "Cordelia nunca me perdoará por isso. Ela nunca me deixa fumar na casa".

"Avô, você não respondeu minha pergunta". Schuyler disse agudamente.

"Talvez não precise responder," Oliver disse nervosamente. Toda essa conversa de Lúcifer e Silver Bloods o fazia sentir-se escrupuloso. Talvez ele não devia ter bebido

tanto chocolate quente nem comido aquela quinta bolacha.

"Só o mais poderoso dos Silver Bloods poderia causar uma destruição imensa em um lugar tão protegido," Lawrence finalmente disse.

"Protegido"? "O Repositório de História é um dos mais seguros de nossos baluartes. Tem divisões sobre todo ele, feitiços para manter de fora tal invasão,

manter fora a Abominação. É um sinal ameaçador para todos nós que as divisões não funcionaram."

"O que você vai fazer"? Schuyler perguntou.

"A única coisa que eu posso fazer. Ivocar o Voto Branco. É tempo de Michael ser desafiado como Regis".

TRINTA E NOVE

Eles estavam falando sobre ela. Pelo nevoeiro da morfina, Bliss podia ouvir seu pai e Charles Force discutindo sobre ela atrás da porta fechada do hospital. O

que tinha acontecido? Ela indistintamente lembrou-se do fogo violáceo preto que cobriu a biblioteca inteira num grosso nevoeiro impenetrável, e soube que algo mau tinha acontecido a ela. Havia uma gaze em volta do seu pescoço. Tinha sido

mordida? Por um Silver Blood? O pensamento fez a sua testa transpirar. Se tinha sido atacada pela Abominação, por que estava ainda viva?

Bliss tentou levar as mãos até o pescoço então ela poderia comprovar a ferida, mas estava paralisada. Apavorou-se, até que compreendeu que suas mãos estavam presas às pernas da cama. Por que?

O quarto era como uma suíte de hotel, com os móveis plásticos modernos e brancos que ela conhecia tão bem. Ela estava na clínica da Dr. Pat, no hospital

Blue Blood. Com sua audição ultrasensível, ela se concentrou no que seu pai e

Charles discutiam em tons cochichados no corredor.

"Ela não foi corrompida, Charles—você conhece os sinais assim como eu, você viu o pescoço dela! Não houve tempo suficiente," seu pai dizia.

"Entendo, Forsyth, entendo, mas você sabe como isso parece. Eu não posso tirar

Lawrence das minhas costas sobre isto. Tem que ser testada, como todo mundo que estava lá naquela noite".

"Ela é uma vítima! Isto é um ultraje! Eu não permitirei isso"!

"Você não tem escolha," Charles disse, e seu tom não dava margem a nenhum outro argumento. "Sei como você está preocupado, mas como disse, ela aparenta estar a salvo".

Houve um silêncio longo, e então os dois homens retornaram ao quarto de Bliss. Bliss imediatamente fechou os olhos e fingiu estar adormecida.

Sentiu a mão do seu pai em sua testa enquanto ele cochichava uma oração curta

numa linguagem que ela não entendeu. "Ei," ela disse, abrindo os olhos.

Sua madrastra e Jordan andaram no quarto e se amontoaram no pé da cama.

BobAnne usava uma malha de caxemira com VERSACE escrito no peito—e carregava um lenço pequeno, que ela mantinha pressionado ao lado de cada olho, embora nenhuma lágrima fosse visível.

"Oh, querida, nós estávamos tão preocupados! Graças à Deus que você está bem"!

"Como está se sentindo"? seu pai perguntou, com as mãos fechadas atrás das suas costas.

"Cansada," Bliss respondeu. "O que aconteceu"?

"Houve uma explosão no Repositório," Forsyth explicou, "mas não se preocupe, foi tão profundo no subterrâneo que os Red Bloods nem sequer notaram na calçada. Pensam que foi somente um terremoto pequeno".

Bliss sequer tinha pensado em preocupar-se com seres humanos descobrindo o lugar mais secreto dos Blue Bloods .

"O que aconteceu comigo"? ela perguntou.

"Bem, é isso que estamos tentando descobrir," disse. "Do que você se lembra"? Ela suspirou e deu uma olhada para fora da janela, onde estava um escritório vazio no edifício ao lado. As filas de computadores estavam ligadas, piscando, mesmo que já tivesse se passado o horário de expediente.

"Não muito. Somente muita fumaça preta...e..."

Olhos, olhos vermelhos com pupilas de prata. A besta, vindo a vida. Tinha falado com ela...tinha dito...

Ela sacudiu a cabeça e fechou os olhos apertadamente como se repelisse a presença do mal. "Nada, nada...eu não me lembro de nada".

Forsyth suspirou e BobiAnne chorou outra vez. "Oh, pobre, pobre criança". Jordan, sua irmã, permaneceu em silêncio, observando Bliss com o canto dos olhos.

"Gobi, você e Jordan podem deixar-nos em paz durante um minuto"? Seu pai pediu.

Quando elas se foram, Forsyth virou para Bliss. "Bliss, o que vou te contar é muito importante. Você foi atacada por um Silver Blood, um Croatan," seu pai disse. "Nãooooo," ela cochichou. "Mas O Comitê disse que eles são somente um mito...." disse fracamente.

"O Comitê estava errado. Compreendemos isso agora. Aliás, Priscilla DuPont tinha reunido evidências suficientes para...mas eu não conversarei sobre isso agora. O fato é que, de alguma maneira os Silver Bloods sobreviveram, e devemos encarar essa realidade".

"Mas como"?

"Tristemente, isso significa que um de nós é culpado. Os Silver Bloods não poderiam prosperar a menos que alguém de nosso círculo os escondesse. Os ajudasse. Teria que ser uma das famílias muito velhas, suficientemente poderosa

para encobrir tal mal que Michael não poderia notar uma mudança no equilíbrio". "Mas o que isso tem a ver comigo"? Bliss perguntou, sua voz tremula.

"Muitos poucos sobreviveram depois de um ataque dos Silver Bloods, e há sempre o perigo de corrupção". "Corrupção"?

"Às vezes, os Silver Bloods não tomarão sua vítima até o consumo pleno; em vez disso instigará uma fome...tirando sangue suficiente de modo que o vampiro fique enfraquecido. Mas Red Bloods se tornam veneno para a vítima, e ela caçará a própria espécie para a sobrevivência".

Isso foi o que aconteceu a Dylan, Bliss pensou. Ele tinha sido transformado. Foi corrompido. Transformado num monstro, e então foi morto antes que pudesse revelar esses segredos.

"A crise em Roanoke, nós acreditamos, aconteceu porque várias pessoas do nosso grupo já tinham sido corrompidas quando deixaram o Mundo Velho". "Como você sabe se foi corrompido"? Bliss perguntou nervosamente.

Em resposta, Forsyth começou levantando a gaze do pescoço de Bliss. Ele abriu a compressa.

Bliss olhou seu pai nervosamente. O que ele ia mostrá-la? Tinha se transformado num monstro? Seu pai passou-lhe um espelho pequeno de mão da mesa da enfermeira.

Ela levou-o até o pescoço, temendo pelo que veria. Mas o seu pescoço estava liso, claro e imaculado como antes. "O que quer dizer"?

"Não há marcas, que significa que o veneno não estava suficientemente forte.

Seu sangue azul, o sangue azul, foi capaz de reabilitar sua química por conta própria. Curar-se, e proteger você da corrupção. O Croatan não a tornou um deles".

Ela assentiu, agradecida e aliviada. Tinha sobrevivido.... Ela não estava segura como, mas tinha vivido.

"Haverá outros testes," Forsyth advertiu. "Um dos Anciões as administrará a

você. Pedirão que compartilhasse suas memórias, que comungue com eles. Para mostrá-los o que você viu. Mas estou confiante de que você passará pelo julgamento".

Seu pai estava para sair do quarto, mas Bliss fez outra pergunta. "Mas, Papai, se alguém tiver sido corrompido...como você pode saber"?

"É difícil de dizer, mas notamos que aqueles que sofreram a corrupção tendem a ser atraídos pelo lado escuro, e começam exibindo curiosidade concernente aos Feitiços Negros."

Mais tarde naquela noite, Nan Cutler, uma das Diretoras de alto nível, chegou para visitar Bliss. Nan era uma das mulheres elegantes da sociedade do círculo

de Priscilla DuPont; tinha uma mecha de cabelo branco com uma listra de corvo

no meio. A cidade a conhecia como uma arrecadadora de fundos infatigável e compradora de alta costura. Mas quando chegou no quarto de hospital de Bliss

naquela noite, todos os vestígios da fachada pública se foram. Aqui estava uma

formidável, vampira de séculos de idade. Bliss podia ver as pálidas linhas azuis de sangue em seu rosto.

Ela se apresentou a Bliss, então sentou-se ao lado da cama.

Pela noite, os sentidos tinham retornado aos membros de Bliss, e ela sentia-se muito melhor.

"Pegue minhas mãos, criança," Nan disse suavemente.

Bliss colocou ambos as mãos nas mãos macias da velha senhora. As mãos do

Nan eram lisas e sem rugas.

"Agora feche seus olhos e me leve de volta a ontem à noite. Mostre-me tudo que você viu".

O glom. Nan usaria o glom para ler sua mente, Bliss sabia. Teve que abrir sua mente e deixa a velha mulher ver. Bliss assentiu. Fechou os olhos. Juntas, viam

o que tinha acontecido. Bliss, esperando na área de recepção por Kingsley. Viram Renfield trazer uma lista de arquivos a Priscilla DuPont. Viram Schuyler entrar e perguntar se tinha visto Oliver. Viram várias meninas de Duchesne retirando

livros para a próxima reunião do Comitê.

Então ficou tudo preto. Uma escuridão, fumaça nociva engolfou a área inteira.... Bliss esperou a besta aparecer, mas tudo que elas viram foi a fumaça preta e

grossa.

Quando ela abriu os olhos, Nan escrevinhava em sua agenda.

"Bem," Nan disse. "Agora, por favor, levante seu cabelo e me mostre as costas do seu pescoço".

As costas do meu pescoço?

Bliss fez como foi pedido. Nan assentiu. "Pode abaixar seu cabelo". Depois que a diretora a deixou, seu pai entrou e a abraçou firmemente.

Qualquer que fosse o teste, pareceu que ela tinha passado.

As costas do seu pescoço... Parte da prova...

Ela pensou em como o cabelo de Kingsley era longo, estava sempre cobrindo as costas do pescoço dele. Uma declaração de moda? Ou escondia algo? Kingsley...que carregava aquele livro com ele todo o tempo, o *materia acerbus*.

Kingsley, que a tinha ensinado a falar com a besta de seus pesadelos.

Kingsley Martin, que era parte de uma velha, velha, família Blue Bloods. Uma das mais poderosas, e das mais prestigiosas...

Bliss fechou os olhos. Viu a besta outra vez, a besta tinha falado com ela. Tinha dito uma palavra...

Agora.

QUARENTA

Schuyler escovava os dentes quando seu telefone celular tocou. Enxagüou, gargarejando, e cuspiu, rapidamente limpando o rosto, e para atender. Era de manhã cedo, e ela preparava-se para a escola.

"Sim"?

"É assim que se responde ao telefone"?

"Oh, Bliss. Ei. Desculpe. Pensei que fosse Oliver. Ele sempre me liga de manhã". "Desculpe desapontar".

"Não, de jeito nenhum. Como você está"? Schuyler perguntou. Ela tinha pensando em visitar Bliss na clínica, mas os vários dias que se passaram tinham estado desesperados, como tentar se manter informada do horário das aulas,

lições de vampiro, e lidar com o fato de que seu avô preparava-se para a batalha real da sua vida. O Voto Branco tinha sido convocado, e a eleição estava iminente.

"Melhor," Bliss disse. "Você, uh, sabe do que aconteceu a mim, certo"?

"Sim," Schuyler disse. "Meu avô disse que foi um Croatan, mas que você estava a salvo".

Bliss contou a Schuyler sobre os testes, abrir sua mente para Nan Cutler, e como as marcas em seu pescoço tinham desaparecido.

"A mesma coisa aconteceu comigo," Schuyler disse. "Se lembra? Na noite em que nós modelamos"?

"Sim".

"Fui atacada, mas as marcas desapareceram. E eu não podia lembrar-me de nada".

"Ela também quis ver as costas do meu pescoço. Não é estranho"?

Schuyler assentiu, mesmo que Bliss não fosse capaz de vê-la. "Realmente, isso é outro tipo de teste, meu avô disse. Nan veio aqui, também. Para me investigar". "Sério? Eu não sou a única"?

"Não, naturalmente não. Todo mundo que estava lá naquela noite tem que ser testado".

"Legal". "Então, e aí?"

"Escuta, descobri algo do meu pai. Você sabe como O Comitê sempre diz que não havia nenhuma dessa tal coisa de Silver Bloods?"

" Uh huh."

"Bem, acho que eles estão por perto".

"Sim, ouvi isso também," Schuyler disse. Lawrence a tinha atualizado com a política do Conclave. Agora que um vampiro crescido tinha sido tomado, o

Conclave estava para de braços para cima e preparados para a revolta. Os Silver

Bloods eram uma realidade severa que eles teriam que encarar.

"De qualquer jeito, meu pai disse que tem que ser um de nós, alguém da elite, uma família antiga," Bliss disse.

"Isso é o que Cordelia sempre disse".

"Você talvez pense que isso é loucura," Bliss disse, "mas acho que sei quem fez isso".

"Quem fez o que"?

"Quero dizer, acho que sei quem abriga o Silver Blood, ou os Silver Bloods," Bliss disse. "Acho que Kingsley tem algo a ver com isso".

Bliss contou a Schuyler suas suspeitas, e como combinavam com o que seu pai a

tinha contado sobre corrupção, sua curiosidade intensa sobre o lado escuro, o livro estranho que ela sempre via Kingsley ler, a maneira que ele era tão familiar com história dos Silver Bloods e mitologia.

Schuyler assobiou. "Eu não sei...soa desconfiado... mas você não acha que está precipitando conclusões"?

"Talvez, mas estou presa aqui por mais outra semana," Bliss disse.

"Você acha que você e Oliver podiam examiná-lo"?

Mais tarde naquela semana, Schuyler e Oliver desenterraram alguns fatos interessantes sobre o novo rapaz. O Repositório tinha sido restaurado a algo em

cusdições usáveis (o fator da velocidade era útil). Todo o pó e gesso tinham sido retirados, e nada permaneceu da explosão com exceção de uma rachadura

pequena no meio do chão de mármore. Era incrível o que vampiros podiam fazer quando colocavam suas mentes em algo.

Rastejar a moradia de Kingsley era fácil com rede de Oliver de conexões no circuito privado da escola.

Schuyler ligou para Bliss na clínica para deixá-la a par do que tinham achado. "Os Martins se mudaram para Nova York na mesma noite que você disse que

Dylan foi assassinado," disse. "E descobrimos que Kingsley passou o verão em Hotchkiss, onde aquela menina foi morta, e ele passou uma semana em Choate visitando um amigo, onde um estudante de universidade foi achado morto antes

da escola começar. Ele estava aqui em Nova York na noite da morte de Aggie no

Bloco 122, e ele também estava na festa onde Landon Schlessinger morreu". "Eu sabia"! Bliss disse.

"Há mais coisas: Kingsley foi a última pessoa visitar Summer Amory. Oliver disse que a fofoca era que ele namorava ela. Então isso coloca ele na cena de todos

os crimes. Mas eu não estou certa, poderia ser apenas coincidência. Muitas das outras crianças Blue Blood passam o verão em Hotchkiss, vão a Choate, estavam no Bloco 122 naquela noite, e conheciam Landon Schlessinger. E Summer

Armory namorava um punhado de caras. Estou certa que se quisermos, podíamos achar várias outras pessoas que servem."

"Não, tem que ser ele. Sei que é," Bliss disse enfaticamente. "Você vai contar a seu papai sobre isso"?

"Eu não estou certa. Ele é uma espécie de conselheiro da família de Kingsley.

Quero dizer..."

"Contarei para Lawrence". Schuyler ofereceu. "Ele saberá o que fazer". Quando Schuyler apresentou o caso a Lawrence no jantar, com todas as

suspeitas de Bliss e a evidência incriminadora, seu avô apenas olhou por cima do seu filé de costela.

"Interessante," ele disse ausentemente.

"Interessante, é isso?" Schuyler perguntou "Mas você não acha que talvez tenhamos algo aqui"?

Lawrence tomou um gole do seu vinho. "Talvez". Isso era tudo que ele disse sobre a questão, e Schuyler não pode captar nada dele pelo resto da noite.

QUARENTA E UM

A investigação do Comitê no incidente no Repositório convocou uma audiência pública, em que todas as testemunhas ao ataque foram chamadas a testificar perante O Comitê. A audiência aconteceu dentro um das salas de conferências imensas embaixo do Repositório. Os membros do Conclave sentaram-se em fileira numa plataforma alta, encarando a multidão, Charles Force no meio. Lawrence Van Alen estava assentado à extrema direita, e já tragava seu charuto habitual. O novo Diretor Principal, Edmund Oelrich, um historiador famoso de arte e proprietário de uma galeria na sua vida pública, correu os processos do seu assento na plataforma. Havia um pódio pequeno ao lado onde testemunhas eram chamadas, e o inquisitor, O promotor oficial do Comitê, ficou na frente dele.

Os assentos na sala de audiências estavam cheios com quase todas as famílias Blue Blood, e tensão era alta quando Schuyler, Jack, Bliss e Oliver descreveram suas versões dos acontecimentos um por um. Estavam assentados uns próximos aos outros na fila frontal. Mimi estava assentado perto de Jack, e ainda esperava sua vez. Estava nervosa sobre a investigação, mas imaginava que tinha que haver algum jeito de tira-la daquilo. Afinal de contas, não era como se ela quisesse que Bliss fosse machucada nem Priscilla DuPont fosse morta de modo algum!

Era somente um acidente infeliz. Tinham que entender isso, certo? Se não houvesse nenhum motivo, eles não podiam culpa-la, podiam? Alcançou a mão do

irmão, e Jack lhe deu um aperto quente.

O inquisitor chamou Kingsley Martin à frente. "Declare seu nome para os registros. "Kingsley Drexel Martin".

"E sua posição".

Posição? Mimi levantou uma sobrancelha. Sobre o que era tudo isso?

"Sou um Investigador da Verdade. Um Veritas Venator. Fui comissionado pelo Comitê para investigar as mortes de vários Blue Bloods: Aggie Carondolet, Dylan Ward, Summer Armory, Natalie Getty, Landon Schlessinger, e Grayson St. James".

Um murmúrio correu pela multidão. Os Blue Bloods mais conheciam os

Venatores como a ordem mais alta da polícia secreta do Comitê, guerreiros destemidos na luta para manter os Blue Bloods salvos de danos e da descoberta. "E sua missão"? O inquisitor incitou.

"Fui enviado à Escola Duchesne para acumular qualquer evidência que talvez leve à descoberta do inimigo," Kingsley disse regularmente.

Outro murmúrio, desta vez mais agitado. Um Venator tinha sido enviado a um de seus santuários mais seguros, Duchesne! O que O Comitê estava pensando, enviar um de seus assassinos poderosos para espionar uma escola de crianças? "Quem eram os suspeitos? "

"Madeleine Force. Bliss Llewellyn. Schuyler Van Alen".

Desta vez houve um ofego audível da multidão. Kingsley era um agente secreto!. Schuyler ficou boquiaberta, Bliss só sabia rir, e Mimi somente trincou os dentes. .

"E o que seus resultados mostraram"?

"Eu imediatamente risquei Schuyler Van Alen. Era uma vítima de dois ataques de

Silver Blood e não mostrou qualquer indicação de se sentir atraída pelo lado negro," Kingsley disse, tirando uma agenda pequena do seu bolso de capa e

folheando as notas.

"Bliss Llewellyn era um assunto mais promissor. Queixou-se de pesadelos e ilusões, semelhante aos sofridos por Maggie Stanford antes de sua morte. Mas

devido a estas ilusões, eu tive que concluir que Bliss era uma possível vítima e não perpetrador". "E Madeleine"?

"Concluí essa Madeleine Force abriga o Silver Blood que tem estado atacando nossa comunidade," Kingsley disse, seu tom de voz quase casual.

"Silêncio! Silêncio na corte"! O Diretor Principal advertiu, quando a multidão tornava-se mais zangada e agitada. Vários vampiros levantaram de seus

assentos, e estavam assobiando e vaiando o testemunho de Kingsley. Mimi Force—a filha do Regis—cúmplice de Silver Blood? Isto era algum tipo de piada? "E a base para sua evidência"? O Diretor Principal grunhiu da plataforma alta.

"Ela expressou um desejo de aprender mais sobre o lado negro. Especificamente, quis saber como executar o Encantamento Demonata. A invocação de um Silver Blood".

"E por que ela disse que ela queria fazer isso"?

"Ela disse que ela queria eliminar um inimigo," Kingsley disse, olhando diretamente para Mimi.

Mimi tremeu em seu assento. Mentiras, mentiras. Tudo mentira! Pare de falar! Cale a boca! Cale a boca! Você era meu amigo! Traidor!

"E que era Bliss Llewellyn".

"Não"

"Não"? O inquisitor pareceu suavemente surpreso. "Não"

"Quem era o pretendido alvo?"

"Schuyler Van Alen".

Houve outro zumbido zangado no auditório.

Schuyler sentiu-se congelar. Então não estava só paranóica — Mimi quis destruí-la. Lembrou-se de seu sonho em que sua mãe estava acordada e falando com ela. O que Allegra tinha dito? Cuidado.

"Por que você permitiu que executasse o encantamento"? O Diretor Principal perguntou.

"Necessitava da evidência. Pensei que eu podia controlá-la, para-la antes que o

fizesse. Mas eu não pude. Era óbvio que tinha feito isso antes. Muitas vezes." "Obrigado, Venator".

Kingsley retirou-se. Agora que sua identidade era conhecida, parecia muito mais

velho, o rapaz adolescente arrogante tinha sido uma fachada, meramente uma pose. Andou pesadamente ao seu assento na fila frontal ao lado dos alunos de Duchesne, e eles lhe deram um sinal respeitoso.

"A investigação agora chama Charles Force à frente," o Diretor Principal anunciou.

O líder do coven desceu do pódio do seu assento na plataforma alta. Sua própria

filha, abrigando um Silver Blood! A vergonha estava escrita no seu rosto. Seu cabelo prata pareceu branco sob a luz, e havia olheiras pesadas sob os olhos. Parecia um homem quebrado, não o líder infatigável dos vampiros.

"Declare seu nome completo para o registro," O inquisitor mandou. "Charles Van Alen Force".

"Você destemunhou sua filha intrometer-se com Feitiços Negros?"

"Sim, mas..." Charles respondeu, limpando a sua testa com um lenço sedoso. "Encantamentos. Feitiços proibidos."

"Sim, mas..."

"Isso é tudo. Obrigado," o inquisitor disse, cortando seu testemunho. Charles pareceu querer dizer algo mais, mas suas palavras morriam em sua língua. Ele

pareceu cinzento e desalentado. Retirou-se e andou de volta a seu assento com o Conclave. Nenhum dos membros do Conclave olhava, e várias pessoas na multidão começaram a vaiar e a assobiar.

"Como evidência final contra Madeleine Force, nós apresentamos a Marca. Acredito que a acharam nas costas do seu pescoço," o inquisitor declarou.

"Isso é absolutamente ridículo. Eu não tenho a Marca de Lúcifer mais do que o resto de vocês," Mimi disse. Ela quis gritar. Isto era uma paródia. Uma armação! "Levante seu cabelo, por favor," o Diretor Principal dirigiu.

Mimi reuniu seu cabelo e o levantou. Tinha feito isso para Nan Cutler uma noite antes, quando executou o teste. Nada tinha acontecido, e ela estava certa de que estava limpa.

Houve um murmúrio agitado do Conclave. "O que"?

Seu pescoço, Mimi, há algo no seu pescoço. "Jack, você está me assustando."

Ela sentiu as costas do seu pescoço com as pontas dos dedos.

Carne levantada. Uma tatuagem. Mais como uma queimadura, como uma marca de gado.

O julgamento veio rápido e resoluto.

Mimi era o perpetrador. Foi considerada culpada de conspirar com um Silver Blood. Ela seria levada a prisão antiga em Veneza, onde seu sangue seria queimado, suas memórias destruídas, com nenhuma esperança de reencarnação. Como fiança foi pedido um milhão de dólares, que seu pai prontamente pagou, de modo que Mimi pudesse ser liberada a sua custódia. Mimi olhou Jack. Isto não pode estar acontecendo...eu não fiz isso. Você sabe que eu não faria. Você sabe. Você sabe.

Jack pôs um braço ao redor de sua irmã, mas seu rosto estava cheio de ansiedade. Isso era sério. Sentenciada a queimar! Mimi!

Os gêmeos Force esperaram Charles para descer a plataforma a seu lado. Ele ainda tinha o mesmo olhar traumatizado no rosto.

"Pai, o que nós podemos fazer agora"? Mimi disse. "Seguramente..." Charles estava estupefato. "Não há nada..."

"Nada"?

"Só tem uma maneira de refutar a Marca de Lúcifer. Deve ser submetida a um costume regular muito antigo. O julgamento de sangue. Mas somente Gabrielle—

Allegra Van Alen—pode executar isto".

"Gabrielle"? Mimi perguntou, com um profundo sentimento. "Sim".

Allegra estava em coma e nunca acordaria.

"Então não há nada que eu possa fazer para provar minha inocência"? Mimi perguntou.

"Nada".

QUARENTA E DOIS

O auditório da audiência se dispersou para o andar superior do Repositório, e

Schuyler esperou por seu avô na entrada.

Oliver já tinha seguido adiante, falando sobre um exame de Trig de tarde que não podia perder. Eles tinham recebido dispensa especial para assistir a

audiência aquela manhã. Schuyler sabia que devia ter voltado com ele, mas quis ouvir seu avô tomar conta da situação inteira.

Ele deixou o quartel general do Conclave, com Edmund Oelrich e Nan Cutler ao lado.

"Tomaremos sua licença, Lawrence," Edmund disse, curvando-se. "É uma tragédia o que aconteceu a esta comunidade".

"Te Garantimos, você terá nossos votos quando o tempo vier," Nan adicionou,

dando um tapinha no braço de Lawrence. "Devíamos tê-lo escutado há 400 anos. Em pensar que a Abominação alcançou a família real"!

"Obrigado". Lawrence assentiu. Ele se virou para Schuyler.

"Então. O que você acha de Kingsley Martin agora"?

Eles começaram subir a escada, em direção às portas laterais do único clube vampiro, o Bloco 122, e e saíram na calçada.

"Era Mimi desde o começo," Schuyler maravilhou-se. "Mimi..." isso era ainda

difícil de acreditar, especialmente com todas suas suspeitas que sobre Kingsley. "Você sabia que Kingsley é um Venator"?

Lawrence assentiu. "Sim".

Schuyler lembrou-se do que Kingsley tinha dito a Jack naquela manhã. Você não seria nada sem nós, sem os sacrifícios que nós fizemos.

"Mas você estava correta, neta. Kingsley é um Silver Blood," Lawrence disse,

acenando a Julius dentro do carro.

"O que você quer dizer"? Schuyler perguntou enquanto entrava, Lawrence segurando a porta aberta.

"A família dele é uma das antigas. Um dos guerreiros antigos. Foram

corrompidos por Lúcifer. Mas se voltaram para os Blue Bloods, arrependendo-se de ações, e eles aprenderam como controlar a Abominação, a fome, as vozes nas suas cabeças," Lawrence disse, fechando a porta. "Duchesne, por favor,

Julius. Deixaremos Schuyler primeiro e então vamos para casa," disse, abaixando o vidro que separava o motorista dos passageiros. Eles dirigiram pelas ruas de Chelsea à Rodovia Lateral Oeste. Era outro dia cinzento de Nova York.

"Mas como podemos confiar neles"?

"Confiamos neles por milhares de anos. Kingsley Martin é um Silver Blood só por omissão. Seu sangue é tão azul quanto o seu e o meu. Eles rejeitaram sua sujeição a Lúcifer, e foram muito úteis em nossa procura pelo conspirador".

Lawrence suspirou. "E ainda..." "E ainda"?

"E ainda...algo sobre este caso ainda me perturba. Você acredita que Mimi Force é culpada"?

"Sim," Schuyler disse inequivocamente. "É uma pessoa horrorosa, vô". "E saber que você era seu alvo é incomoda extremamente, sim. Mas..." "Mas o que"?

"Mas se você era o alvo, por que Priscilla foi tomada? E a menina de Llewellyn? Algo não bate".

Schuyler encolheu. Talvez ela não devesse apressar o julgamento, mas isso não

era o que O Comitê tinha feito? E ela não podia sentir achar no seu coração pena de Mimi. A garota tinha enviado um Silver Blood para matá-la, afinal de contas.

"Você ouviu o que Kingsley disse. Ele é um Venator. Isso não quer dizer que tem que contar a verdade? Em todas as vezes?"

Lawrence assentiu. "Sim. Charles sempre confiou neles. Foi ele que os recrutou para apoiar a nossa causa. Mas eu não sei. Eu sempre abriguei minhas dúvidas sobre os Martins".

O carro chegou até os portões da Escola Duchesne. Schuyler pulou para fora do carro, mas não antes de dar em seu avô um beijo na bochecha.

"Sua avó sempre disse para nunca confiar em superfícies brilhantes. Elas escondem uma multidão de defeitos."

Enquanto entrava na escola, Schuyler deu com Jack Force, que entrava pela porta lateral. Jack ainda usava seu terno cinzento escuro da audiência, e seus

olhos estavam marejados, como se tivesse chorado. Schuyler sentiu uma

punhalada de pena. Enquanto ela não tinha nenhum amor por Mimi, Jack era um lembrete de que nem todo mundo se sentia da mesma maneira.

"Ela não fez isso, você sabe," ele disse prontamente.

Schuyler pensou, ela quis destruir me! Ela mesma admitiu! Mas a Jack disse friamente, "Não foi isso que a corte achou".

"Mimi é egoísta...mas ela não é má," Jack implorou.

O sino da tarde tocou, sinalizando o fim do período de almoço e o início das aulas. Os estudantes começaram a correr para fora da cafeteria, escada acima, e

lotando o vestíbulo de mármore, onde Jack e Schuyler estavam. Vários

cochichando uns aos outros quando notaram Jack e Schuyler juntos conversando. Alguns Blue Bloods que tinham assistido a audiência pareceram

compassivos quando viram Jack, enquanto outros resplandecidos, queriam estar

o mais longe possível da sua presença..

Uma reunião especial do Comitê tinha sido programada para aquela tarde para alertar os membros juniores das últimas descobertas.

"Ela nunca verdadeiramente machucaria outra pessoa". Jack continuou a

pressionar seu caso da irmã. "Ela não te odeia. Não realmente". Ele desejou poder explicar. Não é a você que ela odeia, Schuyler. É mim. Ela apenas virou sua raiva porque ela não podia odiar quem ela ama. E ela me odeia pelo que eu tenho feito—por amar você.

Schuyler olhou-o ceticamente, mas guardou silêncio. Mimi Force. Azrael. O Anjo

da Morte? Não era esse o trabalho de Mimi? Trazer fim a uma vida? Para

surpresa dela, Jack parecia ser capaz de ler sua mente.

"Você não entende—é parte do equilíbrio. Nós somos quem somos. A morte é uma parte da vida. É o presente dos Red Bloods. Mimi é parte do plano

grandioso," Jack disse.

Schuyler encolheu. "Eu não estou tão segura disso," disse. "Adeus, Jack".

QUARENTE E TRÊS

Lawrence estava estudando atentamente arquivos no Repositório e notou que

um recorte de jornal estava completamente recortado exceto pela data no topo.

23 de Novembro de 1872. Ele ainda estava quebrando a cabeça com aquilo quando Schuyler voltou da escola. Ela contou ao avô sobre Jack Force ser capaz

de ler a mente dela naquela tarde.

"Eu pensava que estava a salvo da telepatia, e mesmo assim ele ainda é capaz de ler meus pensamentos. Por que?" Ela perguntou.

"Abbadon sempre foi um dos nossos maiores videntes," Lawrence disse. "Será preciso mais do que um simples exercício de occludo para alguém fechar a mente para ele. Mas as vezes acontece daqueles que se sentem atraídos um pelo outro poderem compartilhar algum tipo de parentesco."

"Atraído um pelo outro?" Schuler perguntou.

"Você deve ter notado que ele é atraído por você," Lawrence disse.

Schuyler ficou vermelha. Ela tinha esperança, mas nunca tinha pensado nisso como uma realidade. E ainda, mesmo com o Enlace dele com Mimi, ele tinha

procurado pela amizade dela e sugerido que talvez ele estivesse interessado em algo mais... Poderia ser mesmo ele?

"Mas ele tem um Enlace," Schuyler disse. "Não pode ser isso."

"Não. Não entre a nossa espécie. Abbadon sempre foi assim. Você não é a única a tentar a fidelidade dele," Lawrence disse. "Mas isso passará. Ainda bem que você não se sente atraída por ele. Caso contrário seria um desastre para vocês dois."

Ela olhou para o carpete, se perguntando se seu avô estava testando ela, ou se ele meramente presumiu que Schuyler escolheria o par certo simplesmente porque ela era sua neta.

"Sim," ela disse. "Graças à Deus por isso."

Ela sentiu um aturdimento repentino, e sua visão se tornou pincelada e borrada; seus joelhos fraquejaram, mas antes que pudesse desmaiar, Lawrence deu um salto e a firmou.

"Você ainda não fez como eu te falei," ele disse severamente. "Ainda não tomou um humano familiar. Você está enfraquecendo."

Ela balançou a cabeça.

"Essa não é uma questão trivial, Schuyler. Se você não tomar um familiar, se tornará em um perigo muito real que você sucumba a um coma como sua mãe."

"Mas eu..."

Lawrence a cortou com uma direta. "Você deve caçar, então- use a sedução. A Ligação. Mas esse é o único jeito agora."

A Cerimônia Oscular era um ritual entre vampiro e humana que era usualmente um desenvolvimento dentro de um relacionamento existente. Era por isso que humanos familiares eram tradicionalmente amantes e amigos dos Blue Bloods.

Mas O Código também permitia o uso dos poderes da Sedução se o vampiro estava desesperado. O vampiro poderia usar A Ligação para atrair o humano para si, hipnotizando o humano e bebendo o seu sangue.

"Eu te ensinei as palavras da língua sagrada que induziriam a isso," Lawrence disse. "Eu vou ao clube hoje à noite. Quando voltar, vou acreditar que você fez o necessário."

Seu avô saiu cedo depois disso, deixando Schuyler no andar de cima, no quarto. Eu não quero, ela pensou teimosamente. Não quero fazer isso com um estranho.

Não quero fazer com alguém que não conheço. Não estou desesperada! Ou estou?

Então, quase como se tivesse sido atraído pela ligação, alguém bateu na porta do quarto de Schuyler.

"O que é, Hattie?" Schuyler perguntou.

A porta se abriu. "Não é a Hattie, sou eu," Oliver disse, largado na entrada. "Não ouvi a porta da frente abrir. O que você está fazendo aqui?" Schuyler perguntou defensivamente.

"Seu avô me disse que você queria que eu viesse," Oliver explicou.

Ah. Então Lawrence tinha feito uma Ligação ele mesmo. Para isso era somente preciso usar um telefone. Muito esperto, vovô, Schuyler pensou.

Oliver caminhou até sentar-se no baú em frente a cama de Schuyler. Ele olhou para ela pensativamente. "Estava pensando... se você ainda quizer fazer aquilo, você pode."

"Quer dizer?"

"Sim."

"Aqui?" Schuyler perguntou, olhando ao redor do seu quarto, para seus posters do Evanescence, a casa roda dos sonhos da Barbie, a fila de covers do Playbill- Rent, Avenue Q, Os garotos de Oz- pregadas nas paredes das vezes que Cordelia regularmente a levava para os musicais da Broadway. Aquele ainda era um quarto infantil e pintado com amarela de carvalho de montanha. Não parecia

com um covil de um vampiro.

"Tão bom quanto qualquer outro lugar," Oliver encolheu. "Além do mais, isso nos salvará do custo de um quarto de hotel."

"Você está certo sobre isso?" Schuyler perguntou, alcançando a mão dele.

"Sim", Oliver suspirou. "Eu sei o que vai acontecer se você não fizer, e entre você e eu, eu prefiriria isso a que você fosse um vegetal. Eu odeio vegetais," ele brincou. "Especialmente brócolis...Então como nós..." Oliver disse. "Devo ficar de pé? Ou..." Ele se levantou e olhou em volta. Ele era muito mais alto que ela. "Não, sente-se," Schuyler disse, puxando-o gentilmente pelos ombros até a

cama. "Desse jeito eu posso te alcançar." Ela ficou entre as pernas dele. Ele olhou para cima. Ela achou que ele nunca pareceu tão bonito, ou tão vulnerável. Oliver

fechou os olhos. "Seja gentil."

Schuyler se enclinou, beijou a curva da base do seu pescoço, e então, sempre gentilmente, ela estendeu suas presas e as afundou nele.

Oliver assobiou entre os dentes, como se sentisse dor. "Devo parar?"

"Não... continue..." ele disse, balançando uma mão. "Não estou te machucando, estou?"

"Não... isso parece...bom, na verdade", ele gemeu. Ele colocou uma mão na cabeça dela e a guiou para seu pescoço.

Schuyler fechou os olhos e afundou suas presas de volta ao pescoço dele. Enquanto ela o fazia, seus sentidos aumentaram, e a mente dele se abriu para ela. A memória sanguínea veio resplandecendo. Era exatamente como Bliss disse: ela estava devorando a alma dele, sua existência... e, o que era aquilo? A mente dele era como um livro aberto agora, o sangue dele misturando com o dela, revivendo o dela... e ela pode ler cada pensamento que ele já tinha tido na vida... pode acessar qualquer memória.

Oliver estava apaixonado por ela.

Ele estava apaixonado por ela desde o começo. Desde que eles tinham se conhecido. Por anos e anos.

Ela há muito sentia uma suspeita disso mas tinha reprimido. Mas agora estava confirmado. Ela não podia negar.

Oh, Ollie. Eu não devia ter feito isso. Schuyler se desesperou.

O Beijo Sagrado somente aumentaria o amor dele, e não amenizaria. Agora eles estavam ligados um ao outro de um jeito novo e complicado.

Isso era mais do que ela tinha procurado. A amizade seria posta em perigo, ela

sabia disso agora. Não havia volta. Eles só seriam capazes de ir a diante. Como vampira e familiar. Entrelaçados por um antigo ritual de sangue.

Ela terminou. Estava saciada. Ela recolheu as presas e sentiu a vida- dando

energia fluindo pelo seu corpo. Era como se ela tivesse ingerido 24 galões de café expresso. Suas bochechas cheias de cor, e seus olhos cintilantes.

A cabeça de Oliver estava caída. Ele estava adormecido.

Schuyler gentilmente o deitou na cama, onde ele descansaria pelas próximas horas, e o cobriu com um cobertor.

O que eu fiz? ela se perguntava, mesmo enquanto tinha sua visão clara e seus sentidos aflorados. Eles seriam capazes de manter em segredo do Comitê? E se Oliver fosse banido por causa de que descobriram que um Conduit tinha virado um Humano familiar?

Ela lembrou-se de Cordelia dizer que Allegra tinha se casado com o pai de

Schuyler, contra O Código dos Vampiros. Sua mãe tinha trocado um Enlace por outro.

E Jack?

Quando Oliver acordou, Schuyler estava sentada em sua escrivaninha, olhando para ele.

"Bem," ele disse, arranhando o pescoço onde a marca da mordida ainda estava

crua, " Acho que é isso que chamam de amigos com benefícios." Os dois caíram na risada.

Schuyler atirou um travesseiro nele. Ela levou Oliver até a porta e agradeceu a

ele de novo. Ele beijou-a nos lábios e saiu. Um rápido beijo, mas ainda assim, o coração dele acelerou e deu um salto.

Aquilo tinha sido um erro.

QUARENTA E QUATRO

A suite de Allegra Van Alen no hospital era no topo do Columbia Presbyterian, em uma ala privada onde os ricos e famosos convalesciam. O quarto era decorado

em um estilo como os melhores hotéis da cidade, com linhos italianos brancos na

cama, um acarpetado suntuoso, e vasos de cristal cheios com flores frescas. Todos os dias, uma equipe de enfermeiras massageava e manipulava os membros dela para manter seus músculos dos perigos da atrofia.

Não que Allegra se quer notasse. Uma vez que a mais bela celebridade da cidade dormia, esquecida do mundo ao seu redor: uma mulher com um glorioso e

trágico passado, mas sem futuro. O monitor do coração próximo a cama mostrava um batimento estável, e por um longo tempo, não havia nenhum barulho no quarto mas somente o constante batimento da máquina.

Lawrence Van Alen estava sentado em uma cadeira do lado oposta à cama de Allegra. Ele tinha vindo visitar sua filha pela primeira vez desde que tinha retornado.. Era a visita que ele estava adiando por causa do peso emocional de

ver sua criança reduzida a tal diminuta capacidade.

"Oh, Gabrielle," ele disse finalmente. "Como você chegou a isso?"

"Ela não pode te escutar," Charles Force disse enquanto entrava no quarto, trazendo outro vaso de flores. Ele colocou-o na mesa ao lado da cama. Ele não

parecia surpreso de encontrar Lawrence ali.

"Ele escolheu não escutar," Lawrence disse. "Você fez isso." "Eu não fiz nada. Ela é que está fazendo."

"Mas que fosse assim, ainda seria sua culpa. Se você não tivesse-"

"Se eu não a tivesse salvado, você quer dizer, em Florença? Se eu tivesse deixado a besta te-la? Então ela não estaria em coma? Mas qual era a

alternativa? Deixa-la morrer? O que deveria ter feito? Me diga, pai"

"O que você fez foi contra as normas do Universo. Era a hora dela, Michael. Era a hora dela partir."

"Não me fale a respeito de tempo. Você não tem idéia do que aconteceu. Você não estava lá," Charles disse amargamente.

Ele colocou uma mão na bochecha de Allegra e afagou-a gentilmente. "Um dia ela acordará. Ela acordará por amor a mim."

"É triste que você ainda não tenha entendido, Michael. Ela nunca te amará do jeito que amou antes. Ela mesma não entendeu a escolha que você fez. Você deveria tê-la deixado morrer. Ela nunca te perdoará."

Os ombros de Charles Force se sacudiram. "Por que você fala comigo como se eu ainda fosse um garoto? Ela 's deixou o Céu por amor a você e Cordelia quando vocês foram banidos."

"Sim. Tínhamos sido sentenciados, nós que éramos leais a Lúcifer. Mas sua irmã nos trouxe esperança. Foi sua escolha tornar-se um dos mortos vivos."

"Assim como foi minha escolha segui-la".

Lawrence ruminou em sua história antiga. Quanto tempo isso parecia ter agora: Lucifer ascendendo ao trono, o Prince dos Céus em toda sua glória, sua

esplendorosa estrela brilhante subindo tão bela quanto o sol, tão poderoso quanto Deus, ou foi o que eles pensaram, para o próprio detrimento deles. Como eles tinham sofrido. O cruel exílio do Paraíso, e Gabrielle, a Virtuosa, que

tinha se voluntariado para se juntar aos lacaios de Lucifer para trazer salvação e esperança a sua espécie. Ela tinha se virado contra os Céus por amor a eles, e

Michael a tinha seguido para fora do Paraíso porque não podia suportar se separar dela. Os dois eram chamados de Incorruptíveis porque eles não estavam debaixo do pecado do banimento. Eles tinham partido por vontade própria. Por

amor e devoção.

"Então você venceu, Lawrence. Após todos esses anos, você finalmente tem o que quer. O Coven."

O Voto branco tinha sido chamado aquela manhã, e Lawrence tinha sido

colocado como Regis em uma quase eleição anônima. Charles tinha sido deposto de seu título e responsabilidades imediatamente. Sua reputação tinha sido

manchada pela convicção de Mimi. Ele tinha oferecido sua resignação ao

Conclave logo que as más notícias foram anunciadas.

"Eu nunca quis desbancar você, Charles. Só queria que estivéssemos a salvo." "A salvo? Ninguém está a salvo. Tudo o que você fará será plantar medo e fraqueza. Você nos fará nos retrairmos de novo. De volta as sombras. De volta a escuridão, onde nos esconderemos como animais."

"Não vamos nos retrair, um exercício tático no qual seremos capazes de nos preparar. Porque a guerra está vindo, e não há nada que você possa fazer para

para-la a tempo. Os Silver Bloods são ascendentes e o futuro desse mundo será decidido de uma vez por todas."

Charles Force permaneceu em silêncio. Ele caminhou até a janela e olhou para o

Rio Hudson.

"Mas eu tenho esperança. Dizem que a filha de Allegra atacará os Silver Bloods. Eu acredito que Schuyler nos levará a salvação que procuramos," Lawrence

disse. "Ela é quase tão poderosa quanto sua mãe." Ele contou a Charles sobre as habilidades de Schuyler. "E algum dia ela será ainda mais poderosa."

Schuyler Van Alen... a meio-sangue?" Charles meditou. "Você está certo de que ela é a única?"

Lawrence assentiu.

"Porque Allegra teve duas filhas," Charles disse em um fraco, quase divertido tom.

"Certamente, você não se esqueceu disso."

QUARENTA E CINCO

A condenação de Mimi, o processo formal para sua execução, foi coincidentemente agendada durante a semana de Ski da Duchesne em Março, então ela se permitiu fazer de conta que a

família estava apenas indo de férias para Veneza. A total possibilidade de que era seu sangue queimando, sua destruição iminente parecia absolutamente ridícula.

Ela acreditava que seu pai encontraria alguma maneira de salva-la de seu destino, e ela gastou o vôo de New York folheando através das revistas de moda, marcando as roupas que ela compraria quando retornasse a cidade. Mas uma vez que eles chegaram a Veneza, a ousadia de Mimi quebrou um pouco. Especialmente quando os membros do Conclave os acompanharam até seu Hotel. Eles tinham viajado para a antiga prisão também, para testemunhar o final da cerimônia.

Era difícil acreditar na morte e queimando em seu confortável quarto, quando ela ainda podia assistir My Super Sweet Sixteen e Tiara Girls* no TiVo. Mas o pé

pisando nas calçadas alagadas de Veneza pareceu trazer o passado à vida, e

suas memórias gritavam com imagens da caçada: levando morte para os inimigos Blue Blood, os mantos negro da condenação usado pelos traidores corrompidos, os gritos dos culpados.

Mimi estremeceu.

*programas de TV americano.

A tradição pedia para o acusado voluntariamente se render para o carcereiro, e sob o anoitecer da sua chegada, Mimi deixou seu Hotel e fizeram a caminhada histórica através da ponte dos suspiros, onde milhares de prisioneiros Blue Bloods tinham andado antes.

A ponte foi chamada assim porque era o ultimo ponto de observação onde o condenado poderia ver a cidade. Ela andou sobre a ponte levemente. Jack

estava ao seu lado, silencioso e sombrio. A alguns passos atrás deles, anciões e

guardiões do Conclave seguiram em procissão. Mimi podia ouvir os passos pesados das botas dos homens, e os ruídos leve dos saltos finos dos sapatos das

senhoras.

—Não, ela disse ao seu irmão. —O que?

Não aja como se eu estivesse morta. Eu por exemplo, não estou desistindo.

Ela estendeu seu queixo, desafiante e inflexível. —Eu não estou preocupada! Eles irão ver que eu fui criada!

—Nada consegue derrubar você, uh? Jack perguntou com um fantasma de um

sorriso. Ele se divertia com sua irmã malcriada e confiante como sempre. Sua coragem era admirável.

—Eu rio na cara na morte. Mas novamente, eu sou a morte.

Eles ficaram no meio da ponte, os dois se lembrando de uma outra caminhada, um outro tempo, em seus passados em comum. Uma memória feliz.

Uma idéia ocorreu a Mimi.

Ela se virou para seu irmão. Eles ficaram de frente um com o outro, testa com testa, quando eles tinham todos esses séculos atrás.

—Eu me entrego a você, ela sussurrou, entrelaçando seus dedos aos dele. Essas

foram às palavras sagradas que começou a cerimônia. Esse era todo o laço

exigido. Tudo o que ele teria que fazer era repetir de volta para ela, e a ligação seria selada em uma vida nova. Nesta vida.

Jack segurou suas mãos delicadas nas dele. Ele trouxe até os lábios e as beijou apaixonadamente, intensamente. Ele fechou seus olhos e segurou seus dedos trêmulos, sentindo com sua mente seu amor, seu desejo, toda sua alma,

esperando sobre um precipício pela sua resposta.

—Não, ainda não, suspirou, mantendo suas mãos ligadas com força e abriu os olhos para que pudesse olhar bem nos olhos dela.

—Se não for agora, quando? Ela perguntou, ameaça de lágrimas em sua voz. Ela o amava tanto. Ele era dela. Ela era dele. Era o caminho da sua espécie. Essa

era a história imortal deles. —O tempo pode estar acabando para mim. Para nós. —Não, Jack prometeu. —Eu nunca deixaria isso acontecer. Ele olhou para longe e libertou as mãos dela.

Mimi cruzou seus braços, furiosa, e olhou para ver o que o distraiu.

Schuyler Van Alen estava andando com seu avô, a alguns passos atrás deles. Sério! A garota desprezível não poderia deixá-la em paz? Ela tinha ganhado, não tinha?

—Espere, Jack disse. —Não é o que você pensa, eu preciso falar com Schuyler. Mimi viu quando Jack se aproximou da sua rival. Na noite da sua condenação, ela não poderia mesmo dar uma trégua?

Schuyler se assustou quando Jack Force apareceu ao seu lado. Ela havia viajado para Veneza, com Lawrence a pedido do seu avô. O pensamento de estar sendo

testemunha para a morte de Mimi Force não era uma experiência que ela estava esperando ansiosamente, embora, como Mimi, ela não poderia acreditar completamente que isso estava verdadeiramente acontecendo.

—Você sabe sobre o julgamento de sangue, Jack disse.

Ela concordou. —Sim, meu avô disse que é a única maneira de provar o que realmente aconteceu naquela noite. A única maneira de reverter a decisão do

Conclave na sessão.

O que Schuyler não disse foi que Lawrence tinha dito mais alguma coisa sobre o julgamento de sangue.

Seu avô tinha informado a ela sobre a história da sua mãe durante as lições de

vampiro e confidenciou que Gabrielle era o único vampiro que foi capaz de fazer isso: como uma Venadora de alto nível, ela podia chamar a memória de sangue

de falsa.

—Como filha de Allegra, você pode ter herdado essa capacidade, Lawrence disse. —Eu não sou...eu não posso...

—Me ouça atentamente, o julgamento de sangue significa que você terá que

beber o sangue da Mimi para descobrir a verdade sobre o que aconteceu

naquela noite. Apenas os incorruptos têm o poder de verificar a memória real da falsa na memória de sangue. Mas é um grande risco: beber o sangue de outro vampiro significa que há uma possibilidade de que você pode ceder a tentação que aflige o Silver Blood, matar Mimi, e ser condenada no processo, torna você mesmo uma abominação. É um risco que só você pode decidir tomar.

—E se eu escolher não? Schuyler perguntou. —Então a punição será feita.

O pensamento de que ela segurava a vida de Mimi nas mãos oprimia Schuyler. Arriscar sua própria vida para salvar sua inimiga! Como ela poderia se oferecer para tal tarefa? Ela tinha visitado sua mãe no hospital para uma orientação.

Allegra dormia tranquilamente em sua cama.

—Eu não sei o que fazer. Se eu não fizer isso, Mimi vai morrer. Mas se eu fizer isso, então eu poderia me tornar um monstro... Diga-me o que fazer, mamãe.

Me ajude."

No entanto, como de costume, não havia nenhum sinal de Allegra.

E agora Jack estava estudando Schuyler cuidadosamente. O que Jack queria dizer expondo isso agora? Ele não deveria permanecer ao lado de Mimi e ajudá-la a aceitar o inevitável?

Jack olhou para Lawrence que estava assistindo os dois profundamente. Ele voltou seu olhar para Schuyler. —Você é filha da sua mãe. Só você pode executar o jugamento de sangue.

Ela deu um passo para trás.

Lawrence pigarreou, mas segurou a língua.

—Lawrence, você mesmo afirmou, que Schuyler tinha poderes que nenhum de nós tem.

Schuyler por favor. Eu estou pedindo pra você. Jack disse, com

lagrimas nos olhos. —Você é sua única chance. Eles vão destruir ela.

De repente, Schuyler entendia o que estava em jogo. Este não era um jogo que

o Conclave estava jogando. Isso não era uma fantasia ou um jogo oferecido para suas diversões. Eles tinham conduzido uma investigação e pronunciado um julgamento. Punição havia sido registrada no livro de leis. Eles atravessaram o oceano para Veneza, a antiga prisão, para cumprir a sentença.

Mimi estava indo queimar.

Schuyler olhou de soslaio para Jack. Sua irmã tentou me destruir! Ela me queria morta tomada por um Silver Blood! Como eu posso...

Mas ela sabia o que tinha que fazer. Este era o sinal que ela havia procurado o tempo todo.

Ela olhou no fundo dos ansiosos olhos verdes de Jack.

—Tudo bem, ela disse, pegando uma respiração profunda. —Eu farei isso.

QUARENTA E SEIS

A condenação foi realizada em uma das antigas salas dentro do palácio Ducal e começou com um pronunciamento formal da sentença. Mimi Force foi levada à frente da sala em algemas. Um manto negro tinha sido colocado sobre seus ombros, e seu cabelo loiro estava coberto pelo capuz.

A Conclave de Anciões estavam em um semicírculo entorno dela. O guardião chefe tinha terminado de descrever o processo quando Lawrence suspendeu o procedimento.

—Como Regis, tenho razões para pedir um julgamento de sangue para refutar ou confirmar o veredito nessa sessão do Conclave.

—Julgamento de sangue? Edmund Oelrich, o chefe guardião, perguntou. —Mas certamente não há nenhuma maneira. Allegra ainda está dormindo, não está? Charles Force, que estava sentado na frente ao lado de seu filho, deu um pulo.

—Eu apóio a proposta para o julgamento de sangue.

—Lawrence, isso é sensato? O que você está falando? Nan Cutler perguntou. —A filha de Allegra, Schuyler Van Alen, se ofereceu para realizar o ritual.

Lawrence chamou Schuyler para vir à frente. —Uma mestiça? Forsyth Llewellyn exclamou.

—Eu sou contra isso. Como sabemos que ela é digna? —A filha de Allegra? Outro ancião perguntou.

—Ela é dotada com poderes muito além do normal, e eu estou confiante de que

ela será capaz de realizar essa tarefa.

O Conclave murmurou, e uma espera da execução foi concedida enquanto eles se reuniam por este novo desenvolvimento em uma outra sala. Poucas horas

depois, o Conclave retornou. Finalmente o chefe guardião falou. —O julgamento de sangue será confirmado.

Mimi e Schuyler foram levadas a uma pequena cela ao lado da sala do tribunal.

Lawrence deu tapinhas nas costas de Schuyler. —Esteja segura, e lembre-se do que eu te disse.

Quando estavam sozinhas, Mimi puxou o capuz da sua cabeça e olhou para

Schuyler com desagrado. —Você.

—Eu.

—Eu não preciso de você. Eu prefiro morrer.

—Prefere? Porque essa é certamente a outra opção. Schuyler repreendeu. Mimi corou.

—Meu irmão te obrigou a isso, não foi?

—Sim. É a ele que você terá que agradecer pela sua vida, se realmente você se provar inocente, Schuyler respondeu.

Mimi cruzou os braços e estudou suas cutículas. Ela rolou os olhos. —Tudo bem. Vamos acabar com isso.

Mimi ergueu o queixo e fechou os olhos.

Schuyler ficou na ponta dos pés e colocou a boca no pescoço de Mimi. Ela afundou seus dentes nele...e assim como Oliver, ela foi transportada para o passado...vendo o que estava dentro das memórias de Mimi...voando de volta para a noite do ataque.

O subterrâneo escuro do Repositório. Mimi e Kingsley rindo sobre o livro. De pé dentro do pentagrama, a cintilação da vela e suas sombras nas paredes de pedra.

Mimi cortou seu pulso, enviando o sangue sobre as chamas e falando as palavras.

Mas então...não aconteceu nada.

Mimi havia desmaiado, mas o feitiço não tinha funcionado.

Ela tinha sido incapaz de convocar o ódio necessário para trazer o Silver Blood. Mas Mimi não tinha ficado inconsciente, apenas desorientada. Ela havia testemunhado os acontecimentos que se desenrolaram em seguida, mas a memória disto ficou no seu subconsciente, é por isso que ela não tinha sido

capaz de se lembrar, para provar sua inocência. Agora, através do julgamento de sangue, Schuyler foi capaz de ver o que realmente tinha acontecido.

Kingsley praguejou e pegou a faca. Cortou os pulsos e chamou a convocação, em uma voz forte e profunda.

Houve um rasgo no chão: o terremoto, a chama que se atirou pra fora. Fumaça encheu o ar, e de repente houve uma volumosa massa escura indo direto para Bliss Llewellyn e então, matando Priscilla DuPont.

Na confusão resultante, Kingsley ajudou Mimi a se levantar, e colocou uma mão em seu ombro.

Schuyler sentiu uma pressão fria na parte de trás do seu pescoço, assim como

Mimi tinha experimentado.

Então Kingsley empurrou Mimi para o canto, e correu para o repositório fingindo ser atingido por uma estante.

Era Kingsley desde o princípio.

Schuyler murmurou, se alimentando do sangue de Mimi. Sabia que deveria

parar, mas não podia. Ela queria ver, queria devorar todas as memórias de Mimi. Ela viu algo mais: a noite do baile Four Hundred, a pós festa na fundação Angel Orensanz. Jack Force, colocando a máscara preta usada pelo rapaz que a tinha beijado naquela noite.

Então, tinha sido Jack que beijou ela depois de tudo.

A compreensão fez ela perder seu domínio sobre Mimi, e ela se afastou, soltando suas presas.

O apelo do sangue tinha sido forte, ela tinha sido tentada a tomar Mimi ao

consumo total, para absorver todas suas memórias e seu ser. Mas o choque de ver Jack na máscara tinha salvado ela de se tornar uma abominação.

Schuyler se chocou contra a parede, sensação de desmaio e delírio, enquanto

Mimi desmaiou e caiu sobre a cadeira mais próxima.

Quando ela achou seus propósitos, Schuyler retornou para dirigir-se a Conclave. —Mimi é inocente, ela disse, e assim como Lawrence tinha mostrado a ela, ela

segurou seus pensamentos pra si, e mostrou a eles o que tinha visto na memória de sangue, projetando a visão de Kingsley Martin chamando o Silver Blood, para todos no quarto.

QUARENTA E SETE

Mimi tinha sido liberado para ir com sua família, e Schyler esperou com seu avô na entrada do Palácio Ducal pelo transporte.

"Eles vão deter os Martins?" Schuyler perguntou.

Lawrence olhou para o céu. "Sim, um time de Venators já foi enviado para a casa deles. Mas eles não os encontrarão lá." "Por que não?"

"Porque eles já terão desaparecido," Lawrence disse. "Não será fácil pegá-los." "Você sabia?"

"Não até você ler a verdade na memória do sangue. Eu suspeitei, mas não sabia.

Não é a mesma coisa."

"Mas você deveria ter mandado alguém para a casa do Kingsley..." "Não sem provas."

"Mas você esperou- e agora eles se foram."

Lawrence assentiu. "Sim, eles se foram. Mas pelo menos nós sabemos que estamos na pista certa. Priscilla DuPont foi morta não só como amostra do

aumento do poder deles, mas porque ela tinha chegado perto de descobrir quem

abrigava o Silver Blood no Conclave. De fato, ela estava prestes a confrontar o perpetrador quando a explosão aconteceu."

"Ela ia denunciar os Martins."

"Acredito que sim."

"Então o que isso prova?"

"Isso prova que Cordelia e eu estávamos certos o tempo todo." "Mas com a fuga dos Martins..."

"Os Martins não eram os únicos suspeitos," Lawrence disse. "Eles eram meros soldados, parceiros, feitos para executar os planos de seus mestres. Se o que ela me disse for verdade, tem outra família, ainda na escuridão. que abriga os Silver

Bloods que tem sido um instrumento para trazer Lucifer de volta." "Quem?"

"Isso, Schuyler, é o que temos que descobrir."

Schuyler processou a informação. Os Martins se revelaram, mas ainda existia um mestre de fantoche nos bastidores manipulando as barbantes. Ela pensou nos arquivos que Priscilla DuPont tinha coletado antes de morrer.

"Você, o que aconteceu com Maggie Stanford? Alguém sabe?" Lawrence balançou a cabeça. "Não"

Os Forces- Charles, Jack e Mimi- saíram da sala de audiência juntos. Alivia era evidente em seus rostos.

Jack se aproximou de Schuyler. "Obrigado," ele disse simplesmente.

Você me beijou, Schuyler pensou. Ela lembrou-se de tudo o que ele disse naquela noite... Como você sabe que ele não está interessado? Você pode ter uma surpresa.

Ele sabia que ela sabia?

Ela quis tocar a bochecha dele, beijar a pele dele suave de novo, mas ela viu

Mimi olhar de cara feia. Mesmo se Mimi Force devesse a ela sua vida, não significava que ela seria boa com Schuyler nunca.

"De nada," ela disse a Jack.

Charles se juntou a eles. "Quando voltarmos para Nova York, Já teremos preparado o quarto de convidados para você. Acho que você encontrará tudo do

jeito que gosta."

"Do que você está falando?" Schuyler perguntou. "Sim, Papai, que diabos?" Mimi interrompeu.

"Seu avô falhou em não mencionar isso, eu vejo." Charles sorriu severamente. "Lawrence, você talvez tenha ganhado a liderança do Coven, mas eu venci a batalha da adoção. Schuyler, as cortes Red Bloods decidiram, em sua infinita

sabedoria, colocar você sob minha custódia." "Vovô..."

"É verdade. Os apelos foram rejeitados." Lawrence disse, com a cabeça para

baixo. "Charles, eu não tinha percebido que você insistiria nisso. Sinto muito, Schuyler. Eu continuarei lutando, mas por enquanto, você terá que viver com os Forces. Charles, não é

preciso que venha buscar Schuyler, eu mesmo a levarei." Mimi olhou para Schuyler, enquanto Jack apenas parecia chocado.

Morar com eles?

Eles estavam loucos?

Schuyler olhou de um gêmeo para o outro, e percebeu que ela tinha sobrevivido ao julgamento de sangue apenas para se encontrar enfrentando a novo e mais complicado desafio.

QUARENTA E OITO

Voltar para casa, para a Cobertura des Rêves de sua madrastra era um pouco de um decepçante depois da paparicação na clínica da Dr. Pat. Bliss tinha finalmente recebido alta depois de várias semanas depois de ser mantida em observação para ter certeza de que ela estava estabilizada e não tinha exibido nenhum sinal de corrupção. Ela se perguntava o que eles estavam esperando para atacá-los? Que ela cortasse os pulsos? As enfermeiras da clínica agiam como tivessem medo de ficar muito perto, que algo pudesse acontecer.

Era o primeiro dia da semana de ski, e usualmente a família estaria em um avião para Gstaad agora, mas as questões do Conclave tinham convocado seu pai para Veneza. BobiAnne tinha ido com ele, mas somente assim ela poderia ir nas lojas da Via Condotti em Roma. Jordan tinha acompanhado os pais, já que tinham decidido que ela era muito nova para ficar sozinha. Enquanto Bliss ainda se recuperava, ela tinha sido deixada aos cuidados dos empregados domésticos. Bliss estava em casa durante o julgamento e a sentença de Mimi, mas tinha certeza que Mimi sairia dessa sem sofrer algum dano. Seria muito fácil imaginar uma vida sem os jeitos ditatoriais de Mimi, e não havia uma maneira do universo ser tão gentil para livrar-se dela.

Bliss estava entediada e sozinha no apartamento e decidiu limpar o guarda-roupa por não ter nada melhor para fazer. Talvez fazendo esse ritual de limpeza de

primavera que as revistas femininas sempre aconselham: descarte roupas que

você não usou em dois anos, ou aquelas que estão muito gastas ou as que não cabem mais - esse tipo de coisa.

Ela estava quando uma longa caixa de veludo caiu no chão e um colar saltou dela.

Era a esmeralda. Ela tinha esquecido de devolver ao seu pai para manter a salvo no cofre depois do Baile dos Four Hundred. Bliss pegou o colar, ainda sentindo-se receosa a respeito da história da jóia. A Maldição do Lúcher de fato. Enquanto

ela colocava aquilo de volta na caixa, um foto escorregou de debaixo da almofada de veludo.

Bliss abaixou para pegá-la, estudando a foto. Era uma foto de seu pai,

parecendo novo e magro numa capa de caça e botas, com uma mulher ao lado que Bliss sempre tinha suposto que era sua mãe. Seu pai mantinha uma cópia murcha da foto na carteira. Essa daqui estava muito mais preservada. Bliss notou o longo cabelo loiro de sua mãe. Os olhos de Bliss, seu pai sempre dizia. Você tem os olhos de sua mãe. Os olhos de sua mãe eram verdes, como o dela, tão verde quanto a esmeralda que ela segurava em sua mão.

Bliss virou a foto.

Forsyth Llewellyn e Allegra Van Alen, 1982. Allegra Van Alen? Essa não era a mãe de Schuyler ?

Devia haver algum engano. O nome de sua mãe era Charlotte Potter.

Sobre o que era tudo aquilo?

Bliss ainda estava confusa sobre a inscrição estranha quando houve um choque na janela. Vidros se despedaçaram aos seus pés e Bliss correu para ver o que tinha acontecido.

O garoto estava tremendo no canto, seus pés sangrando por causa do vidro quebrado. Ele estava vestindo a mesma camisa e jeans de quando ela o viu pela última vez. Seu cabelo escuro estava molhado e emaranhado, mas ele olhava

para ela com os mesmos tristes e envergonhados olhos. Dylan! Era ele de verdade. Ele estava vivo.

Ele deu uma olhada para cima, sua respiração pouco funda e esfarrapado.

Ela correu para ele, ainda segurando a esmeralda na mão.

Dylan olhou para Bliss , e então recuou quando viu o que ela estava segurando, quase como se aquilo o machucasse.

Ele deu uma olhada para cima, sua respiração pouco funda e esfarrapado.

Ela correu para ele, ainda segurando a esmeralda na mão.

Dylan olhou para Bliss , e então recuou quando viu o que ela estava segurando, quase como se aquilo o machucasse.

—Você está vivo! Bliss disse alegremente. —Mas está ferido- me deixe te ajudar.

Dylan balançou a cabeça. —Não há tempo para isso agora. Eu sei quem é o Silver Blood.

Nova York Herald

Arquivos

23 de Novembro de 1872

HERDEIRA PERDIDA ACHADA MORTA NO RIO

Polícia de Nova York descobre o corpo de Maggie Stanford dois anos após a denúncia de seu desaparecimento. Uma suspeita de crime.

O CORPO DE UMA BEM VESTIDA e linda mulher foi encontrado boiando no Rio Hudson. O policial Charles Langford descobriu uma caixa as 6 da manhã e comunicou a questão ao Décimo Distrito. O corpo foi tirado da água e carregado

à casa de estação. Existiam marcas em sua cabeça e no corpo, que levam a polícia a acreditar que a mulher foi brutalmente morta. Ela tinha cabelos vermelhos, olhos verdes, estava vestida com uma numera beca de bola sedosa

branca aparada com fitas cor-de-rosa . Nos esforços de definir a identidade da mulher, a polícia encontrou um lenço branco de linho que continha as iniciais

"M.S" no bolso do vestido.

O corpo foi subsequentemente identificado como Maggie Stanford, a filha do magnata do petróleo Tiberius Stanford e Dorothea Stanford, que faleceu a 2

meses atrás de demência resultante do desaparecimento de sua filha. As roupas que reportaram que Maggie Stanford estava usando no Baile dos Patrícios na noite em que ela desapareceu combinam com a descrição da beca de bola usada

pela mulher morta. O corpo estava desordenadamente bem conservado, com quase nenhum sinal de decomposição. O corpo foi enviado ao hospital para mais exames, mas no dia seguinte foi informado que sumiu do necrotério. A polícia continua confusa por este caso estranho.

FIM!!!